



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARA
CENTRO DE HUMANIDADES – CH - DL
DEPARTAMENTO DE LITERATURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA**

FRANCISCO JACSON MARTINS VIEIRA

**A MITIFICAÇÃO DAS FIGURAS EMBLEMÁTICAS DE PADRE CÍCIERO E
LAMPIÃO ATRAVÉS DA LITERATURA DE CORDEL**

FORTALEZA

2012

Francisco Jacson Martins Vieira

**A MITIFICAÇÃO DAS FIGURAS EMBLEMÁTICAS DE PADRE CÍCIERO E
LAMPIÃO ATRAVÉS DA LITERATURA DE CORDEL**

Dissertação apresentada ao curso de Literatura
Letras da Universidade Federal do Ceará como
requisito parcial para obtenção do título de
Mestre em Literatura Brasileira.

Orientadora: Prof^a. Dra. Martine Suzanne
Kunz

FORTALEZA
2012

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

-
- V715m Vieira, Francisco Jacson Martins.
 A mitificação das figuras emblemáticas de Padre Cícero e Lampião através da literatura de cordel /
Francisco Jacson Martins Vieira. – 2012.
 177 f. , enc. ; 30 cm.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento
de Literatura, Programa de Pós-Graduação em Letras, Fortaleza, 2012.
 Área de Concentração: Literatura regional.
 Orientação: Profa. Dra. Martine Suzanne Kunz.
- 1.Literatura de cordel brasileira – Brasil,Nordeste – História e crítica. 2.Lampião,1900-1938.
 3.Cícero,Padre,1844-1934. 4.Sertões. 5.Mito na literatura. I.Título.

CDD 398.209813

Francisco Jacson Martins Vieira

**A MITIFICAÇÃO DAS FIGURAS EMBLEMÁTICAS DE PADRE CÍCIERO E
LAMPIÃO ATRAVÉS DA LITERATURA DE CORDEL**

Dissertação apresentada ao curso de Literatura
Letras da Universidade Federal do Ceará como
requisito parcial para obtenção do título de
Mestre em Literatura Brasileira.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Martine Suzanne
Kunz

Aprovada em: 29/11/2012.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dra. Martine Suzanne Kunz (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Stélio Torquato Lima
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^ª. Dra. Kênia Sousa Rios
Universidade Federal do Ceará (UFC)

À Patrícia e Larissa,

Pelos inesquecíveis momentos de profundo amor em família e companheirismo.

AGRADECIMENTOS

Agradecer mexe com a memória e torna registrado o esquecimento! Por não ser uma tarefa muito fácil é perigosa! Não pela dificuldade de lembrar, mas pelo medo de deixar de agradecer a alguém que mereça. É uma oportunidade única de demonstrar gratidão por tantos que tornaram este sonho uma realidade possível: pela experiência partilhada, pela dedicação, pelos conselhos, ou, simplesmente, por terem sido ouvintes, contadores de histórias e pacientes. Como agradecer?

Quem realiza um trabalho de pesquisa sabe o quanto solitário podem ser as manhãs, tardes e noites de leituras e escritas. Longos momentos onde o cursor da tela é a única testemunha e companheiro. Ao mesmo tempo em que é solitário, é também um trabalho conjunto; só me foi possível chegar ao fim desta jornada graças ao esforço de tantos que vieram antes de mim. Tantos outros que abriram e traçaram caminhos, que depois pude trilhar, sozinho ou em *romaria* com outros que bem antes percorreram o sertão e aportaram suas buscas na procura de mitos festejados e perpetuados na literatura popular. O que apresento neste trabalho dissertativo é fruto de uma pesquisa acompanhada de vários olhares, de muitas vivências, de viagens, das feiras, de conversas repletas de informações, de sorrisos e de tristeza por ver na travessia um ponto de parada, mesmo que seja pelo instante do aprofundamento futuro.

À CAPES, pelo apoio financeiro com a manutenção da bolsa de auxílio, indispensável à realização da pesquisa.

A minha orientadora, Professora Martine Suzanne Kunz, um agradecimento especial. Primeiro por ter “apostado” em um projeto de pesquisa com várias lacunas e segundo por ter sido uma orientadora no sentido mais amplo da palavra: através de suas reflexões, reuniões de orientação e conselhos, foi possível que eu construísse uma nova problemática do assunto e engendrasse a pesquisa que agora apresento.

Segundo, pelo comprometimento acadêmico em orientar-me não somente para a tarefa acadêmica, mas por deixar-me aprender em suas palavras o sentido das coisas, da generosidade, da vida. Foi um presente ouvi-la e, aprender, também no silêncio de suas reflexões antes das orientações para que eu não me perdesse durante a travessia.

Também agradeço ao professor Stélio Torquato Lima, do Departamento de Literatura da UFC, pela generosidade de pesquisador nas contribuições discursivas, pelo comprometimento na indicação de novas fontes de pesquisas, indispensáveis à Dissertação e a professora Kênia Souza Rios, do Departamento de História da UFC, pela atenção direcionada a este trabalho em suas observações e nas indicações bibliográficas tão essenciais à tessitura

acadêmica do mesmo e pela participação de ambos na minha banca de qualificação; as sugestões foram bem vindas e, principalmente, a confiança que vocês me deram foi imprescindível para a continuação do trabalho.

Para minha família, agradecimentos especiais. Obrigado por terem me dado oportunidade de chegar até aqui, por me ensinarem desde cedo a enfrentar os desafios de frente.

E por último, obrigado as minhas maiores incentivadoras. Com elas compreendi o sentido de muitas coisas: companheirismo, afeto, dedicação, amor. Obrigado por entenderem a importância desta pesquisa na minha vida. Sem vocês o caminho não teria sido tão animado, encantado e real. Obrigado, Patrícia e Larissa.

“Cordel quer dizer barbante
Ou senão mesmo cordão,
Mas cordel - literatura
É a real expressão
Como fonte de cultura
Ou melhor poesia pura
Dos poetas do sertão.”

(Rodolfo Coelho Cavalcante)

RESUMO

A presente dissertação tem como objetivo principal analisar o processo de mitificação de duas figuras emblemáticas como Pe. Cícero e Lampião no sertão do Século XX através da Literatura de Cordel. Na Literatura de Cordel, a construção do herói/mito popular é efetivada por uma narrativa, uma história contada e imaginada na qual o sertão, em seu espaço e tempo, podemos dizer, é um lugar fértil à criação de mitos. Lugar do sagrado, da transcendência da fé, do santo protetor, do profano, do épico, do enfrentamento do real, do banditismo social, do bandido/herói produzido por inúmeras vozes, culturalmente caracterizadas pelo diálogo entre aquilo que o povo conhece, que está acostumado a ler, a ouvir a novidade introduzida pelo poeta visando agradar ao leitor que, exerce forte participação na obra como reprodutor do contado e/ou colaborador. Este é na verdade o tema que o poeta sertanejo mais gosta, até mesmo devido aos aspectos sociais e culturais, em glorificar a figura do fora-da-lei por sua coragem em enfrentar a injustiça que a população da época vivia ou em exaltar a interlocução do santo padre entre Deus e os homens. O fato é que os mitos nordestinos tornaram-se mais presentes na cultura popular a partir do momento em que o poeta de cordel os glorificou em suas linhas temáticas. Para melhor entender este aspecto, neste estudo abordaremos dois personagens nordestinos que até os dias atuais são tidos como herói e santo pelo povo brasileiro. Portanto, a metodologia utilizada na presente pesquisa trata-se de um estudo exploratório, descritivo, bibliográfico, documental, com abordagem qualitativa, por meio dos cordéis e da literatura que se referem ao tema em questão.

Palavras – Chave: Sertão, Lampião, Pe. Cícero, Mito, Literatura de Cordel.

RESUMEN

La presente disertación tiene como objetivo principal analizar el proceso de mitificación de dos personajes emblemáticos como Pe. Cícero y Lampião en el sertão del Siglo XX por la literatura de folleto. En la literatura de folletos, la construcción del héroe/mito popular es empleada por una narrativa, una historia contada e imaginada en el que el sertão, en su espacio y tiempo, somos capaces de decir, es un lugar fértil a la creación de mitos. Lugar del sagrado, de la transcendencia de la fe, del santo protector, del profano, del épico, del enfrentamiento real, del bandidaje social, del bandido/héroe producido por voces innumerables, culturalmente caracterizadas por el diálogo entre aquello que la gente sabe, es habitual, a leer, a oír a la novedad introducida por el poeta que apunta al lector que, ejerce gran participación en el trabajo como reproductivo del contado y/o como colaborador. Esto es de hecho el tema que el poeta más gusta, hasta debido a los aspectos culturales y sociales, en glorificar al proscrito por su valor en el enfrentamiento de la injusticia que la población de la época vivió o en exaltar la interlocución del sacerdote santo entre Dios y los hombres. El hecho es que los mitos nordestinos se hicieron más presentes en la cultura de masas a partir del momento en que el poeta de cordel los glorificó en sus líneas temáticas. Para mejor entendimiento de este aspecto, en este estudio nos acercaremos a dos personajes nordestinos que para los días de hoy son tenidos como héroe y santo por la gente brasileña. Por lo tanto, la metodología utilizada en la presente investigación tratase de un estudio documental, bibliográfico, descriptivo, exploratorio, con el enfoque cualitativo, por medio de los folletos y de la literatura que se refieren al sujeto antes mencionado.

Palabras – Llave: Sertão, Lampião, Pe. Cícero, Mito, Literatura de folleto.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. O SERTÃO NORDESTINO: UM ESPAÇO A SER DECIFRADO	17
1.1. O Sertão da Seca: Da sobrevivência ao Enfrentamento pela Vida.....	22
1.2 A Literatura de Cordel como Expressão Estética Privilegiada do Sertão.....	26
2. O SERTÃO COMO ESPAÇO DE CRIAÇÃO PARA OUTROS ESPAÇOS ATRAVÉS DA LITERATURA DE CORDEL	39
2.1. Do Espaço Religioso.....	43
2.1.1. A Oração.....	50
2.1.2. A Romaria.....	54
2.1.3. O Milagre da Hóstia.....	65
2.2. Do Espaço Profano.....	73
2.2.1. O Cangaco.....	76
2.2.2. O Coronel.....	78
2.2.3. O Cangaceiro.....	79
2.2.4. O Coiteiro.....	87
2.2.5. A Volante.....	89
3. A MITIFICAÇÃO DE PE. CÍCERO E LAMPIÃO NA LITERATURA DE CORDEL	91
3.1. Pe. Cícero Romão Batista: Do homem ao Santo.....	91
3.2. Do Santo ao Mito.....	111
3.3. De Virgulino Ferreira da Silva a Lampião.....	129
3.4. De Lampião ao Mito do Cangaco na Literatura de Cordel.....	143
5. Considerações Finais	158
6. Referências	162

INTRODUÇÃO

De acordo com Chartier (1995, p.192), o “popular” qualifica um tipo de relação, um modo de utilizar objetos ou normas que circulam na sociedade, mas que apresentam inúmeras maneiras de receber, compreender e manipular esses elementos. Ou seja, o popular como qualificador de um sistema de relações sociais intimamente ligados à ação cotidiana, remetendo-se aos seus respectivos produtores, relacionando-os ao seu tempo social e espaço social.

Assim, a Cultura Popular é um magnífico tesouro que enobrece a alma do nosso país, encantando e dando lenitivo aos nossos corações. Ela abrange um elenco de manifestações que fazem parte do cotidiano do povo; um relicário de valores expressivos que vão se perpetuando através das gerações e alimentando a memória viva da nação como através de uma das principais expressões culturais da nossa população, a Literatura Popular.

No Brasil, pouco se discute, a Literatura de Cordel nos chegou através do dos colonizadores lusos, em “folhas soltas” ou mesmo em manuscritos. Só muito mais tarde, com o aparecimento das pequenas tipografias, fins do século passado, a Literatura de Cordel surgiu e se fixou no Nordeste como uma das peculiaridades da cultura regional. Diante dessa proposta cultural, cabe-nos conceituar Literatura de Cordel, nos assegurando da definição do Prof. Raymond Cantel, titular da Universidade de Sorbonne, grande estudioso do assunto que, em 1976, num ciclo de estudos sobre o tema afirmou: “A Literatura de Cordel é uma poesia narrativa, impressa e popular”.

O Cordel é uma literatura viva, intimamente ligada com a cosmovisão popular, do que decorre sua condição de caminho para o entendimento da própria identidade nacional. Mais do que simplesmente narrar histórias, os cordelistas deixam extratos para o mapeamento da “história/alma” de um povo.

Os textos da literatura de cordel não se utilizam de uma linguagem formal, da chamada linguagem culta, pelo contrário, os textos são sustentados em uma linguagem coloquial ou semicoluquial, voltadas para a linguagem regional e popular. É possível encontrar na leitura dos cordéis citações de provérbios, trava-línguas, cantigas, ditos e expressões populares, correspondendo à forma de falar ou de cantar, obedecendo a um sistema de rimas, ritmos e discursos típicos de uma *performance* oral.

Outro fator próprio da Literatura de Cordel é a sensação de redundância e monotonia da linguagem causada aos leitores mais atentos, mas que tornam-se interessantes

para o público que está apenas a ouvir. Os textos presentes nesse gênero literário indicam um modo de pensar oral.

Como forma de pensar “coletivo”, muitas vezes a literatura popular constrói, seus heróis, santos, beatos e mitos obedecendo uma lógica intimamente agregada ao imaginário do povo nordestino, legitimando uma condição ou um conjunto de práticas e experiências deste povo, uma vez que as populações sertanejas são profundamente místicas, insopitavelmente atraídas pelo maravilhoso, pelo sobrenatural, por tudo aquilo que, inexplicável para elas, significa a manifestação de vontade divina, ou disposição de potência que não é deste mundo.

O pesquisador americano Curran (1998, p.17-19) afirma que a literatura de cordel deve ser analisada tanto sob a perspectiva folclórica como sob a perspectiva da poesia popular:

O cordel tem características tanto populares com folclóricas, ou seja, é um meio impresso, com autoridade designada, consumido por um número expressivo de leitores numa área geográfica ampla, enquanto exhibe métricas, temas e *performance* da tradição oral. Além disso, conta com a participação direta do público (...) É caracterizado como meio híbrido: popular em termos de produção, disseminação e consumo, e folclórico, no pensar dos seus poetas tradicionais e do público.

O autor em seu livro *História do Brasil em Cordel*, considera também, os poemas de cordel, principalmente os poemas acontecidos como fonte histórica, uma vez que são realmente memória, documento e registro de cem anos de história brasileira, recordados e reportados pelos cordelistas.

A escolha pela Literatura de Cordel justifica-se pela fascinação oferecida por sua leitura, levando-nos a mundos jamais percorridos, nos quais pessoas comuns em um meio tão adverso como o *sertão* convertem-se em mártires, santos, bandidos, heróis em mitos populares. Por reconhecê-la como um importante meio de expressão popular com valor informativo, documental e de crônica poética e histórica, entendemos que neste cenário, o cordelista ao mesmo tempo é poeta, conselheiro do povo, historiador e fomentador do imaginário popular, sobretudo no sertão nordestino.

Na verdade, a arte e sabedoria do cordel têm servido de norte não apenas para comunicar os fatos da realidade como também para educar e estimular o povo ao ato da leitura. No entanto, cuidaremos de analisar objetivamente a tradição do cordel dentro de um ambiente que ao mesmo tempo apresenta-se como adverso e responsável pela criação e transformação de figuras emblemáticas como Pe. Cícero e Lampião.

Este que por vezes sai da categoria de bandido e passa a herói popular, do homem (in)comum, do rei do cangaço ao mito. Enquanto Pe. Cícero sai do homem comum ao padre milagroso, do santo ao herói nacional, a partir de uma vasta bibliografia que germina como

um caminho fértil da literatura popular, comentando o cordel tanto em sua origem como em seus desdobramentos já inseridos no imaginário de nossa gente.

A incursão na diversidade das manifestações promovidas pelo cordel reflete diretamente a cultura do nosso povo, a poesia na rua, nas feiras livres, na exposição dos folhetos, o homem que sente o abandono na luta desigual contra a natureza, ficando predisposto ao milagre, à credulidade e à liderança de messias religiosos e sociais que lhes indicam o caminho da salvação, que atravessa o cenário urbano e se converte em porta-voz duma classe ainda sofredora.

É o que nos assegura Thompson (2005) quando fala da cultura popular que é transmitida oralmente de geração em geração, pois pertence ao domínio do oral: ritos, formas de protesto e padrões de ação coletiva são reproduzidos ao longo do tempo. Além desta difusão vertical, é possível notar uma outra difusão horizontal, que se dá no espaço geográfico, espalhando determinadas práticas. Outro aspecto que me parece interessante, pois revelador do diálogo popular proposto por Thompson, diz respeito aos mecanismos que cada comunidade dispõe para repassar, imprimir e valorizar o que é aceito coletivamente referente à vivência e à prática social nestas comunidades.

A cultura difundida pelo *popular* seria um lugar de liberdade de criação, um lugar do não-racional também. Além do mais, parece-me um tanto ingênuo afirmar que a cultura popular ou costumeira está fora da influência do domínio ideológico dos governantes, sob a alegação de que se trata de um mundo independente, excluído das vivências.

Diz Thompson:

A hegemonia suprema da gentry pode definir os limites dentro dos quais a cultura plebeia/popular tem liberdade para atuar e crescer; mas como essa hegemonia é laica, e não religiosa ou mágica, pouco pode fazer para determinar o caráter dessa cultura plebeia (p. 19).

Um aspecto importante é a natureza rebelde da cultura costumeira: ela é reativa, à medida em que se opõe às inovações ou ao novo. Ela é rebelde na defesa dos costumes. Portanto, leia-se tradicional. Daí o apego ao paternalismo, em busca da manutenção dos costumes: *quando procura legitimar seus protestos, o povo retorna frequentemente às regras paternalistas de uma sociedade mais autoritária, selecionando as que melhor defendam seus interesses atuais* (p. 19).

Dessa forma, no cordel, o poeta assume a posição de repórter dessa realidade social e cultural, interferindo nela, tentando modificá-la com o seu discurso lírico - avançando diante das temáticas de cangaceiros, do som das pelejas, das críticas sociais, de histórias de

bichos que falam, de princesas, cavaleiros andantes, de personalidades transformadas em santos, de bandidos convertidos em heróis e justiceiros, uma vez que este tipo de literatura escrita pelo povo e para o povo, fala de personagens populares, referências da nossa cultura.

Na Literatura de Cordel, a construção do herói popular é efetivada por uma narrativa, uma história contada e imaginada na qual o mundo, em seu espaço e tempo, podemos dizer, é um mundo mítico, produzido por inúmeras vozes, culturalmente caracterizadas pelo diálogo entre aquilo que o povo conhece, que está acostumado a ler, a ouvir e a novidade introduzida pelo poeta visando agradar ao leitor que, exerce forte participação na obra como reprodutor do contado e/ou colaborador.

Portanto, é nesse contexto que buscaremos compreender, através da tradição da literatura de cordel, o fenômeno da construção do herói, santo e, mais propriamente, o processo de conversão dessas figuras em mito, que requer um mergulho no imaginário do povo, dado ser as imagens que compõem essas construções “heróico-míticas” baseadas nas informações obtidas pelas experiências auditivas e/ou visuais anteriores.

Entretanto, antes de iniciar o aprofundamento do tema recorreremos a um estudo dos elementos reais e imaginários presentes na produção simbólica dessa literatura coletiva para entender primeiramente o que é o real e o que é o imaginário.

Segundo Laplantine e Trindade (1997, p.193) “o real é a interpretação que os homens atribuem à realidade. O real existe a partir das ideias, dos signos e dos símbolos que são atribuídos à realidade percebida”. Já o imaginário para Durand (2002, p.47) é o processo cognitivo no qual a afetividade está contida, traduzindo uma forma específica de perceber o mundo, de alterar a ordem da realidade, de criar eventos (mitos) onde seu compromisso é com o real e não com a realidade.

É a partir do real, presente no cotidiano das comunidades nordestinas que a reação popular, advinda dos contextos de submissão social, econômica e religiosa revela uma faceta irreverente no tratamento e (re)invenções de personagens, de mitos, como forma de alimentar as tradições e a capacidade imaginativa do homem no sertão, num meio opressivo e hostil.

Conforme Hark (2000, p.76) há na alma humana uma profunda necessidade voltada para as noções e as imagens míticas. Os mitos são, pois, narrativas primordiais que formam um universo atravessado por lendas, parábolas, apólogos, símbolos, arquétipos que mostram as fronteiras em que vivem os seres humanos, entre o conhecido e o misterioso, entre o consciente e o inconsciente.

É nesse contexto que a literatura de cordel se apresenta como um importante veículo de expressão popular e como um articulador da comunicação do sertão desprezado e inculto, como se observa nas entrelinhas da afirmação de Batista (1977, p. 17), para quem;

Se a memória popular vai conservando e transmitindo velhas narrativas e acontecimentos recentes esta transmissão está sempre marcada pelo espírito desta sociedade. E não é por outra razão que a memória popular vai conservando os fatos narrados, transmitidos com as adaptações de cada narrador aquilo que foi ouvido. E quando se trata de alfabetizado, a transmissão se torna ainda mais fácil, porque oriunda da própria leitura dos folhetos.

É neste item que, de fato temos a discorrer em relação aos textos da literatura de cordel, que são produzidos como forma de representar o observado na vivência do cordelista que decidido a não ficar alheio aos acontecimentos, constrói e repassa sua narrativa pela leitura dos folhetos de cordel. Trata-se de uma forma de aprendizagem que estimula os ouvintes a vislumbrarem novas perspectivas de assimilação e de busca do conhecimento sobre o assunto.

Conforme Rosenfeld (1996, p.36), “O herói mítico é a personificação dos desejos coletivos das comunidades. Em tempos de crise, este desejo impregna-se de força virulenta e projeta a imagem plástica e individual das esperanças em forma de personificação”.

Este é o papel da literatura de cordel, difundir as manifestações da cultura popular, destacando a exclusão do nordestino. Trata-se de uma literatura marginal, em termos sociais dos meios de comunicação produzidos pelo poeta sertanejo ou pelo migrante nordestino da região Sul do Brasil.

Ressalta-se que o cordel é um mundo oral e mítico, seu texto transmite e repercute um mito já existente. No caso do cangaceiro, por exemplo, essa literatura exalta sua valentia de herói, relatando seus atos de bravura.

É, na verdade, um dos temas que o poeta sertanejo mais gosta, até mesmo devido aspectos sociais e culturais em glorificar a figura do fora-da-lei por sua coragem em enfrentar a injustiça que a população da época vivia ou de reacender a ligação do homem comum a Deus através de um interlocutor.

O fato é que algumas figuras emblemáticas para os nordestinos se tornaram heróis ou mitos a partir do momento em que o poeta de cordel narrou seus feitos ou exaltou suas histórias. Para melhor entender este aspecto, neste estudo serão abordados Lampião e Padre Cícero, dois personagens nordestinos que até os dias atuais são tidos como heróis pelo povo brasileiro.

Em primeiro, Cícero Romão Batista, Padre e Coronel Cícero, venerado pelo povo por prometer o Reino dos Céus aos seus fiéis e amigo dos agregados que em troca de fidelidade ganhavam terras para cultivo e os protegia de problemas policiais.

Padre Cícero nasceu em 23 de março de 1844 na cidade do Crato-CE, ordenou-se em 1870 e se tornou pároco da cidade de Juazeiro do Norte-CE em 1872. Teve um apostolado rodeado de possíveis milagres o que a partir de 1891, após uma série de notícias dando conta de seus feitos religiosos levou a cidade de Juazeiro a ser o centro das romarias de nordestinos pobres, tanto do Ceará como de cidades vizinhas em busca de auxílio e perdão religioso.

Em meio a todos esses fatos em volta de sua figura, em 1897 Pe. Cícero tem suspensas suas ordens religiosas acusado de heresia. Na ocasião, foi enviado a Roma para se explicar e ao contrário do que era esperado, volta à Juazeiro em 1908 ainda mais renomado.

Nesse mesmo ano o Padre conta com a ajuda de Floro Bartolomeu da Costa, um médico baiano que chegou à cidade de Juazeiro. Os dois formam uma aliança política e conseguem transformar Juazeiro em um centro de romarias e de comércio. Em 1911, Padre Cícero se torna prefeito e a cidade se eleva a município. Por volta de 1913, o Padre é exonerado do cargo.

Porém, em 1914, Padre Cícero se torna o maior agricultor do Cariri e coronel de destaque da oligarquia local. E mais, foi eleito vice-governador e deputado federal. Viveu até o ano de 1934 e até hoje é considerado santo milagroso pelo povo nordestino.

Mas o que fez Padre Cícero se tornar um ícone para o povo nordestino? Ele era carismático e sua fama de místico e milagreiro se espalhou rapidamente para o povo sofrido pela pobreza e seca do sertão. O fato é que os nordestinos viram no Padim Ciço o símbolo de sua crença messiânica, do pai espiritual do povo sofrido do nordeste.

O segundo personagem aqui tratado é Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, bandido célebre e herói dos folhetos de cordel que transmitiam sua valentia. Imortalizado pela voz popular, herói e bandido, bom e cruel, o cangaceiro reinou na caatinga entre 1920 e 1938.

Denominado como justiceiro social, foi o cangaceiro que mais acendeu a imaginação popular. Decidiu viver como um bandido quando a polícia matou seu pai, José Ferreira da Silva. Deste dia em diante Lampião e seu bando não perdiam oportunidades de cometer violências com fazendeiros e seus gados. Eram das mais cruéis, estupro, corte de orelha, morte lenta e outros. Embora fosse considerado um bandido sanguinário, criou raízes fortes no imaginário do povo, transformou-se em um herói pela sua valentia cangaceira.

Dotado de carisma e inteligência, Lampião ainda hoje é lembrado nas músicas, na literatura e no cinema. O herói mais temido do cangaço significa um pedaço da história do sertão nordestino, transformando-se, desta forma, num mito brasileiro.

Padre Cícero e Lampião, são personagens que transformaram a história do nordeste. Cada um, do seu modo levantou a bandeira do sertanejo sofrido, mas que nunca deixou de lutar. Religião e valentia se unem e o povo descobre seus heróis.

Assim, este trabalho visa entender a partir de um conjunto de bibliografias e um corpus de 30 cordéis estudados: Como, na literatura de cordel, personagens Pe. Cícero e Lampião são transformados em mitos que vivem até hoje no imaginário brasileiro?

Dessa forma, o objetivo do presente estudo é analisar o processo de mitificação das personagens Lampião e Pe. Cícero na Literatura de cordel, apresentando-os por meio da análise bibliográfica sobre o assunto. E, tem como objetivos específicos: estudar a influência do sertão como espaço místico, de luta pela vida, como formador de outros espaços, religioso e profano, a partir de um estudo exploratório, descritivo, bibliográfico, documental, com abordagem qualitativa, por meio dos cordéis e da literatura que se referem ao tema em questão.

Dessa forma, a presente dissertação está dividida em três capítulos, além da introdução e considerações finais.

O primeiro capítulo voltado para o nordeste e sua importância na criação de uma literatura viva, que é a Literatura de Cordel. O segundo capítulo refere-se ao marco teórico, ressaltando o sertão como espaço adverso e criador de novos espaços, propícios à mitificação de figuras emblemáticas como Padre Cícero e Lampião na literatura popular.

O terceiro capítulo destaca-se a análise do processo de mitificação de Lampião e Pe. Cícero, principais personagens para a realização do estudo, através do estudo de folhetos de cordel.

1. O SERTÃO NORDESTINO: UM LUGAR A SER DECIFRADO

O Nordeste cria em sua difícil geografia um espaço de símbolos e venerações denominado de sertão que é um mundo marcado pela incerteza e pela brutalidade e nele, a forma mais corrente de afirmação consistia em escapar para o sobrenatural para escapar do abandono, da natureza que insistia em castigar o sertanejo (LIMA, 1970.p.17).

Antes mesmo de nos depararmos com o sertão, precisamos entender como foi originada a terminologia Nordeste. Segundo Albuquerque Júnior (1996, p.125), “o termo Nordeste é usado inicialmente para designar a área de atuação da Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS), criada em 1919.”

Quando se fala em Região Nordeste do Brasil, alguns aspectos dos mais relevantes que a caracterizam, são emblemáticos e imediatamente lembrados: as secas famosas e terríveis, antes cíclicas, que marcaram épocas; depois mais frequentes, que ao longo dos séculos, têm agravado a pobreza, as desigualdades e injustiças sociais, e provocam o ainda insanável problema das migrações.

Formada por nove Estados da Federação e com uma área territorial de 1.561.177,8 Km², a Região Nordeste do Brasil é banhada, a Leste, pelo Oceano Atlântico. A extensa faixa territorial de clima úmido, próxima à costa, abrigava, no passado, grande parte da Mata Atlântica. Atualmente, depois de quatro séculos de contínua degradação em benefício do cultivo da cana-de-açúcar e de outras culturas, pouco resta da antiga e exuberante vegetação que deslumbrou os descobridores portugueses.

No litoral, excetuando Teresina, situam-se as capitais, onde desde os primeiros séculos pós-descobrimento, aglomera-se a maior parte da população nordestina. Avançando para o interior, após a região produtiva e de clima fértil e úmido, denominada Zona da Mata, apresenta-se o extenso sertão: primeiro, o agreste semi-árido que constitui uma faixa de transição com relativa umidade, ainda ameno e perfeitamente habitável.

Aí, nessa região, dentre os vários aglomerados urbanos, destacam-se algumas cidades expressivas e mais populosas, como Caruaru em Pernambuco, Campina Grande, na Paraíba e Feira de Santana, na Bahia. Depois aparece a árida caatinga de sol causticante, solo seco e ríspido. Esta região representa o coração do sertão, de chuvas rápidas e irregulares, com característica vegetação retorcida e de porte baixo, agricultura de plantios frustrados e colheitas frequentemente perdidas. Na caatinga inóspita, os sertanejos, a duras penas, resistem sob o olhar da fé e criam os bichos mais resistentes à alta temperatura, como os caprinos, além dos jumentos, tradicionais companheiros na difícil luta do sertanejo contra o flagelo da seca.

Da flora da região, adaptada às securas do meio ambiente destaca-se as cactáceas, tais como as palmatórias, os mandacarus, os xique-xiques e os facheiros. Além dos cactos, medram as resistentes bromeliáceas, como as macambiras, cróias e croatais. Ainda igualmente efeitos ao intenso calor, sobrevivem o juazeiro e o umbuzeiro, sob o império eterno e escaldante do sol, do clima hostil, definindo a região conhecida como polígono das secas.

Como região castigada pelas longas estiagens e pela desesperança de seus habitantes, Albuquerque Júnior (1996), coloca criticamente que o Nordeste é filho da seca, por essa ter servido de discurso para a bancada regionalista do Norte a partir de 1877 assegurando ao espaço uma fama macabra frente aos seus habitantes. Segundo DEBS (2010, p.57) a própria geografia humana e política, as dificuldades de comunicação, as diferenças de costumes e de tradições, os acontecimentos políticos e as crises econômicas já engendraram divergências profundas no Nordeste e na região que ficaria conhecida como *sertão*.

Assim, de origem obscura, a palavra “sertão” é, contudo, polissêmica. Imprecisa e, cujos limites semânticos se ampliam ou se retraem e que, a princípio, designam de maneira geral o interior pouco povoado, a região agreste distante dos núcleos humanos ou do litoral. Para os portugueses do século XV e XVI conotava interior, em oposição ao litoral ou a um centro político urbano. A carta de “achamento” do Brasil de Pero Vaz de Caminha é ilustrativa a esse respeito: “não duvido que por esse sertão [saartão, no original] ajam muitas aves” ou ainda “de ponta a ponta é toda praia parma e muito chã e muito formosa. Pelo sertão nos pareceu, vista do mar, muito grande, porque, a estender olhos, não podíamos ver senão terras com arvoredos, que nos parecia muito longa”.

No início do século XIX, os viajantes ingleses perguntavam-se, ao atravessar parte da porção setentrional da nascente nação brasileira: “essa palavra [sertão] virá de *Desertão*, usada no aumentativo de Deserto. O complemento a essa descrição é significativo: “A palavra *sertão* é empregada de maneira indefinida, não somente significando o interior do país, mas, às vezes, grande parte da costa cuja população é parca e resistente frente intempéries naturais, à seca que não se inibe provocando a morte. Os primeiros registros de ocorrência de mortes provocadas por secas no sertão, conforme Alves (1982), datam de 1587, com o relato de Fernão Cardin sobre a fuga de índios do sertão para o litoral em busca de alimentos. Desde então, as secas no sertão nordestino apareciam como um elemento de desordem no projeto de colonização. Havia um contraste significativo entre uma perspectiva sedentária de ocupação e a fixação de povoamentos para exploração de riquezas, com as possibilidades de ocorrências de flagelos de fome e de sede decorrentes das grandes secas.

As secas passaram a entrar de forma permanente nos relatos históricos enfatizando a calamidade da fome e acusando os prejuízos dos colonizadores e das fazendas de gado. Julgamentos superficiais sobre o fenômeno e interesses políticos locais conduziram à construção de explicações reducionistas dos problemas regionais como produtos de condições naturais adversas, do clima, da terra e de sua gente. A seca tornou-se vilã do drama nordestino, a principal imagem de uma terra estorricada, amaldiçoada, esquecida de Deus.

Observa-se que, a seca é pensada como a agonia do sertão, pois nesse ambiente tudo morre lentamente, a exceção das caatingas que teimam pela vida na mata de plantas de aspectos funestos em tempos de verão e, estando também impregnada de imagens de morte, morte aos viventes andarilhos, de fome e de sede, seja de animais ou de seres humanos que têm nesse ambiente, o envelhecimento dos sonhos, o embrutecimento dos sentimentos, o emudecimento das palavras, o esvaziamento da comunicação, transformando-os em seres isolados, miseráveis, sem esperança.

O Sertão Nordestino sempre permeou o imaginário do homem brasileiro por meio dos discursos que a história produziu. Vários campos discursivos, como a literatura, a política, a economia, as ciências sociais e as artes, sedimentaram um universo simbólico acerca desse espaço através de estudos e das manifestações populares que, em algumas ocasiões ressaltaram uma ligação telúrica do sertanejo que mesmo sofredor não abandona seu meio.

Para Euclides da Cunha, em *Os Sertões*, a selva e o sertão são vistas como deserto, por seu isolamento geográfico e povoamento rarefeito, e, sobretudo, por serem territórios ainda não explorados pela ciência, que os viajantes evitavam e que os cartógrafos excluía de seus mapas. Presença certa no imaginário nordestino, Euclides vê o sertão como algo fora da civilização, com a barbárie e incultura, um “*estranho território*” sendo sua história absolutamente desconhecida.

Possuindo uma extensa área, que corresponde ao interior do Nordeste, o Sertão abrange aproximadamente em um milhão de quilômetros quadrados e não se apresenta uniforme. Nas regiões aplainadas, desde o século XVII apareceram os criatórios feitos de maneira extensiva e rudimentar, constitutiva da vivência do sertanejo, do nordestino. Os cultivos úmidos onde era possível instalar uma agricultura de subsistência muito simples – as roças – exclusivamente destinadas à população local. Da mesma forma, aproveitando as terras úmidas deixadas pelos rios que secam quando da época da estiagem, fazia-se a agricultura de vazante. De acordo com Andrade, sobre a importância da ação do homem e da agricultura de passagem para o sertão, afirma.

Na busca da sobrevivência, ocupava a agricultura pequenas áreas, uma vez que era feita visando ao abastecimento da população de cada “curral”, e nos locais mais úmidos, mais favoráveis, onde os solos eram mais espessos, como os leitos dos rios e as lagoas secas; cultivavam também o leito do Rio São Francisco e seus afluentes, à proporção que o baixar das águas deixava descobertas as “praias” e ilhas; eram, portanto, culturas de vazante. (ANDRADE, p.191).

Assim como sertão, o termo nordestino carrega consigo toda uma bagagem de estereótipos com data de criação e também uma intencionalidade para a mesma. Nessa ótica, o nordeste vai sendo inventado como espaço regional e, essa construção do Nordeste enquanto região está bem presente no movimento regionalista encabeçado por Gilberto Freyre e outros intelectuais de sua época, que buscavam nas formas e práticas mais simples da região “norte”, transformá-las em práticas típicas de um povo, de uma região própria que tinha autonomia e personalidade. Ao contrário dos discursos difundidos pela Região Sul do nosso país, agora o principal pólo econômico da nação.

Entre outros aspectos, temos o declínio da economia e da política dessa região como o estopim para se realçá-la perante o cenário nacional. A Região Norte agora caíra em desuso, pois não tinha uma autonomia para enfrentar as segregações da Região Sul do Brasil.

Assim surge o Nordeste, em meio a uma campanha de cunho político e econômico para resgatar a imagem da extinta Região “Norte” e trazer de volta, principalmente à elite da região, a força e a autonomia que haviam perdido com a crise do Açúcar, principal produto da região.

O nordestino, assim como o recorte regional Nordeste, nasceu a partir de uma série de práticas regionalistas e de um discurso regional que se intensifica entre as regiões do Norte do país, a partir do final do século XIX, quando o declínio econômico e político dessa área, vai levar a uma progressiva subordinação desse espaço em relação ao Sul do país, notadamente São Paulo. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2003)

No centro da reivindicação das elites nortistas pela perda de seu espaço no cenário brasileiro nascem, também, os estereótipos e preconceitos criados pelos sulistas, e pelos próprios nortistas para depreciar a imagem do nordestino. É nessa época que surge o “flagelo das secas”, o “homem atrasado” em relação à Região Sul, que seria agora o modelo a ser seguido, bem como o “homem de fala errada”, “analfabeto”, entre outros estereótipos passaram a rotular a imagem do nordestino como única, sem diversidade, sem diferenças.

Com um meio difícil, o sertão também desenvolveu um espaço de poder, de dominância de classe social, uma vez que, os nordestinos, embalados pelo movimento regionalista, também iniciam um trabalho de busca pela valorização de sua região, o que acarreta, também, na criação de estereótipos, muitos difundidos ainda hoje no Brasil todo

como o Nordeste sendo a terra de “cabra macho”, do sertão escaldante que obriga à diáspora do homem do campo em um longo trajeto de pena e sonhos.

É no sertão nordestino que a exacerbação dos estereótipos que circulam no país sobre o nordestino e seu modo de vida ganham certa intencionalidade acabando por reproduzir os discursos estereotipizadores, e ajudam ainda mais no enraizamento popular de conceitos como o de que o nordeste só tem secas e que todo nordestino é um sofredor, e por isso, devoto assíduo dos muitos santos e da religião católica, admirador de muitos rebeldes, heróis e foras da lei.

Como um meio adverso e assolado pelas forças da natureza, o sertão tem a construção de paisagem no imaginário social como um sistema de significados, se apresentando como expressão do abandono social, da luta, da rudeza, do não civilizado, dos arquétipos tradicionais onde os movimentos de resistência aos processos de mudança mantêm sólidas estruturas de poder. Assim, é possível perceber a íntima relação que a paisagem estabelece com o homem. Além dessa perfeita harmonia com o meio, existe também o compartilhamento com outros seres da natureza, seus elementos de reprodução da vida, fazendo com que haja uma interação com os mesmos.

Como forte criação, é a través de natureza que o homem sertanejo se comunica com os animais, com as plantas, com o solo, interpreta os aspectos naturais percebendo através do ambiente, sinais quase imperceptíveis da natureza. Essa forte simbiose faz com que o sertanejo se considere um ente fruto daquele ambiente, como a árvore da caatinga ou as aves de arribação que compõem seu espaço vivido.

O sertão do Nordeste brasileiro nos remete a uma realidade plena de significados simbólicos e que foram sendo construídos historicamente. A esse processo de construção do sertão, são incorporados outros elementos tais como: a seca, a miséria e a religiosidade. Souza (1997) nos explica que o sertão ganha descrição no pensamento social que o caracteriza como lugar de re-produção de uma ordem social específica. Assim, a existência de uma sociedade sertaneja pode ser entendida a partir dos contrastes tão presentes no *modus vivendis* onde o anúncio da diferença reflete o sentimento de distanciamento entre aqueles que vivem o sertão e os “de fora”. Dessa forma cria-se uma construção discursiva sobre o sertão, onde o olhar, a maneira como ele é pensado, reflete a maneira de ver o mundo.

O sertão e suas representações resultam, portanto, no ato de observar, de contemplar a natureza que age indiferente aos anseios do homem que nela insiste pela vida.

Um simples exercício do olhar sobre a paisagem, a partir de um variado grupo, nos permite múltiplos significados dessa paisagem. É a partir dessa relação entre o homem, a paisagem e representações simbólicas que fazemos uma interpretação sobre os elementos geossimbólicos da paisagem sertaneja, onde as representações calcadas na aparência da paisagem se vinculam às práticas discursivas do sertanejo, sendo, portanto, também produtoras da realidade.

O conjunto de sentidos e significados que formatam a paisagem do sertão é o produto de uma geografia complexa, plena de imagens, conceitos e ideias que vão construindo um conjunto de signos e delimitando fronteiras entre o mítico e o (sobre)natural

Deste modo, a região sertaneja nordestina se configura como um lócus preñado de significações e visões que perpassam diversos campos e até senso comum, significações estas sempre permeadas pela aura criada historicamente em torno desta região interiorana onde se desenvolveu uma economia essencialmente pastoril. A noção de sertão, que não diz respeito só ao Nordeste e que é, a princípio, uma noção de lugar geográfico, vem historicamente acompanhada das ideias de diferenciação cultural e de distância. Apresentam-se recorrentemente junto à palavra “sertão” imagens de “longínquo”, muitas vezes de “terra ignota” – e do homem sertanejo como um “outro”, de psicologia e hábitos distintos.

A noção de Sertão, portanto, de certa forma, ultrapassa a ideia de lugar. Torna-se uma noção plural de contradições e ambivalências onde as dimensões geográficas, política, geológica, social e cultural se reúnem num todo, num significado, numa só noção. Sertão, para além de um lugar, torna-se um lugar fluido, maleável, moldável, conforme o ângulo, a posição intelectual que se toma diante dele, torna-se um lugar ao mesmo tempo imaginário e concreto, que tem um pouco da noção de *lugar de memória, de popular, um espaço a ser decifrado*.

1.1. O Sertão da Seca: Da sobrevivência ao Enfrentamento pela Vida

Aurélio Buarque de Holanda, no seu dicionário, assim define e comenta a palavra seca: “falta de chuvas, estiagem, período em que a ausência ou carência de chuvas acarreta graves problemas sociais e econômicos”. Entretanto, no sertão ela ganha novos significados e passa a exercer sobre o sertanejo um direito arbitrário, sobretudo em sua mudança e acomodação diante desse fenômeno. Em uma fresta da História do Nordeste, durante a seca de 1877, no Ceará e vizinhanças morreram quinhentas mil pessoas de sede, inanição e epidemias, justificando a arbitrariedade do fenômeno na criação do estereótipo do valente nordestino, que ambiciona apenas o direito de viver com sua família sobre a proteção de Deus.

A questão da seca não se resume à falta de água. A rigor não falta água no Nordeste, faltam soluções para resolver a sua má distribuição e as dificuldades de seu aproveitamento. É importante desmistificar a ideia de que a seca, sendo um fenômeno natural é responsável pela fome e pela miséria que dominam na região, como se esses elementos só estivessem presentes nesse lado do país.

É, porém a partir da grande seca de 1877-79 (Alves, 1982) que o problema começa a se configurar como uma questão nacional e o sertão passa a ser um difícil espaço de sobrevivência e de enfrentamento pela vida em função da dimensão crescente de seus principais impactos: o desemprego associado à frustração da atividade agrícola; o estado de indigência a que fica reduzida parcela considerável da população rural das áreas atingidas; o fluxo de flagelados aos núcleos urbanos da região em busca de socorro e o conseqüente clima de insegurança; e o recrudescimento da emigração em demanda de outras regiões.

Nos discursos políticos, na literatura, nas artes plásticas, na poesia, na cantiga e no improviso do violeiro, nas obras cinematográficas, a seca tem marcado presença, no protesto, na denuncia, no lamento. A literatura de cordel como uma forte manifestação popular tem sido um dos veículos de maior importância, de mensagem sonora, pela valorização da presença de nordestinos e sertanejos neste difícil espaço no qual tudo é tão incerto, onde uns convivem diretamente com a seca, outros sensíveis a ela, de cujas inspirações vêm brotando as mais belas criações que revelam a sensibilidade e o apego à terra esquecida e maltratada.

Apesar desse amor do nordestino, o drama é evidente e suas conseqüências cada vez mais profundas na alma do povo. Na zona do Cariri onde a seca se instala periodicamente, os poetas populares, os cantadores e violeiros entoam versos, inspirados no passado, nas estórias de Troncoso, nas aves e animais agourentos que chamam a seca ou que através de suas arribadas da região, na credence popular insinuam que é chegada à hora do sertanejo partir, o perigo da seca é iminente e o sertão sempre se transforma nesse espaço de luta pela vida.

Esse desejo de enfrentamento da adversidade e de permanência desse homem no Sertão marca ao mesmo tempo o sonho de uma vida melhor, de uma vida que cabe nos versos do poeta popular, denunciado pela sua fé nos santos, no sobrenatural, sua fibra, seu apego a sua gente e ao seu chão como pode ser observado nos versos de João Martins de Athayde em *o Retirante* (1ª edição. 1916).

É o diabo de luto
no ano que no sertão
se finda o mês de janeiro
e ninguém ouve trovão
o sertanejo não tira,
o olho do matulão

E diz à mulher:
“prepare o balaio,
amanhã eu saio
se o bom Deus quiser,
arrume o que houver
bote em um caixão
encoste o pilão
onde ele não caia
arremende a saia
bata o cabeção

Partem qual Eva e Adão
partiram do paraíso
não há um abio entre tantos
que se veja nele um sorriso
se despedindo um dos outros
até dia do juízo

E lá vai aquela prole
sujeitar-se ao cativoiro,
limpar cana o dia todo
por diminuto dinheiro
fazendo dez mil promessas
ao Padre do Juazeiro

Dizia em oração
divino presbítero
Santo Padre Cícero:
“tenha compaixão
de vosso sertão
olhai por nós
que sofrer atroz
sem se ganhar nada
de trouxa arrumada
confiamos em vós

Lançai vossos olhos santos
para as almas pecadoras
ouvi os grandes gemidos
das famílias sofredoras
vêde que o senhor do engenho,
não tome nossa lavoura”

Se quereis me ajudar
que chova em janeiro,
que em fevereiro
eu possa plantar
e possa voltar
não morra em caminho
vou indo sozinho
e rezo num dia
dez Ave-Maria
para meu Padrinho

Oh! Padre Santo, nos tirai
desse país de mosquitos,
as noites aqui são tão feias
os dias são esquisitos
ao passo que no sertão,
os campos são tão bonitos

Na constante luta pela sobrevivência, o nordestino torna-se um retirante confesso e bate em retirada vencido pela má sorte, pela desesperança, pelo agouro permanente da tragédia e da situação provocadas pela longa estiagem, conforme percebemos nos versos: *“E lá vai aquela prole / sujeitar-se ao cativo / limpar cana o dia todo / por diminuto dinheiro / fazendo dez mil promessas / ao Padre do Juazeiro / Dizia em oração / divino presbítero / Santo Padre Cícero: / “tenha compaixão / de vosso sertão / olhai por nós / que sofrer atroz / sem se ganhar nada / de trouxa arrumada / confiamos em vós”*.

Para o nordestino do sertão, em seu enfrentamento pela vida a súplica atendida com a vinda da chuva parece milagrosa porque representa a renovação da vida em regiões sempre ameaçadas pela morte dita “natural” que a seca traz; parece milagrosa porque é imprevisível; mas, sobretudo, porque os agricultores pobres não dispõem de nenhuma medida protetora contra a falta de chuvas. As roças e os animais podem vingar ou morrer longe dos açudes, sem poços artesianos, sem recursos para a irrigação, cabendo-lhes somente se agarrarem ao terço, às preces e ao Padrinho Cícero: *“Se quereis me ajudar / que chova em janeiro / que em fevereiro / eu possa plantar / e possa voltar / não morra em caminho / vou indo sozinho / e rezo num dia / dez Ave-Maria / para meu Padrinho / Oh! Padre Santo, nos / tirai / desse país de mosquitos / as noites aqui são tão feias / os dias são esquisitos / ao passo que no sertão / os campos são tão bonitos.”*

O Padre Cícero é incorporado a uma modo de vida guiado pelo presença do *sacro*, trazendo sentido para a vida do homem do sertão que busca explicação para sua má sorte. A alegria e a esperança trazidas pelas primeiras chuvas que chegam (quando chegam) para trazer vida ao sertão não impedem que nos espantemos com o fato de que o destino do pequeno agricultor que tenta sobreviver de seu trabalho naquelas paragens ainda esteja, literalmente, nas mãos de Deus, uma vez que a chuva não é tema tão frequente no imaginário do sertão; a seca, fonte de angústia, desespero, desamparo e desterro, exige sempre uma permanente simbolização.

No embate direto e desigual, a seca povoa o imaginário e exige elaboração, respostas, imagens e pensamento. Mas a chuva é o par antitético da seca e assim como ela, também é encarada como expressão de uma natureza tirana ante a qual o homem nada pode.

Interpretar o flagelo da seca como castigo divino e a chegada das chuvas como sinal da benevolência de Deus ou da intervenção de um santo protetor são duas faces da mesma disposição fatalista. O sertanejo que se percebe como vítima passiva de uma vontade superior está, inconscientemente, dando razão aos vencedores históricos na luta pela terra, na disputa com o meio ambiente, no manejo do poder político e dos benefícios dele advindos. A adesão afetiva aos ambientes naturais, à religião, desloca o foco do problema contra o qual o homem da terra investe suas últimas forças.

Diante dos mistérios insondáveis da natureza, ou da vontade de Deus, o homem enquanto sujeito da ação torna-se supérfluo; resta ao suplicante humilde pedir a benção de seu “padrinho” Cícero e invocar a proteção de um Deus inclemente que tanto pode se comover com suas orações quanto castigá-lo por ousar pedir demais.

Segundo Kunz (2011, p.14) *“tudo isso acontece como se a crença messiânica do povo nordestino se tivesse transferido e se fixado na figura do Padre Cícero Romão Batista”*, agregando a ele funções pré-existentes como interlocutor entre o sofrido povo do sertão e Deus na espera de um dia, pela fé o sertão poder oferecer condições mínimas de sobrevivência. Essas funções se abrigam num costumeiro ritual popular capaz de transformar Padre Cícero em santo.

A crença firme em um sertão um dia idílico que parece pronto a brotar pelo avesso da mesma terra infernal impede que o nordestino se desespere e desista da vida, em seu exílio compulsório. Mas impede também que ele trabalhe para transformar, efetivamente, as condições de sua vida. O sertanejo é um sujeito que está sempre prestes a se retirar, no instante-limite em que a vida se torna impossível; depois, em seu desterro compulsório, não vê a hora de voltar para uma natureza que, depois da pouca chuva abençoada, poderá lhe oferecer espaço para o sustento seu e de sua família: *“É o resultado / do pobre que vem / sem nem um vintém / e desarranchado / não acha um danado / que a porta lhe abra / que sorte macabra / com filhos demais / a mulher atrás / puxando uma cabra”*.

Caso contrário, para trás, ficam quase todos os seus pertences materiais, sua terra seca, sua morada. Mas a fé, a esperança, a vontade de um dia voltar provoca seu ânimo e alimenta sua permanência.

1.2. A Literatura de Cordel como Expressão Estética Privilegiada do Sertão

A literatura é uma arte que acompanha a humanidade como resultado da necessidade de expressão de sentimentos, fuga da realidade, registro de dados, registro da cultura de um povo, dentre outros. No decorrer dos anos, a literatura se desenvolveu e se modificou, possuindo vários tipos e características, atendendo a diferentes tipos de

apreciadores e retratando diferentes realidades.

Tal arte não se forma somente através de letrados e em ambientes específicos, ela está presente em todas as partes e é produzida por todas as camadas sociais. A “literatura popular” compreende obras em verso ou prosa, o que pode-se chamar de “poesia popular”.

A poesia popular é assim intitulada por surgir de uma classe baixa da população, por pessoas comuns da sociedade, proveniente de interiores ou do meio rural, sem formação acadêmica e em muitos casos analfabetos ou semi-analfabetos.

A Literatura de Cordel é de origem européia, e chegou ao nosso país através dos colonos portugueses, atingindo com maior força o Nordeste brasileiro nos séculos XVI e XVII. Em sua origem européia, se liga à divulgação de histórias tradicionais, mas o foco da literatura de cordel sofreu várias modificações no Brasil:

Do romanceiro popular português originou-se a literatura de cordel brasileira. No Nordeste brasileiro, a Literatura de Cordel começou a ser divulgada nos séculos XVI e XVII, trazida pelos colonos portugueses. A partir do século XIX, o romanceiro nordestino tornou-se independente, com características próprias (BARSA, 2002, p. 445).

A literatura popular impressa teve seu início na França; “... se iniciam na França em 1483, as primeiras impressões de poemas populares” (LUYTEN, 1992, p. 30), e existiu em países como Portugal e Espanha até as primeiras décadas do século XX. Esse gênero literário chegou a outros países como México, Argentina, Nicarágua, Peru, Chile e Brasil por meio dos europeus. No Brasil, tal fato ocorreu através dos colonos portugueses, que trouxeram a literatura de cordel abordando temas tipicamente europeus como: viagens, guerra, cavalaria e amor.

O próprio nome “literatura de cordel” se deve ao fato de que em Portugal, os folhetos contendo obras literárias eram dependurados em barbantes ou cordões, para facilitar sua exposição aos leitores e possíveis compradores dos mesmos; “A denominação “de cordel” provém do fato de serem os folhetos normalmente pendurados em fios, à maneira de roupas em varal” (BARSA, 2002, p.444).

De início a poesia popular não recebia nenhum prestígio da alta sociedade brasileira, foi muitas vezes associada às representações negativas perante as comparações com a poesia feita por poetas ilustres, tais comparações deixavam a poesia popular em nível inferior.

Havia várias diferenças entre a poesia de *status* na sociedade e a poesia popular. A poesia popular recebia conotações mais correntes sobre a simplicidade dos temas abordados, a banalidade das rimas, facilidade de versificação, pobreza de vocabulário e em muitos casos,

erros ortográficos; “... parece ser mais a expressão de uma técnica de memorização do que a expressão de uma forma poética erudita, a serviço da transmissão de um saber simbólico: ciência, cultura popular, tradição” (DEBS, 2000, p. 13).

Comparando os dois tipos de poesia, pode-se concluir que a poesia culta segue padrões fixos, apresenta uma estética impecável aos olhos de intelectuais. Já a poesia popular é livre, prendendo-se somente ao estilo do qual pertence, possuindo rimas (mas sem preocupação com a classe gramatical das mesmas) e métrica. Há igualdades, mas também diferenças, devido às quais, a poesia popular sempre foi alvo de críticas, discriminação e preconceito. Mas o cenário desta guerra sofreu grandes mudanças; a poesia popular abrangeu seu espaço, partindo do interior para as capitais, estando presente na vida de várias pessoas de diferentes classes sociais.

Mesmo diante da desigualdade, muitos apreciadores da poesia e estudiosos reconheceram e valorizaram a poesia popular, devido à sua aproximação com a realidade e também por ser uma vasta fonte de cultura popular.

A poesia natural e puramente natural possui ingenuidade e graça, por onde ela se compara à principal beleza da poesia perfeita segundo a arte: como se vê em vilarejos da Gasconha e nas canções que se nos relatam sobre nações que não possuem conhecimento de ciência alguma, tampouco de escrita (DEBS, 2000, p. 12).

De acordo com Sylvie Debs (2000, p.18) a literatura popular nordestina é repleta de graça e naturalidade, pois mesmo pessoas que não tem nenhuma escolarização são capazes de criar arte em forma de literatura, falando de sua vida e do que as cerca. Esse mesmo fascínio que a literatura popular exerceu sobre Sylvie Debs, alcançou vários outros escritores e pesquisadores que se desprenderam de conceitos antigos, provenientes das primeiras grandes formas literárias de expressão humana.

Em meio à literatura popular, temos obras em verso ou prosa que se distinguem no Brasil em dois gêneros, os dois muito comuns no Nordeste do país, a poesia oral ou improvisada e a literatura de cordel.

A poesia oral é a forma mais antiga de registro de obras literárias no mundo. Em nosso país, especificamente no sertão do Nordeste, a poesia oral faz parte da cultura regional, transmitindo valores de geração para geração. Recebe também o nome de poesia improvisada pelo fato de ser muitas vezes usada como armamento de um duelo, onde um poeta desafia o outro na recitação de versos.

A poesia improvisada em geral, é acompanhada por uma viola ou violão, em espetáculos denominados “cantorias” pelos poetas que são chamados na região de cantadores

ou repentistas. Os temas tratados pelas poesias improvisada referem-se à religiosidade, a características ou personalidade de indivíduos do auditório, incidentes do momento como política e fatos ocorridos na região, dentre outros – de forma crítica, divertida e expressiva.

No Brasil, a literatura popular só começou a ser publicada comercialmente nos fins do século XIX. Leandro Gomes de Barros e Silvino Piruá foram os poetas iniciadores desse gênero, ambos de Paraíba. Após eles, vários outros poetas populares aderiram a sua forma de criar poesia, e conseqüentemente a literatura de cordel brasileira adquiriu suas características próprias, tornou-se independente, se desenvolveu e fixou suas raízes no Nordeste. Até os dias atuais seus escritores ainda seguem o estilo empregado pelos iniciadores paraibanos da literatura de cordel.

De início, mesmo possuindo origens portuguesas, a literatura popular impressa não recebia a nomenclatura portuguesa – literatura de cordel – até meados da década de 1960. Antes disso, as produções populares eram conhecidas como versos, romances ou folhetos. Após estudos de pesquisadores, a literatura popular brasileira recebeu a denominação de literatura de cordel, com a intenção de lembrar as origens.

Desde o início da colonização, o Nordeste brasileiro foi uma região atrasada em relação ao restante do país, no que se refere à economia e educação. Todos os avanços tecnológicos e financeiros do Brasil se iniciavam no Sul e depois se espalhavam no restante do país com grande lentidão. O atraso do nordeste se agrava com seu clima seco e vegetação caatinga, o que não propiciava a evolução econômica do local por meios rurais.

A maioria da população era pobre, não tinha acesso às escolas. Havia uma minoria alfabetizada que não prosseguia nos estudos para contribuir com a renda da família através do trabalho e em menor número, alguns indivíduos que tinham acesso aos estudos de forma mais ampla. A miséria, dor e sofrimento estavam por todas as partes. Nas décadas de 1930 a 1950, época em que a literatura de cordel se consolidou, esta era a situação do povo nordestino.

Segundo Américo Pellegrini Filho em artigo no jornal “O Estado de São Paulo” (18 de janeiro, 1997), até por volta de 1920 os folhetos-literatura impressa em folhas pequenas com cerca de 11x16 cm - não possuíam ilustrações. Aos poucos foram sendo introduzidas nos cordéis ilustrações feitas através do processo de xilogravura; desenho de clichê e zinco ou mesmo a gravuras em borracha, tornando-os mais chamativos. Os folhetos proporcionavam entretenimento, informações e até lições de moral ao povo nordestino, eram de fácil acesso, com uma linguagem simples e temas que interessavam seus leitores e ouvintes, já que muitos analfabetos adquiriam os folhetos para que os leitores o lessem para eles.

Escritores e leitores de cordéis eram pessoas simples, humildes, sem escolarização ou possuindo somente algumas noções de ensino escolar, e recebiam o neologismo de cordelista para diferenciá-los do restante dos poetas.

A literatura de cordel trata de pessoas simples e também pessoas ilustres, política, seca, milagres, vida dos cangaceiros, disputas, brigas, injustiças sociais, luta pela sobrevivência, acontecimentos fantásticos e inusitados. Pode se focar em assuntos sérios, com um fundo moralizante ou apresentar ironia, exploração de boatos, textos abertamente humorísticos e ou grotescos, como os que narram histórias envolvendo seres humanos e animais excepcionais, sempre com temas diversificados e apresentando características nordestinas.

Segundo Marlyse Meyer (1980, p. 20), as primeiras gráficas instalaram-se entre 1904 e 1930, e gradativamente aumentaram em número para atender a demanda dos cordéis. Um dos motivos para que os cordéis fossem editados, era para que a literatura oral não se perdesse com o passar do tempo, podendo alcançar um público maior na forma impressa. A venda das impressões ocorria em diversos lugares, como feiras, mercearias, e até em caminhões;

Esses folhetos, de 8, 16, 24 e até 32 páginas, contendo os poemas dos cantadores, são vendidos aos milheiros em todo o norte e nordeste do país – e em outras regiões, se bem que com menos procura – nos mercados, em bancas de feira pelos próprios ‘folheteiros de maleta’, que se encontram nos pontos de ‘calungas’ e ganhadores, em certas praças das grandes cidades, nos pátios das igrejas do interior em noite de festa, para ler ritmicamente e às vezes mesmo cantar as estórias e acontecimentos (BELTRÃO, 1980, p.151).

O poeta popular José João dos Santos, o Mestre Azulão, no folheto *O que é Literatura de Cordel* (2012, p.05) nos informa sobre a origem dos folhetos em seus versos até culminar no nome pelo qual conhecemos hoje: “*A região nordestina / de poeta é toda cheia / desde a grande cidade / a roça e a pequena aldeia / ninguém foge da estética / quem não tem veia poética / tem poesia na veia / São heranças européias / de Espanha e Portugal / e toda Península Ibérica / que tem de um modo geral / os europeus imigrantes / vindo das terras distantes / ao Brasil colonial / Em Portugal e Espanha / seus poetas menestréis / publicavam seus poemas / com versos de quatro e dez / por folhas soltas chamadas / e expunham penduradas / em cordinhas e cordéis / Depois de bastante estudo / e uma análise fiel / observando o formato / em estilo de painel / chamavam esta cultura / de nome Literatura / Popular e de Cordel.*”

Os versos de Mestre Azulão testemunham o Nordeste como ambiente sócio-cultural foi notável, pois a literatura de cordel encontrou um ambiente ideal no Nordeste para seu desenvolvimento, uma vez que as condições étnicas, a longa convivência mantida entre o português e o escravo africano também propiciaram uma troca de influência e o próprio ambiente social também fornecia condições propícias para o surgimento dessa forma de comunicação literária permeada de mitos e contadores de histórias.

Além disso, a expansão da poesia popular se dava por cantorias em grupo e de forma escrita. Esse tipo de manifestação cultural se desenvolveu e se difundiu, tomando características próprias, tendo por base as condições sociais de formação do Nordeste. Mário de Andrade (apud DIÉGUES JR, 1977, p.6) assinala que em outras regiões do Brasil se publicava de vez em quando um ou outro folheto ou cantiga, mas acrescentou “no geral coisa lírica, de pura fantasia, sem nenhum valor técnico”.

Assim, para o seu surgimento, a literatura de cordel encontrou um terreno fértil nas condições sociais e culturais do Nordeste que vão desde as características próprias da fisionomia cultural da região aos fatores de formação social que contribuíram para isso, como: a organização da sociedade patriarcal, o surgimento de manifestações messiânicas, o aparecimento de bandos de cangaceiros ou bandidos, as secas periódicas provocando desequilíbrios econômicos e sociais, as lutas de família, entre outros fatores, que deram oportunidade para que se verificasse o surgimento de grupos de cantadores como instrumentos do pensamento coletivo, das manifestações da memória popular.

Outros centros divulgadores desses folhetos, além do Estado do nordeste foram São Paulo, Rio de Janeiro, Mato Grosso, Goiás, Belém do Pará, esta com uma casa editora para toda a Amazônia, Rondônia, Brasília (devido aos trabalhadores da construção civil). Isso se deu em grande parte, devido à própria condição do homem sertanejo em migrar para outras regiões em busca de condições melhores de vida, levando em sua bagagem a chamada literatura de cordel.

A literatura de folhetos nordestinos se formou como um sistema cultural predominante no nordeste brasileiro, que se intercomunicam, pela temática, pela utilização de regras de composição poética (rima métrica e oração) e pelo ritmo poético. Embora tenha a escrita na base da criação, o folheto mantém vínculos com os sistemas que se alicerçam na transmissão oral.

Dessa forma, a cultura popular surge através de histórias contadas e versos compostos pelas pessoas dessa época. Outra fase de destaque para o surgimento da cultura

popular são as épocas de peregrinação e de guerras, onde haviam movimentações populares devido o encontro das populações de várias regiões da Europa.

Portanto, os nordestinos se apropriam da literatura de cordel para difundir suas manifestações culturais, contemplando a população em geral, se enquadrando na abordagem da história cultural, pois é a abordagem da cultura popular, da cultura cotidiana, do senso comum que vem de conteúdo nos folhetins e que, por isso, pode ser classificada como cultura popular. Muitas vezes, esse pensamento é representativo de um contraponto do social padronizado, do pensamento dominante, uma vez que o cordelista encontra seu espaço nas camadas populares e em suas representações de herói e/ou vilão, a partir dos feitos e das repercussões dos mesmo nas comunidades.

Desta feita, o cordel também é um órgão produtor de “verdades”, do discurso positivista de visão unilateral, onde o discurso popular era visto com certo preconceito por parte dessa escola. Foi com a revolução da história cultural que surge a valorização das novas linguagens como constitutivas de nossa história. E é analisando a literatura de cordel como tal que observamos o seu papel preponderante como estética privilegiada do movimento regionalista que “inventou” o Nordeste.

No processo histórico, observamos que para este movimento era preciso se criar elementos que dessem subsídios para a valorização do nordeste enquanto região a se admirar e se ter orgulho de viver na mesma. Isso era preciso, pois cada vez mais o Nordeste perdia seu espaço para a cultura sulista e para a cultura estrangeira. Uma prova disto foram os discursos proferidos durante a Semana de Arte Moderna, em 1922, que encorajaram a população a admirar o novo, o moderno, enquanto o movimento regionalista nordestino se apoiava numa cultura de raiz, tradicional, em busca da valorização do Nordeste “puro”, sem nenhuma infiltração da cultura modernizante. Era preciso recuperar o espaço perdido como percebemos na crítica de ALBUQUERQUE JUNIOR, 2003:

Havia uma proposta clara, portanto, do movimento regionalista e tradicionalista, de contribuir para traçar e fixar o perfil do homem da região, de dar a ele uma “personalidade”, uma fisionomia. Para isso, vai incentivar que o regionalismo se explicitasse em obras de arte, tanto no campo das artes plásticas, como na literatura, visando “dar expressão ao regional”. Era preciso, inclusive, educar o gosto da população, para quem, em vez de admirar tudo que era estrangeiro, gostasse do que era regionalmente nosso.

É nessa tentativa de criar a personalidade do nordestino que surge a imagem do cabra macho, do protetor, do mito que é tão representada pelos cordéis através das figuras de Lampião e Pe. Cícero. Aliás, os cordéis serão os principais órgãos de divulgação e formação da personalidade, da fisionomia do nordestino, como sendo um *cabra-macho*, um obediente à

religião, um forte. Além de abordarem diversas questões observadas no sertão do nordeste, traz consigo em inumeráveis volumes a história das secas que dão margens para o surgimento de um outro estereótipo do nordestino, o de devoto, religioso assíduo da promessa e da fé cega nos santos protetores.

Dessa forma, nós temos a literatura de cordel como principal meio de representação do que seria a cultura nordestina, o mesmo que criara força com a ascensão do movimento regionalista. Segundo Certeau, (1996), as representações surgem como uma aspiração de um determinado grupo social dominante, ao que viria a ser a percepção do real. Assim, o discurso dos cordéis acaba por se legitimar à medida que são adotados pelos leitores e/ou ouvintes como a verdadeira representação do que viria a ser o nordeste e suas manifestações culturais, que divertem e descontraem os seus leitores.

As representações são entendidas como classificações e divisões que organizam a apreensão do mundo social como categorias de percepção do real. As representações são variáveis segundo as disposições dos grupos ou classes sociais; aspiram à universalidade, mas são sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam (CERTEAU, 1996).

Outra discussão sobre os cordéis enquanto uma estética privilegiada do sertão e que precisa ser levantada é sobre seu alcance na sociedade que a nosso ver, ganha também os grandes centros. Evidentemente, que por seu preço baixo e por sua interessante abordagem sobre o modo de vida da população e os costumes nordestinos, os cordéis têm um público alvo muito variado haja vista que não apenas a cultura nordestina entra em contato com os “livrinhos”, mas toda a população nacional.

E, quando tocamos nessa questão, nos reportamos a um conceito tão trabalhado na atualidade, que é o da Circularidade Cultural, no qual o material, mesmo que tenha sido forjado pela cultura popular, circula entre ela e a cultura erudita. Assim, percebe-se que o alcance do cordel é muito amplo e as identidades formadas pelo mesmo também se tornam cada vez mais arraigadas na mentalidade dos seus leitores.

Dessa forma, não há como negar que é através dos cordéis que a imagem do nordestino enquanto tal, também é moldada. Eles, definitivamente, são grandes contribuintes para a formação das identidades dos nordestinos, do sertão, esses trabalhados com mais ênfase em três vieses principais: na construção de espaços, sua devoção religiosa que encontra abrigo em Pe. Cícero e na imagem do *cabra-macho*, representada pela figura do Lampião. Essas são as tessituras a serem trabalhadas na nossa discussão posterior.

Na abordagem da Literatura de Cordel e suas expressões no sertão torna-se relevante ressaltar a formação dos leitores e produtores desse importante veículo cultural do nordeste brasileiro como também sua contribuição como saber coletivo das comunidades.

Esse tipo de literatura assegura sua fixação em suas diversas reproduções efetivadas pela prática do *contar* e do *ouvir*, visto que ainda no início do século XIX a maioria da população nordestina, sobretudo no campo, era constituída por analfabetos e a literatura feita estava ligada à oralidade versificada e a grande audiência dos escritos era realizada em saraus e reuniões familiares.

Assim, como argumenta Terra (1983), os iniciadores dessa literatura popular e em verso que passou a fazer parte como saber do conhecimento das comunidades sertanejas se definiram enquanto escritores e poetas abordando os mais variados ciclos que abordam temas que tratam desde a coragem, a honra, a fé, a política, o gado, o banditismo, o santo, o profano, o cangaço, a seca até o sertão e suas múltiplas classificações que advém do saber e da interpretação popular.

Tudo aquilo que forma um conjunto de aprendizado são conhecimentos que integram a vida social de cada indivíduo em seu cotidiano e cuja produção cultural representa significativos condicionantes que integram o saber humano. Trata-se de conhecimentos que circundam os planos individual e coletivo, por meio das relações sociais e culturais que são estabelecidas entre os povos.

O saber é, portanto, uma categoria considerada angular e que integra o presente estudo, uma vez que parte do saber popular, no qual o cordel faz parte integrante para enriquecer o saber científico. Compreender suas dimensões e as vicissitudes desse conhecimento torna-se fundamental na análise do presente estudo e na construção de nosso objetivo de pesquisa.

A dimensão do saber a que nos referimos neste trabalho, consiste do saber popular, das vivências, do repassado pela tradição oral, onde a literatura cordelina demonstra sua expressividade da forma mais compreensível possível, retratando a realidade do cotidiano onde os personagens estão inseridos e nos mais diversos setores de atividade.

A partir desse saber, esses sujeitos sociais procuram elaborar suas atividades diárias, de maneira que suas artes de fazer estejam imbuídas de ações táticas que possam garantir sua sobrevivência e, também, uma condição de vida no seio da comunidade, da sociedade e do grupo social ao qual pertencem (CERTEAU, 1996).

De acordo com Coulon (1995), o saber popular que um dia já foi relegado, hoje assume um papel de mais alta relevância frente a essa nova aliança das ciências humanas e

sociais. Foi a partir do saber popular que se tornou possível construir um conhecimento científico.

Observamos no desenvolvimento deste trabalho que o saber popular não é descontextualizado e que ele está sempre se renovando e sendo reinventado. Não há nesse tipo de saber nenhuma exigência por métodos e sistemas, pois seus atores sociais procuram dar um diagnóstico do mundo, discorrendo sobre tudo o que eles percebem e sem ter que seguir regras para constituí-lo, segundo afirma ABREU:

O saber contido na literatura de cordéis produzida no Nordeste brasileiro desde o final do século XIX coloca homens e mulheres pobres na posição de autores, leitores, editores e críticos de composições poéticas. Em geral, associam-se esses papéis a pessoas da elite – se não financeira, ao menos intelectual –, mas, no caso dos folhetos, gente com pouca ou nenhuma instrução formal envolve-se intensamente com o mundo das letras, seja produzindo e vendendo folhetos, seja compondo e analisando versos, seja lendo e ouvindo narrativas. (ABREU, 2004, p.199).

Ao estudar essas formas de saber e suas tentativas de classificar seus temas, é como se percorrêssemos duas linhas evolutivas. Uma circular - as manifestações orais populares dão origem às eruditas que por sua vez fornecem subsídios *temáticos e estruturais* aos “*repassadores de tradição*”.

A outra linha encontra-se na evolução da balada medieval folclórica para balada “erudita” forjada pelos poetas românticos no século XIX e cultivada hoje pelos poetas modernos. A literatura de cordel pode ser inserida nessa tradição circular e o que evidencia esta configuração é a denominação espanhola “romance de cego”:

O mais convincente indício dessa realidade seria a ligação existente, desde a antiga Grécia, entre o exercício da cantoria de longos poemas em locais públicos e a figura dos cegos pedintes. Limitados pela condição mesma de sua incapacidade para atividades práticas, os ceguinhos mais bem dotados de vivacidade e inteligência optariam pelo aprendizado de algum instrumento musical — no mundo antigo a lira, a harpa e a cítara, na era cristã o par de pandeiretas e tamborins, o que de mais simples em cordas estivesse ao alcance [...] — para o seu som ganhar a vida cantando-contando histórias rimadas. (TINHORÃO, 2006, p. 138).

Essas formas de poemas narrativos configuram o “eterno retorno” e, evidenciando essa “caminhada circular”, consta-se que a transformação do cantares épicos para os cantares populares aconteceu durante a Idade Média, quando se despertou entre os poetas populares o interesse por se contar os feitos particulares do seu povo. Assim, em lugar da imitação dos antigos *aedos e bardos*, intérpretes do sagrado, passaram a surgir pelas praças e feiras.

O cordel, resultante desse ambiente é fruto do saber popular e encontra nesse tipo de conhecimento sua matriz existencial, histórica e educativa, porque foi a partir desse saber que foi criado. Desse modo, entender a dimensão cultural do cordel e sua valorização

enquanto parte da cultura nordestina delinea-se também as atividades tecidas no cotidiano e contribui para a produção da cultura.

Para Raymond Williams (1992) a realidade histórica destas comunidades é surpreendentemente variada, pois, estas cristalizam e generalizam uma grande quantidade de práticas sócio-culturais.

O campo passou a ser associado a uma forma natural de vida de virtudes simples. À cidade associou-se a idéia de centro de realizações, de saber, comunicação e luz. Também se constatam associações negativas: a cidade como lugar de barulho, mundanidade e ambição; o campo como lugar de atraso, ignorância e limitação.

Para o autor, a perspectiva existente entre campo e cidade se efetiva dentro da relação de identidade que eles vão manter entre si, a partir do próprio conceito generalizado de “desenvolvimento”, impostas a eles, a partir de uma dada realidade histórica.

Ainda segundo o mesmo autor, saber popular significa a voz da experiência e do conhecimento, originário das ações praticadas cotidianamente pelos sujeitos sociais, responsáveis pela criação de imagens e saberes privilegiados. Suas formas de produção são circunscritas e empregadas nas atividades diárias, nas relações comunicativas e no diálogo em que emanam os sujeitos sociais em interação para produzirem esse tipo de saber que prescinde do saber científico.

Tudo o que é produzido pelo homem advém do saber, uma vez que o seu processo de desenvolvimento surgiu da condição de dependente da natureza, de captador e que usou de suas habilidades físicas e cognitivas para recriar e inventar instrumentos capazes de lhes proporcionar sua sobrevivência, escrevendo sua história na construção epistemológica do saber.

As práticas cotidianas têm uma função muito importante na construção do saber, pois trata-se de um saber-fazer abastecido pela ação coletiva ou individual dos sujeitos sociais.

O saber popular, ao se evidenciar no cotidiano, nas experiências dos homens comuns, é permeado de particularidades, procurando amalgamar condicionantes subjetivos e objetivos em sua composição. Nesse sentido, assim como a ciência desenvolveu uma linguagem própria, o saber popular também o fez, mesmo não apresentando uma sistematização em sua produção, como o saber científico apresenta. Entretanto, o saber popular é um conhecimento que tem seu reconhecimento, tem sua função social porque, no âmbito do coletivo e do individual, exerce toda a sua dimensão. Argumentamos que, a partir do saber popular, pode-se produzir ciência, visto que, seguindo a linha de orientação etnometodológica, este tipo de saber estabelece um diálogo e uma articulação com a ciência (ARAÚJO, 2007, p. 67).

Em termos de identidade cultural, percebe-se que o mundo é muito diverso culturalmente e, portanto, é necessário que haja entendimento de suas mudanças e relações com o lado social e cultural. No plano cultural, percebe-se a necessidade de pensar sobre a importância de uma reflexão sobre a identidade, para compreendermos melhor as transformações que perpassam o mundo social na construção de suas identidades.

Seguindo essa orientação é que se percebe a necessidade de pensar na identidade e sua articulação com o que propomos nesse trabalho. Quando nos referimos ser a literatura de cordel marca expressiva e representativa do papel do poeta popular, do cordelista, de como ele é identificado no âmbito da sociedade, vê-se que é fundamental despertar a atenção para as discussões em torno dessa concepção e de seu habitat para sua criação literária.

[...] ao produzir o cordel, o poeta popular lhe imprime traços que o tornam peculiares e revelam aspectos de sua vida cotidiana e de seu conhecimento prático. Entretanto, nos cordéis, não estão expressos apenas esses elementos que consideramos pontuais. Neles, o poeta ressalta aspectos de sua própria vivência, deixando perpassar não apenas o seu eu poético, mas, sobretudo, como ele percebe e pensa o mundo e as pessoas ao mesmo tempo em que pensa sobre si mesmo, permitindo-se, assim, construir também sua identidade (ARAÚJO, 2007, p.68).

Os aspectos mais representativos que potencializam a identidade de um indivíduo podem ser identificados pela construção da sociedade em que vive, a partir do ambiente, das práticas e ações exercitadas, na maneira como vive no mundo, sua forma de pensar e participar, além do contexto em que está inserido, na maneira como ele vê o mundo, compreendendo e interpretando a realidade social a qual pertence.

Assim como a identidade individual, a identidade de grupo é constituída a partir das relações sociais e culturais estabelecidas entre os membros do grupo social, pois é ela que articula o conjunto da sociedade a que pertence e representa.

Não se pode falar em representatividade sem levantar a questão da cultura, uma vez que é em torno dessa questão que são construídas as identidades. Por outro lado, há de se entender que cada povo tem sua cultura própria, muito embora não seja totalmente fechada, havendo uma certa descentralização, daí a necessidade de seu questionamento em vários segmentos das ciências sociais.

Assim, na construção da identidade, quer seja coletiva, quer seja individual, leva-se em consideração uma gama de fatores que se aglutinam e são essenciais para entendermos como a identidade é construída. Entre esses fatores podem ser destacados os biológicos, os relacionais, os históricos, o das relações de poder e dominação.

Dessa forma, a identidade recebe interferência tanto dos elementos subjetivos quanto dos elementos objetivos, sendo importante o seu reconhecimento pelo caráter plural,

visto que existem identidades de gênero, de raça, de etnia, de classe e outras mais que se relacionam com as práticas culturais.

Entendemos ser a cultura uma forma pluralista, dada a diversidade como ela apresenta diferentes expressões e sentidos.

As identidades não são nunca unificadas; que elas são na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicas. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação (HALL, 2004, p.108).

Quanto ao poeta popular, o poeta cordelista, sua identidade com o nordeste é formada a partir do ambiente onde ele está inserido e das relações que são evidenciadas em seu habitat com o grupo a que pertence. Daí a inspiração nos cordéis é que se tem uma visão dos poetas populares, numa observação precisa do nordestino, onde as particularidades existentes na região formam a identidade desse povo e servem de pano de criação, por exemplo, para as mais diversas explicações do ambiente e de suas relações políticas, geográficas, sociais e religiosas.

2. O SERTÃO COMO ESPAÇO DE CRIAÇÃO PARA OUTROS ESPAÇOS ATRAVÉS DA LITERATURA DE CORDEL.

O Sertão trata-se do espaço que percorre a presente dissertação e que envolve a religiosidade, o espaço hostil, o profano, o sagrado, o cangaço e a formação de mitos com o intuito de apresentar as figuras de Pe. Cícero e Lampião dentro deste *locus* “multicriador”, simbólico, amedrontador, diverso e ao mesmo tempo condenado ao isolamento social, bem como sua força no processo de mudança o qual transformou a história de Pe. Cícero e Lampião, que nos invade a imaginação, que nos atíça a fé e ao banditismo, percorrendo um caminho de teias, constituinte de uma rede de significados que vai do homem ao santo e do santo ao mito, do homem comum ao bandido celebre, do justiceiro ao mito do cangaço, sendo o primeiro capaz de se render às rezas dos sertanejos desconsolados diante da má sorte reservada pela seca e suas temidas reações e o segundo a um código de honra, ambos no calor infernal do polissêmico sertão nordestino.

Num mundo dito globalizado como o nosso, o acesso pleno a um território como “experiência integrada do espaço” só se dará quando todos, de alguma forma, puderem vivenciar o mundo em suas múltiplas escalas, pois o território é, hoje, sobretudo, multiescalar e um território-rede (HAESBAERT, 2007, p.68).

Uma temática muito presente nos folhetins de cordel é, com certeza, a da seca que serve como palco itinerante de dor e sofrimento para o povo nordestino. A imagem do Nordeste está gravada como uma região que sofre com as secas, fato que surgiu junto à elite açucareira nordestina, que após a famosa seca de 1877, iniciou um trabalho de divulgação do Nordeste, enquanto região árida, principalmente, por interesses financeiros nos investimentos do governo federal para o combate as mesmas, ou seja, há sim secas no Nordeste, porém, há também, regiões que têm abundância de mananciais, rios, açudes, e que não sofrem com o “flagelo da seca”, que produzem frutos e verduras que alimentam o Brasil.

Porém, a imagem que se passa dessa região, principalmente veiculada pela mídia, é de uma região seca, onde muitas pessoas ainda morrem de sede, e que enfrentam várias dificuldades pela falta de água em sua região. Essa imagem, essa identidade do Nordeste seco, foi construída ao longo dos anos e perdura até hoje, sendo os cordéis um dos veículos de expressão privilegiada de comunicação que abordam e constroem essa imagem.

A seca como um fenômeno constante e constitutivo do espaço do homem pobre nordestino dá vazão as suas imagens tão propagadas pelos cordelistas. A sua visão concêntrica do espaço lhe permitia considerar a seca como um elemento natural e, portanto, se via num mundo onde esta era uma presença sempre presente e ameaçadora, num território

esquecido pela força da criação divina, como observamos na décima de Leandro Gomes de Barros. (1920)

A Seca do Ceará

Seca as terras as folhas caem,
morre o gado sai o povo,
o vento varre a campina,
rebenta a seca de novo;
cinco, seis mil emigrantes
flagelados retirantes
vagam mendigando o pão,
acabam-se os animais
ficando limpo os currais
onde houve a criação.

Não se vê uma folha verde
em todo aquele sertão
não há um ente d'aqueles
que mostre satisfação
os touros que nas fazendas
entravam em lutas tremendas,
hoje nem vão mais o campo
é um sítio de amarguras
nem mais nas noites escuras
lampeja um só pirilampo.

Tudo ali surdo aos gemidos
visa o espectro da morte
como a nauta em mar estranho
sem direção e sem norte
procura a vida e não vê,
apenas ouve gemer
o filho ultimando a vida
vai com seu pranto o banhar
vendo esposa soluçar
uma adeus por despedida.

E a fome obedecendo
a sentença foi cumprida
descarregando lhe o gládio
tirou-lhe de um golpe a vida
não olhou o seu estado
deixando desamparado
ao pé de si um filinho,
dizendo já existisses
porque da terra saíesses
volta ao mesmo caminho.

Vê-se uma mãe cadavérica
que já não pode falar,
estreitando o filho ao peito
sem o poder consolar
lança-lhe um olhar materno
soluça implora ao eterno
invoca da virgem o nome
ela débil triste e louca
apenas beija-lhe a boca
e ambos morrem de fome.

O gado urra com fome,
 berra o bezerro enjeitado
 tomba o carneiro por terra
 pela fome fulminado,
 o bode procura em vão
 só acha pedras no chão
 põe-se depois a berra,
 a cabra em lástima completa
 o cabrito inda penetra
 procurando o que mamar.

Santo Deus! Quantas misérias
 contaminam nossa terra!
 no brasil ataca a seca
 na europa assola a guerra
 a europa ainda diz
 o governo do país
 trabalha para o nosso bem
 o nosso em vez de nos dar
 manda logo nos tomar
 o pouco que ainda se tem.
 [...]

No sertão nordestino, o homem vive relações sociais, a construção do seu território, interações e relações de poder; diferentes atividades cotidianas, que se revelam na construção de malhas, nós e redes de significados pessoais e coletivos, constituindo o território; manifesta-se em distintas escalas espaciais e sociais e varia no tempo.

Neste aspecto, o poeta paraibano Leandro Gomes de Barros, em a *Seca do Ceará* nos revela a morte anunciada na vida do sertanejo provocada por este fenômeno e a súplica do sertanejo ao inclinar-se a Deus pedindo por salvação ou pelo aplacamento de suas dores durante sua trajetória no sertão: “*O gado urra com fome / berra o bezerro enjeitado / tomba o carneiro por terra / pela fome fulminado / o bode procura em vão / só acha pedras no chão / põe-se depois a berra / a cabra em lástima completa / o cabrito inda penetra / procurando o que mamar. / Santo Deus! Quantas misérias / contaminam nossa terra! / no brasil ataca a seca / na europa assola a guerra / a europa ainda diz / o governo do país / trabalha para o nosso bem / o nosso em vez de nos dar / manda logo nos tomar / o pouco que ainda se tem*”.

Segundo Lima (1970) a seca e o sertão constituem-se em um espaço plural e se mostram como centro de produção de muitos fenômenos social e condensam-se como uma extensa fonte de inspiração para seus poetas. A distribuição fica destinada aos eventos sociais como festas, sobretudo as religiosas, e nesses locais são observadas outras formas de linguagens, também populares, com semelhantes características, que são as novenas, os cordéis, os cantos religiosos, os ternos, as ladainhas, os benditos, versões cantadas da criação e improvisação do poeta popular em sua íntima ligação telúrica.

A arte de ser poeta cordelista no sertão, criando a partir da seca e de suas mazelas provocadas é muitas vezes considerada como um talento sobrenatural nas narrativas coletivas. Assim, mais do que a escrita do cordel, o que interessa é a sua transmissão entre o povo que ouve e reproduz a matéria contada com maestria. A arte da fala está associada à arte da escrita, pois após várias vezes ouvida, divulgada pela oralidade, torna-se documento escrito. E, dessa forma, o cordelista goza de posição privilegiada no seio da sociedade por ser capaz de ideias e raciocínios, considerados “sagrados”, uma vez que se apodera da palavra e da escrita para traduzir os sentimentos e vivências das comunidades. Posicionando-se entre o rito e o espetáculo, o cordel vai seguindo na arte principal de traduzir o modo de vida do sertão e a criação de seus mais diversos espaços.

De acordo com Araújo (2007), a ligação do homem à terra e sua ação em seu espaço geográfico no Nordeste, define esse jeito de ser nordestino expresso de maneira maestral nos cordéis, que tem atraído, há mais de 100 anos, no Brasil, um público leitor-ouvinte muito diverso e composto, não apenas de crianças, jovens e adultos da região e do país, mas também, de pessoas de terras de além-mar, onde o cordel alcançou notoriedade.

Mas se a seca aparece nos discursos do cordel como elemento que faz parte de um espaço tradicional, imutável e de um tempo repetitivo e cíclico, não deixa de ser vista como uma catástrofe, um distúrbio deste próprio espaço, como um elemento de desorganização da própria natureza. A partir de uma postura maniqueísta, o cordel identifica a seca como o elemento mau, o elemento da natureza que perverte sua rotina, altera seus ciclos, embora tais alterações possam também ser cíclicas e naturais (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2012, online).

Os versos a seguir mostram que no sertão, a seca por ser considerada uma catástrofe, uma penitência imposta pela natureza, fato que obriga ao povo nordestino a desejar e a duvidar da mão e do poder de Deus que se demora a aliviar a dor e a angústia de um povo valente, revelando a indiferença das forças divinas: Vê-se uma mãe cadavérica / que já não pode falar/ estreitando o filho ao peito / sem o poder consolar / lança-lhe um olhar materno / soluça implora ao eterno / invoca da virgem o nome / ela débil triste e louca / apenas beija-lhe a boca / e ambos morrem de fome.

Conforme visto nos versos de Leandro Gomes de Barros. Nota-se que em meio ao desespero o sertanejo roga suas preces em busca de Deus que providenciará a cura para a falta sentida pela fúria desigual da natureza, da seca que traz consigo a morte e a escassez.

Percebe-se que a seca é tratada como um trauma ou causadora de infortúnios impostos pela natureza ao povo do Ceará, que por falta de chuva, se vê obrigado a deixar sua terra, sua casa, para se lançar ao desconhecido, um espaço difuso e imprevisível. É triste essa migração, pois, o camponês sente uma certa asfixia, um desespero, por ter que abandonar tudo

o que é seu para aventurar-se em outras terras totalmente desconhecidas. O seu interior, a sua cidade, a capital e o seu Estado não tem como abrigar-lhes, pois falta trabalho.

Os versos refletem a história triste e presenciada no sertão uma vez que demonstram a pujança de inúmeras imagens do discurso cristão, a seca aparece por diversas vezes, como castigo de Deus, pelos pecados humanos. A seca seria tempo de expiação, ela traria os sofrimentos necessários à carne humana, para a purificação das almas. Considerando pecado toda transgressão ao código de valores do mundo tradicional; só a obediência a este código evitaria que Deus mandasse a seca.

Dessa forma, apesar de conservadora, as imagens da seca se apresentam como uma denúncia das transformações que se evidenciam no ser humano de classe pobre e o seu repúdio a todas estas mudanças. Assim, pela literatura de cordel entende-se que a seca é uma “lei da natureza” imposta por Deus e que o homem não tem como acabar com ela. A única solução vista por estes seres é rezar e muito para acalmar o que eles denominam de “a ira divina”.

Para muitos sertanejos, a imagem da seca é vista como o fim do prazer e como momento de saudade de tudo que se perde, desde a moradia até os animais de estimação. Momento em que tudo se altera, momento de falta, falta de comida, de água, mas falta, também, das coisas queridas.

A literatura de cordel costuma demonstrar a construção de outra imagem do passado totalmente diferente da presente, de uma seca quase constante, em que a diversidade de vivências não veiculadas costuma ser descrita e elaborada. Esse tipo de literatura nos mostra a presença de um nordeste paradisíaco e feliz, antes da seca. Nela se omite a miséria cotidiana, a infelicidade antes mesmo da seca, o que torna este fenômeno como causador de todos os males.

Portanto, é neste cenário de difícil convívio, através do cordel que o poeta popular, o qual dotado de vários saberes, constrói uma identidade do Nordeste para o seu povo e para o mundo.

2.1 Do Espaço Religioso

O espaço religioso é para o nordestino um sonho a ser alcançado, objeto de veneração. No nordeste, a cidade Juazeiro do Norte, a religião que norteia o povo é fonte de penitências, orações e salvação, prova incontestável dos sentimentos e crenças do nordestino que eleva a Juazeiro do Padre Cícero à condição de Meca dos Sertões cearenses². O espaço para o homem religioso, não é um espaço qualquer e homogêneo, mas há diferenças fundamentais

entre um espaço sagrado e os não sagrados. O sagrado se configura como o real e transcendente, heterogêneo, mítico.

Ao contrário, o espaço profano, do qual nos ocuparemos posteriormente, com maior propriedade, é homogêneo e neutro, é geometricamente dividido sem preocupações vivenciais. O espaço sagrado é o que permite o homem que se obtenha um ponto de referência a sua existência, deixando de ser caótica, enquanto o espaço profano não se constitui como realidade ou orientação vivencial, capaz de fecunda aproximação com Deus. Estes dois modos-de-ser no espaço aparecem em diversas teofanias e sinais, como ritos que diferenciam os lugares sagrados, templos religiosos, escolhas de lugares para a constituição do espaço vivencial.

O espaço sagrado é portador do Cosmo, isto é, na sua constituição no espaço sagrado é que o homem religioso se separa do mundo caótico. É na consagração de um espaço que ele se cosmoliza. Assim quando ele ergue um templo, por exemplo, nada mais é que um repetição da Criação. Nisso tem-se então o ato primordial da transformação do Caos em Cosmo.

Como tão bem nos coloca Régis Lopes (2000) a definição do espaço sagrado, além destes aspectos da morada primordial, também vai ser o "centro do mundo", pois o verdadeiro mundo encontra-se no meio, no centro. O homem religioso deseja viver o mais perto possível do centro do Mundo, isso porque há a experiência e necessidade de existir num mundo total e organizado, revestido da fé, da obrigação, da devoção, da proteção divina ou de seu representante no *locus* religioso, conforme pode ser visto pela leitura dos versos abaixo do cordelista Abrão Batista (*Quando Padre Cícero chegou a Juazeiro do Norte* 1994, p.01-08).

Antigamente existia
no lugar de juazeiro
uma mata esquisita
com nome de taboleiro
que era ponto de encontro
do feirante e tropeiro

Depois, nesse recanto
um padre se alojou
construiu uma capela
e aos poucos povoou
aquele ponto de encontro
que matuto encontrou

Onde hoje é o Crato
fizeram povoação
missão velha a freguesia
era o centro da missão
no catolicismo romano
com espada e oração

assim surgiram as cidades
 que povoavam o sertão
 no Cariri eram quatro
 e tinham como estação
 os juazeiros do Norte
 do Padre Cícero Romão

Com o tempo, os juazeiros
 eram o centro da perdição
 jogo, mortes, encrencas
 todo tipo de confusão
 lá, as mulheres da vida
 tinha liberdade e ação

Contudo, a Natureza
 guarda num mapa traçado
 mostrando que cada ser
 tem um destino marcado
 e somente o Criador
 tem poder pra ser mudado

Em mil oitcentos
 do ano de setenta e um
 no Natal do dito ano,
 igual a ele nenhum
 Padre Cícero no povoado
 fez o primeiro jejum

No Natal daquele ano
 padre cícero rezou
 a santa missa cantada
 que a todos admirou
 por seu jeito humilde
 logo todos conquistou

Daí pra frente começa
 a sua grande missão
 o trabalho apostólico
 do padre Cícero Romão
 que transformou o lugar
 na capital do sertão

Assim o Padre Cícero
 começou sua missão
 ensinando para os romeiros
 o trabalho e oração
 paciência e humildade
 com coragem e o perdão.

Pela descrição do cordel, percebemos que a criação de Juazeiro é descrita a partir da diversidade geográfica e social do lugar no qual se estabeleceu o representante de Deus na terra dos cariris. De um simples lugar, de pessoas comuns a Capital do Nordeste é o resultado da povoação dada ao ermo pedaço de mata esquecida por aquele que recebera de Deus a missão apostólica de fundar ali uma capela para arrebanhar as ovelhas perdidas e iniciar um processo de salvação do povo oprimido pela força da afirmação dos Mandamentos de Deus.

Padre Cícero ganha nos versos de Abrão Batista a honra missionário de liderar o povo escolhido dentro da fé e da humildade pregadas no Evangelho.

Em particular, em nossa avaliação, o trabalho de Abrão Batista possibilita ao leitor uma visão ampla do tema religioso na fundação de Juazeiro do Norte. Primeiro trata das condições do lugar antes da chegada do Padre Cícero e depois que ele chegou. O autor explora alguns aspectos históricos do período em que ele já se havia instalado em Juazeiro trazendo uma leitura dos aspectos contemporâneos da cidade, caracterizando-a como uma terra prometida, lugar de devoção, fundado a partir da chegada do sacerdote.

Fica claro que o Padre Cícero atua como protetor dos pobres, que atendia a “todos os amiguinhos”, como patriarca, sob inspiração divina, como reis que governavam os povos, imbuídos de poderes divinos, sendo para tanto compreendido diretamente como santo.

Vemos que o poeta se assegura do testemunho do povo para ser o porta-voz do discurso de apresentação da chegada de Padre Cícero Romão Batista à cidade de Juazeiro. Os versos o dispõem como um sujeito enviado por Deus e detentor de poderes, tanto temporais, como espirituais, sendo, aqueles, uma consequência direta destes.

A riqueza produzida pelas estrofes nos apresenta um percurso temático que opõe salvação x perdição. O padre foi o sujeito que, através de uma competência obtida pelo Destinador Maior do discurso religioso - Deus, personificado em Jesus Cristo, que lhe apareceu em sonho, incumbindo-lhe dessa missão, promoveu a salvação do povo do lugar. O tema da perdição é semanticamente revestido pelas figuras: "jogos," "mortes," "encrencas," "mulheres da vida".

O tema da salvação é gerador do progresso, o qual é representado por "Juazeiro, Capital do Sertão", "os mandamentos de Deus: trabalho e oração." Aqui, o padre é caracterizado com base no ethos divino: "paciência", "humildade," "atendia aos necessitados, chamando-os de amiguinhos."

Com essas figuras, é possível ler o diálogo desse texto com as cenas fundadoras do lócus sagrado – Juazeiro Santa, um “todo” abençoado, capaz de construir a imagem de um Padre Cícero Patriarca, o que cuidava espiritualmente do povo, proporcionando-lhe o seu *religare* com o Criador, com base no *ethos* de outros patriarcas, presentes no discurso religioso e fundadores de lugares também considerados santos, como Davi, Moisés e Abraão.

É pela composição poética de Abrão Batista que o leitor comprova o aparecimento de um o Padre Cícero como o sujeito dotado da competência - o saber fazer, o querer que opera a transformação dos estados. Com relação à cidade de Juazeiro, se funda na mente do povo como o *locus amoenus sanctus* construída como uma Canaã, um lugar de

realização dos desejos, uma terra santa, "Capital do Sertão", um centro de "trabalho, oração/salvação e progresso." Todo patriarca, taumaturgo ou santo, tem o seu espaço sagrado, o seu solo sagrado de salvação e progresso, a Canaã bíblica: uma terra onde jorre leite e mel, uma terra de promessa para os desvalidos e necessitados, atendidos a partir dos atos de fé, de suas orações e penitências.

Para muitos, no *locus sanctus*, como é considerada a cidade de Juazeiro, a penitência que é uma prática religiosa muito antiga e foi uma maneira bem comum de atividade milenarista entre os séculos XIII e XIV deixa de ser um ritual performed em procissões promovidas e organizadas pela Igreja Católica e passa a contribuir para inserção da forte tendência messiânica entre os habitantes da região e, mais particularmente, na história da fundação do Juazeiro do Norte observamos que a forte presença de tais práticas e crenças constitui uma verdadeira tradição cultural. Desde a época dos primeiros missionários, das ordens religiosas, passando por Padre Ibiapina até Padre Cícero, grupos e comunidades combinaram penitência, crenças milenaristas e messiânicas como “Os Serenos, o beato Zé Lourenço e a comunidade de Caldeirão” marcaram a cidade de Juazeiro nos tempos mais remotos.

Entretanto, o que observamos nas ruas de Juazeiro nos dias atuais é que, apesar do declínio dessas ordens religiosas como instituição, houve uma espécie de proliferação dos “beatos” e penitentes. De uma organização institucional, regulada por uma hierarquia eclesiástica, as ordens religiosas, fundadas nos tempos de Ibiapina e Cícero, viraram uma espécie de modo de vida – adotado por indivíduos de uma forma bastante pessoal e diversificada.

Sujeito celibatário
 Que faz votos de castidade
 Que não tem profissão
 E que vive da caridade
 Vive da reza e do terço
 É um praticante de verdade

Eles vestem
 À maneira de um frade
 Uma batina de algodão
 Alguns vivem da esmola
 Do poder da pregação
 Rituais e vestimenta
 Pra obter a salvação

Livres da regulação de um mediador religioso, cada beato pôde criativamente inventar (vestimentas, rituais purgatórios, pregação, etc.) sua penitência, tornando-a assim, mais do que nunca, um modo de vida. Se, por um lado, é verdade que essa prática sofreu

transformações na forma e no sentido, por outro, essas mesmas transformações de modo algum significaram o seu declínio para o contexto de Juazeiro do Norte, mas o contrário: a própria possibilidade de sua continuidade. Essas ordens mudaram e por isso mesmo continuam nos dias de hoje.

No espaço sagrado de Juazeiro, os penitentes proliferaram tanto que se tornaram imagens de referência identitária da própria localidade. Os Serenos, um grupo de penitentes que perambulavam nos arredores do Crato no século XIX, choramingando e anunciando o final dos tempos e os Beatos que faziam parte das Casas de Caridade fundadas por Padre Ibiapina podem ser considerados como formas tradicionais ou mais antigas de penitentes do sertão do Cariri.

Atualmente, a palavra “beato” designa aquele sujeito que pertence ao laicado e ajuda o clérigo local nos assuntos diários da paróquia e suas festividades, sem que necessariamente pratique penitência. Já o penitente é uma categoria mais ampla associada tanto a um modo de vida como a uma prática ritual que envolve sofrimento (flagelo). Portanto, beatos do passado podem ser considerados como uma forma ou uma versão de penitente.

Ainda nos dias de hoje em Juazeiro do Norte e em seus arredores, muitos penitentes que não têm qualquer relação, oficial ou não, com a Igreja podem ser vistos, vestidos como beatos, praticando a mendicância e sustentando crenças milenaristas. Alguns são capazes, como comentado anteriormente, de se organizar numa comunidade como, por exemplo, os Ave de Jesus, a Irmandade de Flagelantes de Barbalha e a Dança de São Gonçalo. Outros se tornam penitentes que individualmente, sem formar uma comunidade ou grupo, revivem a estética e as práticas dos primeiros beatos ordenados por padre Ibiapina e padre Cícero.

Hoje, no espaço sagrado de toda a Juazeiro observamos pelas ruas penitentes vestidos como os beatos dos tempos do Padre Ibiapina e Padre Cícero, cada um a sua maneira vivendo na e da penitência. Uns vestem marrom com uma corda na cintura, lembrando São Francisco de Assis. Algumas vezes encontramos outros com a indumentária, “as vestes” como gostam de dizer, colorida em vermelho e roxo aludindo à paixão de Cristo (a *via crucis*); outras vezes, a indumentária é simples, de cor preta tal qual a batina de Padre Cícero.

Visitar Juazeiro do Norte é entrar num redemoinho espaço-temporal. Cidade sagrada para tantos romeiros, ela se insere numa rota de peregrinação e penitência nordestinas como de "capital da fé". Fé que se manifesta através das mais diferentes expressões, sempre

marcada pelo sofrimento e pela confiança no Salvador. Religiosidade que e caldeirão de tradições e de rituais que li encontraram ambiente para fervilhar.

Os penitentes e peregrinos encontram na figura de Padre Cícero a *anima latente da fé* e, no imaginário destes o santo padre irá se (con)fundir com a do próprio Cristo. E a iminência do Fim dos Tempos mobiliza o sertanejo. Ao tempo cíclico, observado na mudança das estações, na alternância entre dia e noite, une-se um tempo linear cristão, escatológico e utópico. Acredita-se que o Dia do Juízo está próximo e que Cristo / Pe. Cícero retornará a Terra para separar o joio do trigo e instaurar um tempo de abundância, paz e justiça para todos aqueles que provarem ser bons cristãos.

Diante do temor de não estar entre os escolhidos, os fieis recorrem ao Padrinho e perpetuam práticas devocionais milenares. Estas práticas derivam de uma matriz oral cujas origens se perdem no tempo, mas que podem ecoar dos manuais de piedade levados ao Nordeste brasileiro por missionários europeus durante os séculos XVII, XVIII e XIX.

Na literatura de cordel, o tom escatológico destes livros de devoção é claro e encontra espaço garantido nas discussões dos poetas. Como parte da vivência nordestina, o itinerário religioso prega que o homem e pecador conhecerão a fúria da face de Deus em breve, se não mostrarem sinais de arrependimento sincero.

O tempo de redenção é visto como próximo e, portanto, o tempo para conversão e para remissão dos pecados esgota-se. Desta forma, em Juazeiro do Norte, não se reúnem apenas romeiros preocupados com suas condições imediatas de vida, mas uma nação de fiéis que, em suas promessas, não pedem apenas por sua saúde ou por seus bens materiais e, que têm consciência de que, mais do que romeiros de Pe. Cícero são peregrinos sobre este mundo. E, para essa multidão de crédulos, chegar à Juazeiro Santa é entrar na casa sagrada de Padre Cícero.

Eu entrei na casa santa,
Fugiu-me o sangue das veias:
Valei-me meu Padim Ciço
E a Mãe de Deus das Candeias!

Naqueles longes caminhos,
A gente às vezes se areia:
Valei-me meu Padim Ciço
E a Mãe de Deus das Candeias!

Sobre os caminhos da vida,
A luz que mais alumeia
É o santo Padim Cícço
E a Mãe de Deus das Candeias!
(Diniz, 2011).

Sabem que é necessário lutar pela salvação, para que no outro mundo, o “eterno”, possam partilhar a presença de Deus e evitar a todo custo, os tormentos do inferno. E a penitência, em suas diferentes formas, é fundamental para purgar os pecados do corpo e purificar a alma, o corpo, revestimento carnal da alma, prende o homem a esse mundo e tornando-o fraco diante dos estímulos que lhe são fornecidos pelo século.

Entretanto, domando o corpo e suas necessidades que é que se garante a salvação da alma. Para isso, é preciso deixar tudo, abandonar esse mundo em vida a fim de purgar os pecados.

Na Juazeiro do santo Padre o espaço sacro se confunde com a miséria, pois, o número de pedintes é sempre grande. A prática piedosa tem um sentido social. A cada novo período de seca, a sede, a fome, as doenças promovem a fuga e a morte de milhares de sertanejos diante do descaso, da insensibilidade e da exploração da miséria por parte do Estado.

Durante a seca de 1877, por exemplo, uma das mais difíceis de todos os tempos, a fome levou milhares de famílias ao desespero, levando-as a se alimentar de cachorros, gatos, papagaios, ratos e carne putrefata de bois e cavalos. Os males da natureza que se abateram sobre o homem eram, portanto, vistos como consequência de seus próprios pecados. E se a avareza é o pecado mais condenável, a caridade deve ser uma prática constante para a salvação.

[...] a ausência de oração pela maior parte tem sido a causa de todos os nossos pecados; e nós abstendo-nos das cousas lícitas por meio dela, alcancemos o perdão das cousas ilícitas, que são os pecados (...). A vista destas razões, quem ainda duvidara da virtude e necessidade dela? Ninguém (Catecismo da Igreja Católica).

2.1.1 A Oração

O homem peregrino/penitente tende a distanciar-se do mundo impuro e dos estímulos que ele lhe fornece com receio do pecado e dos castigos. A oração, aliada à própria caminhada pelo espaço, permitem que toda a natureza se comunique com os mortais. E, Padre Cícero deixou a todas as ovelhas da mãe de Deus um chocalhinho no pescoço, que deve ser usado sempre para chamar a atenção de Deus: O Rosário. Segundo ele, ao rezá-lo, os Homens se lembram dos mandamentos de Deus e não correm o risco de pecar. A oração é o alimento da alma; através dela, a alma se fortalece e fica mais próxima de Deus. Já dizia a Padre Cícero que a oração e o Rosário são as mais poderosas armas contra o inimigo eterno, conforme vemos no cordel o *Valor da Oração e o Mistério do Rosário* (s/data) de Severino José da Silva (Severino do Horto).

Padrinho Cícero em Juazeiro
fez um papel importante
uma noite ele sonhou
com o bom Jesus navegante
filho de Deus verdadeiro
que lhe entregava o romeiro
para um futuro brilhante

Ele aceitou o presente
de oração jejum
Nossa Senhora lhe disse:
Cícero o meio mais comum
para nada ir ao contrário
é colocar-se um rosário
no pescoço de cada um

Ensine a todos rezar
com muita sabedoria
diga que é um presente
da sempre Virgem Maria
e vale mais do que dinheiro
se salva todo romeiro
que reza 2 vezes no dia...

Reze um pela noite
para garantir a dormida
e as 4 da madrugada
diz a nossa mãe querida
hora que não tem converça
se reza outro e começa
um novo dia de vida

O rosário é uma chave
que abre e fecha o portão
a alegria dos romeiros
a estrada do cristão
Padrinho Cícero dizia
quem reza 2 vezes no dia
eu garanto a salvação

Quem não reza se condena
quem reza só faz o bem
rosário de Padrinho Cícero
e é da Virgem também
rosário amigo fiel
o rosário espanta luzbel
da nova Jerusalém

Juazeiro está no centro
como banquete de flor
a virgem é a dona dele
meu Padrinho o fundador
satanaz veio perturbar
mais aqui vai terminar
Jesus nosso redentor

O dinheiro se acaba
somente Deus nos socorre
o agricultor trabalha

o ano é seco e não chove
e tudo corre ao contrário
mas quem reza o rosário
piza por cima e não morre

O poeta tem liberdade
pesso que ninguém estrove
a gasolina danou-se
que nem o diabo resolve
sofre o fraco e o usurario
mais quem reza o rosário
piza por cima e não morre

Quando o salário aumenta
pensando que resolve
piora cento por cento
porque nada se promove
e tudo fica mais caro
mais quem reza o rosário
piza por cima e não morre

O mundo está num balanço
vai se acabar o dinheiro
a terra fica liberta
do Brasil ao estrangeiro
o rico não acredita
é quando Jesus visita
a Matriz do Juazeiro

Todos vem ver Padrinho Cícero
todo cercado de luz
o santo da humildade
soube carregar a cruz
é o santo mais querido
também o mais parecido
com o redentor Jesus

[...]

Este mundo está repleto de perigos. O poeta, então, parece relembrar-se das palavras de Pe. Cícero: “... *Reze um pela noite / para garantir a dormida / e as 4 da madrugada / diz a nossa mãe querida / hora que não tem converça / se reza outro e começa / um novo dia de vida*”. Os versos podem ressaltar a proteção tão buscada pelo sertanejo como forma de manter-se longe do inimigo eterno e que se nutre do desespero e angústia do cristão.

Outra forma de oração, presente no Cariri, são os *benditos*. Orações entoadas por grupos de penitentes, romeiros e beatos, os benditos marcam todas as ações dos fieis. Tratam da urgência da conversão e do arrependimento sincero de todas as faltas, fornecem uma "hagiografia", através de seus exemplos de vida dos santos, e sacralizam os principais momentos da vida religiosa como o batizado, festas, a reza do terço e a morte.

A beleza poética dos versos de Severino José da Silva emoldura a expressão da fé, oração que é poesia e é palavra invocatória de luz, perdão e proteção. O ritmo empregado para a leitura do “Rosário” facilita a memorização numa proposta de união da doutrina cristã à

memória e à tradição para renovar a fé. É na peregrinação por este mundo que o rosário transforma-se em escada colocando o homem mais próximo de Deus através da oração que sempre evoca os perigos para pedir proteção, que lembra a morte para implorar a vida, que pede perdão dos pecados para alcançar a Salvação, visto que todo homem é peregrino, virtual ou não, sobre a terra.

Nos versos do poeta, a oração também é a conexão perfeita entre o homem e o mundo capitalista e funciona como crítica social: O dinheiro se acaba / somente Deus nos socorre / o agricultor trabalha / o ano é seco e não chove / e tudo corre ao contrário / mas quem reza o rosário / piza por cima e não morre / O poeta tem liberdade / pesso que ninguém estrove / a gasolina danou-se / que nem o diabo resolve / sofre o fraco e o usurario / mais quem reza o rosário / piza por cima e não morre.

O mundo está um caos e o homem busca além da justiça divina a igualdade social através da oração tão versejada nas linhas do poeta. O homem que almeja salvar-se deve estar disposto a negligenciar a carne em benefício do espírito: porque corpo, que se corrompe, torna pesada a alma e esta morada terrestre abate o espírito que pensa muitas coisas. Ao homem que já renegou o poder, o sexo e a dinheiro, nada resta além de negar a sua própria existência para alcançar a remissão.

Nestes termos, Juazeiro torna-se o lugar ideal de ligação para que deseje tornar-se próximo de Deus, perto da verdade criadora, razão de fé pela qual se abdica de tudo, como percebemos na estrofe a seguir: *“Quem não gosta da verdade / tem que ganhar o deserto / Jesus vem a Juazeiro / o dia está muito perto / com ele não a sacrifício / vem colocar Padrinho Cícero /seguro no lugar certo”*.

O homem de fé é reservado ser praticante da verdade, ao imitar Cristo e se isolar no deserto, submetendo-se a todas as provações, praticando jejum, orações constantes e fazendo da vida uma verdadeira e generosa penitência, espera encontrar a eternidade ao lado de Deus. Peregrinos nesse mundo, não importa pelo que devem passar, pois aqui o sofrimento é transitório e em Juazeiro, na companhia de Padre Cícero, a felicidade será segura e para sempre. Por isso, o tempo aqui não pode ser mensurado com olhos humanos. O tempo também é a dimensão de Deus, uma vez que e em função do encontro com Ele que esses homens vivem.

[...]

Rosário eu lhe abracei
e eu reso desde moço
ainda eu estando doente
para rezar faço esforço
ainda eu estando num forno

rosário sempre o teu torno
é de ser o meu pescoço

A promessa do retorno do Padrinho Cícero traduz-se em força para a reza do rosário e muitos ou quase todos os sertanejos carregam desde meninos, em volta de seus pescoços um ou mais rosários. Muitos têm como prática a mendicância, e, cada um, a sua maneira, inventa suas purgações (flagelo físico, romarias, dança, viver apenas de esmolas, etc.) e, ao seu modo, expressa escolhas devocionais e estéticas nas suas indumentárias. Outros penitentes foram capazes de se agregar e se organizar de forma mais estruturada na cidade de Juazeiro, pois muitos desses grupos de penitentes chegaram lá como romeiros, e ali se fixaram como penitentes locais.

2.1.2 A Romaria

Na busca pela salvação e proximidade com o *santo*, *dar-se* no sertão a mobilidade espacial de indivíduos e famílias que tem sido muito comum ao longo de nossa história. No entanto, a migração religiosa interna foi bastante intensa no sertão do Nordeste. Na tentativa de subsidiar este ponto do nosso trabalho caracterizaremos um grupo específico de emigrantes religiosos – *os refugiados da seca de 1888-89* – aquele que deixou o migrou no Ceará entre 1888 e 1889, rumo ao desconhecido em busca da sobrevivência, baseado na fé e na crença em Padre Cícero Romão Batista, patriarca de Juazeiro, interlocutor entre Deus e os desvalidos do sertão.

Ao paralisar a economia rural e, conseqüentemente, dificultar o abastecimento das populações rurais e também urbanas, as secas ocorridas no Ceará elevavam a condições insuportáveis a fome, o desemprego e os riscos de epidemias, forçando uma parcela da população a deixar a Província para não morrer. Nesses anos, o sertão cearense vivia uma forte seca e diante de tal quadro era comum as pessoas recorrerem à religião como sinal de esperança para a reversão da situação.

Os padres, por sua vez, na tentativa de amenizar o sofrimento do sertanejo, faziam a pregação, própria do tempo, de conversão súbita, para se alcançar a misericórdia divina. O contexto histórico foi determinante para a crença no milagre. O flagelo havia deixado marcas indeléveis no Nordeste e já atingia o verde vale cariense. Aflitos, os sertanejos faziam preces, novenas acompanhadas de procissões, promessas e penitências, pedindo a intercessão divina.

Este fato religioso, promovido pelos sertanejos é de fundamental importância para o entendimento do processo de surgimento das romarias para Juazeiro do Norte, pois o mesmo designa um espaço de representação, que se revela através da vivência das pessoas e

causa ligações afetivas das mesmas com o espaço vivido (NOBRE, 2011, p.123), ou seja, com o lugar, que passa a ser visto como centro de penitentes e romeiros.

A fidelidade dos romeiros pode ser percebida nos versos a seguir do poeta popular Manoel Caboclo, no cordel *A Visita dos Romeiros como era antigamente*, reeditado pela editora Hedra em 2010.

Romeiros de meu Padrinho
Que aqui estão presentes
Queiram prestar-me atenção
Para ficarem cientes
Como era as romarias
Do povo de antigamente

Se reuniam as famílias
E planejavam primeiro
Quem desejasse conhecer
O padre de Juazeiro
Marcava uma data certa
Pra viajar em janeiro

Trinta a quarenta pessoas
Tomavam a decisão
De alpercata nos pés
Nas costas um matulão
Uma cabacinha d'água
E um rosário na mão

Viajavam quase um mês
Rompendo pedra e areia
Ao meio dia almoçavam
À noite não tinha ceia
Cantando sempre o Bendito
Da Mãe de Deus das Candeias

[...]

Vinha romeiro bem rico
E outro pobre pedindo
Um por curiosidade
Outro cumprindo o destino
Outro pagando promessa
Bem satisfeito sorrindo

[...]

Nesse contexto de miséria, o nordestino se prende à fé, como forma de consolo para suas dificuldades. Em decorrência disso, o povo, muitas vezes, participa de romarias, procissões e se entregam às crendices, buscando a solução de seus problemas. Daí a predominância da temática religiosa como também da moralidade, como no cordel em análise, que em virtude da fé às tradições religiosas a trajetória até Juazeiro constitui-se de momentos de profunda oração. O enunciador pretende mostrar o que pode acontecer àquele que acreditam no santo Padre.

O Poeta, na sua vocação popular, nos apresenta a posição do homem nordestino em relação à religiosidade que não faz referência à classe social, visto que aos olhos do

redentor, todos são iguais. Seguindo a linha da tradição religiosa, o enunciador também expõe outra prática do catolicismo: o ato de pagar promessas, como forma de “pagar a graça alcançada”. Romeiros de meu Padrinho / Que aqui estão presentes / Queiram prestar-me atenção / Para ficarem cientes / Como era as romarias / Do povo de antigamente / Se reuniam as famílias / E planejavam primeiro / Quem desejasse conhecer / O padre de Juazeiro / Marcava uma data certa / Pra viajar em janeiro / Trinta a quarenta pessoas / Tomavam a decisão / De alpercata nos pés / Nas costas um matulão / Uma cabacinha d’água / E um rosário na mão.

Como vemos, o “romeiro” é outro tipo de penitente fiel aos milagres de Padre Cícero e suas graças, que para alcançá-las tornam-se penitentes em romaria, em peregrinação; quando infligem a si mesmos sofrimento físico como pagamento de uma promessa. Mas, por outro lado, se observarmos este tipo de estrutura religiosa, notaremos que essa prática muito acentua o caráter da fé, da intervenção do santo no cotidiano hostil e opressor.

Além disso, os romeiros fazem parte de uma tradição cultural, pois suas práticas e valores remetem a um sistema simbólico compartilhado e acionado na construção de uma identidade local. É comum falar-se “penitentes de Juazeiro”, ou identificar a prática da penitência ao lugar. Ou mesmo, e mais interessante, a identificação do próprio *ethos* dessas práticas ao lugar: “Juazeiro: terra de misericórdia”. Esta expressão nos indica, ou, pelo menos, como já comentei anteriormente, nos sugere que o sofrimento, a penitência está enraizada no lugar, tornando-se a identidade do próprio local.

O que nos faz argumentar que penitência/peregrinação é mais que um momento ritual: é a identificação de um lugar e de suas qualidades. Fato que nos levar a acreditar que o catolicismo do Juazeiro, praticado por esses penitentes/romeiros, não se confunde com o catolicismo de outros lugares que se tornaram centros de peregrinação e turismo religioso no Brasil, onde a especificidade do lugar parece contar pouco. No Juazeiro do Norte, há a consagração de um *ethos* de misericórdia ou piedade como tradição cultural que identifica o lugar, a Terra da Mãe de Deus.

Os romeiros que para lá se movem caracterizam o que o fazem parte de um processo inacabado de interiorização, de busca voltada para a salvação. Em Juazeiro, a busca que é interior se faz através de uma forma de devoção ainda que seja também uma representação, sobretudo, do alcance religioso através da experiência vivenciada, através de objetos, músicas, benditos, lugares sagrados e de divindades que são personagens históricas, de carne e osso. A representação é preeminente corporificada e assim vivida a sua verdade, localmente, enraizadamente.

Em Juazeiro, entre penitentes e romeiros, o sofrimento tem seu próprio código de expressão. “Senhor tende piedade de nós” não é apenas um refrão na reza “Salve Rainha”, mas um lamento que é a própria maneira de viver no mundo de muitos sertanejos. O sofrimento certamente também é a única maneira de atingir a salvação, visto que para os romeiros a penitência é a luz de salvar as almas do inferno. A penitência, o sofrimento, é a maneira de lembrar, de se assemelhar e atualizar uma imagem bíblica da vida de Jesus: mendicância e a paixão.

Juazeiro do Norte e os aspectos devocionais a Padre Cícero ou a Nossa Senhora das Dores, como em muitos outros santuários, promovem um tipo de religiosidade construída a partir de uma multiplicidade de práticas e significados. Muitos moradores entendem que os penitentes e os romeiros são fanáticos. No entanto, muitos outros acreditam que eles são os verdadeiros devotos de Padre Cícero. E para além de toda essa heterogeneidade, de alguma forma, parece haver uma convergência de imagens da misericórdia, da penitência, das romarias, dos beatos como expressão e representação do lugar, movidos pelos milagres e profecias do Padrinho Cícero Romão, como tão bem nos mostra Abraão Batista, no cordel *As Profecias do Padre Cícero* (4ª edição, 1979).

Sempre existiram bons homens
 profetas e os maus, também
 o mundo foi e está cheio
 de diabos, justos que tem
 em toda nação uma meca
 Em qualquer Cidade, um jeca
 quando um morre o outro vem

como poeta que sou
 das caatingas e dos pomares
 como vate nordestino
 das águas doces, dos mares
 não posso deixar de cantar
 aquele que ensinou a amar
 os cangaceiros e anjos dos ares

Aquele era filho de Deus
 como Jesus e Onias
 foi um enviado do Senhor
 pra melhorar nossos dias
 quem duviadr é um cego;
 e na viola eu não pego;
 nem em frente do Golias.

Foi um exemplo de caridade
 compreensão, paz e amor
 converteu muitos hereges
 transformou espinhos em flor
 desarmou muitas famílias
 que lutavam em rebelias
 no solo de sangue e calor

Mas, ele disse aos romeiros
 que um dia seria ali
 erigida a grande igreja
 pelos profetas Enoque e Eli
 não entendo, fuja ao desvelo
 o profeta, são entendê-lo
 no começo eu já descrevi.

Padre Cícero é um grande mistério
 muita gente sobre ele se engana
 dizem calúnias e falam mau dele,
 perdoai-lhe é gente profana
 o mistério de Deus é infindo
 como os ventos que passam zunindo
 como há vida nos ares e na lama.

Os tempo serão mudados
 o novo mundo há de vir
 não haverá desavença
 só glória, amor e porvir
 a terra, os homens e os ares
 os mundos, as eras e os máres
 estarão sempre a sorrir!
 [...]

Nesse sentido, Juazeiro, como lugar de adoração é considerado como um espaço que dá uma significação para os indivíduos, que transmite um simbolismo e que está bem próximo deles. As relações se estabelecem entre eles (os habitantes do lugar) e o “Santo” popular sem mediação da igreja, ou seja, é uma relação direta entre o devoto e o santo que pode ser percebida nos versos do poeta popular: “ *Sempre existiram bons homens / profetas e os maus, também / o mundo foi e está cheio / de diabos, justos que tem / em toda nação uma Meca / Em qualquer Cidade, um jeca / quando um morre o outro vem*”.

Na voz versejada do vate, Juazeiro é comparada significada como a Meca nordestina, lugar ideal à parada dos romeiros para suas orações e para o recebimento da proteção do Padre Cícero, protetor e fiel ouvidor de Deus na Terra, bem como o desejo de salvação do povo buscado através da religião que explode e aparece a olho nu em Juazeiro, fonte inexaurível de expressões, sentimentos, crenças do nordestino, místico por natureza, uma vez que ele espera alcançar pelas mãos do Padrinho Cícero, o Filho de Deus, a salvação em uma cidade que é descrita como a terra da promessa, único lugar possível de paz no mundo: “*Aquele era filho de Deus / como Jesus e Onias / foi um enviado do Senhor / pra melhorar nossos dias / quem duviadr é um cego; / e na viola eu não pego; /nem em frente do Golias*” / *Foi um exemplo de caridade / compreensão, paz e amor / converteu muitos hereges / transformou espinhos em flor / desarmou muitas famílias / que lutavam em rebelias / no solo de sangue e calor / Juazeiro, “meu amiguinho”/ em tempos que já virão / será a única cidade*

/ cheia de paz – sem confusão / e nos quatro cantos do mundo / no maior buraco profundo / sossego não terá mais não”.

O problema da fixação do nordestino à terra era uma das grandes preocupações do padre. Quando os sertanejos iam-lhe perguntar sobre a sobrevivência de se mudarem para outro lugar distante do sertão, que fosse mais próspero, logo o Padre Cícero respondia que o dinheiro ganho fora logo entra por uma mão e, mais rapidamente sairia pela outra e, isso os encorajava a ficar em Juazeiro e/ou povoados, perdoando-lhes suas faltas, aconselhando-os, conforme vemos: *“Padre Cícero andava muito / no esforço da união / atendia a todos bem / perdoava santos e não / muitas vezes, quando andava / o romeiro nele notava / com os pés sem estar no chão”.*

Juazeiro, segundo o próprio Padre Cícero Romão pensava ser era a *Cidade da Mãe de Deus* e ela foi quem o colocou ali e nem o satanás, nem os homens de satanás tinham poder para retirá-lo de lá, a qual só deixaria quando completasse a salvação de todos que o procuravam, pois era assim que estava revelada no sonho que tivera como também, sua ligação a Juazeiro.

Os romeiros continuavam suas peregrinações no anseio de visitar a Mãe das Dores e o Padrinho Cícero de Juazeiro, conselheiro da salvação divina. A literatura popular tem registrado frequentemente estes fatos inerentes à história religiosa do Nordeste, com a poesia de autoria de Manoel Rodrigues Tenório, a partir do cordel *A Morte de Meu Padrinho Cícero* (1994), do qual nos servimos para observar que a criação do lugar santo confunde-se também a visão de Padre Cícero sobre sua missão, construindo imagens que buscavam revelar a busca incessante dos romeiros, o progresso e uma possível “essência divina” da origem da cidade que a permitia crescer em “estatura e graça”, benditas pela Mãe de Deus.

[...]

Quando ele aqui chegou
 fez obras de caridade
 da igreja fez ofício
 foi um anjo de bondade
 começou a trabalhar
 de um pequeno lugar
 fez uma grande cidade
 Juazeiro era um deserto
 poucas casas encontrou
 da capela fez matriz
 a mãe de deus entregou
 vivendo na caridade
 com toda amabilidade
 ali tudo melhorou

Seguindo a santa doutrina
 do nosso deus verdadeiro
 veio ensinar o povo

da bola do mundo inteiro
 nossa senhora chamando
 os romeiros vão chegando
 visitando juazeiro

Começou a chegar gente
 pra fazer romaria
 de cem e duzentas léguas
 se formava a companhia
 todos a pé viajando
 uns cantando, outros rezando
 o rosário de maria

Demorava uns trinta dias
 naquela longa viagem
 levando a chuva e o sol
 nenhum perdia a coragem
 rompendo a areia quente
 sem encontrar um vivente
 que lhe desse hospedagem

Uns ficavam em juazeiro
 e faziam moradia
 viviam ali sem sobroço
 pois nada lhe ofendia
 tendo ele em seu amparo
 e a devoção do rosário
 da sempre virgem maria

Em um regime santo
 foi como enoque e elias
 fez uma vida tão justa
 igual ao mesmo messias
 para o bem dos seus romanos
 viveu seus noventa anos
 três meses e vinte e seis dias
 [...]

Os versos do cordel Manoel Tenório (1994, p. 02-03) revelam Juazeiro como um lugar ativo na produção de significados, considerando-a um santuário, um lugar sagrado e com forte sentido religioso. Padre Cícero segue nas linhas com a missão de ensinar o povo de Deus os caminhos da retidão. O poeta enfatiza o início das romarias motivadas pela notícia da presença do homem santo na terra de ninguém que a época tornava-se num aglomerado de almas sedentas de um remédio espiritual capaz de sanar-lhes a dor que transcendia o físico.

Noutro verso o chamamento da Mãe de Deus e sua proteção presente nas contas do rosário servem de guia à imensa população retirante que ali estabelecia moradia fiançada pela fé. O cordelista na posição de defesa dos poderes religiosos do santo padre o eleva a função de profeta ao compará-lo a Enoque e a Elias, ambos relatados no Velho Testamento.

Enoque era justo e inocente em seus pensamentos, não sendo acusado em coisa alguma, por isso consagrado como o arrebatado, aquele que ensinava ao povo de Deus diante

das aflições. Admirado pelos judeus era muito visitado pelos líderes religiosos e respeitado nas cidades cristãs, tendo sido conhecido como o sétimo preferido por Deus na terra.

Segundo a visão proposta pelo cordel Pe. Cícero seria o verdadeiro profeta Elias, o maior profeta bíblico que recebeu de Deus o poder para converter o coração dos pais, dos filhos, dos desobedientes à prudência dos justos e pastorear para o Senhor um povo preparado, fazendo das cidades visitadas nas peregrinações um lugar sagrado, consoante à lei divina, o que pode ser entendido pela leitura do último verso, igualando o santo sacerdote ao próprio Messias: “*Foi como Enoque e Elias / de vida tão justa / igual mesmo ao messias*”.

Essa sacralidade que a cidade adquire é pautada nas crenças e na fé que os romeiros têm ao Padre Cícero e a Nossa Senhora das Dores, padroeira da cidade. A respeito do significado do termo santuário, Oliveira nos diz que:

É fundamental ter em mente uma conceituação coerente desse território simbólico e contemporâneo chamado santuário. Trata-se do lugar privilegiado de busca do sagrado como dimensão espiritual, mística e sobrenatural da existência. Portanto, os santuários não são, necessariamente, o sagrado, mas tão somente mais uma localidade privilegiada para experimentar essa sacralidade. Dito de outro modo: os santuários são mediações do sagrado (OLIVEIRA, 2004, p. 49).

Dessa forma, ainda segundo Oliveira são os acontecimentos que ocorrem em um determinado espaço que colocam o mesmo em um patamar de sacralidade, ou seja, eventos oriundos de religiões, milagres, entre outros, dão uma significação ao espaço tornando-o sagrado. Como acontecimento demarcador de um fato histórico e religioso, a chegada e as transformações operadas no espaço de Juazeiro foram definitivas na devoção dos romeiros de Padre Cícero. Antes desses eventos, como era um vilarejo, apenas a capelinha que lá se encontrava dava os contornos de um lugar sagrado. É importante, também, ressaltar a importância dos outros elementos constituintes do espaço geográfico que fazem com que a cidade de Juazeiro do Norte se torne tão venerada e associada aos contextos religiosos, sobretudo, do contexto sagrado.

Essas adorações sacralizam o espaço de Juazeiro e o transformam em um espaço sagrado, mítico, cheio de mistérios e que os romeiros acreditam ser algo divino, colocando o Padre Cícero como um “*Santo*”. Esses espaços sacralizados pelas práticas religiosas exercidas por esses atores sociais delimitam um território pautado em manifestações referentes às crenças religiosas e ao poder, este exercido pela Igreja Católica. No que diz respeito às práticas dos fiéis em relação ao Santo popular, Oliveira nos diz que:

A prática devocional popular nasce no posicionamento e na fixação da imagem do Santo, que, além de poder ser vista dentro e fora do templo, pode ser frequentemente tocada, demarcando a intimidade da devoção (...). Os espaços que lembram um líder religioso podem suscitar reverência ou ganhar autonomia de devoção [...] (OLIVEIRA, 2004, p. 56-57).

Essas práticas religiosas que acontecem em um determinado espaço são sempre práticas coletivas, que atribuem a um personagem concreto, qualidades sacras, míticas, e que configuram um território pautado nas crenças e na fé que são provocadas por acontecimentos religiosos. O espaço torna-se, assim, sacralizado, sagrado, seguindo uma ética religiosa que impõe aos fiéis, um estilo de vida que é incorporado nas suas vivências, onde as imagens sacras, os símbolos religiosos e as histórias são preponderantes na sacralização do espaço.

Foi acreditando no alcance das graças que milhares de devotos e romeiros, alheios ao contexto histórico da época participaram das romarias a Juazeiro do Norte assegurando, no fim do século XIX a obrigação pela fé, em torno da questão religiosa decorrente dos conselhos e dos *milagres* envolvendo o Padre Cícero.

A questão religiosa resultou no amplo combate por parte das autoridades diocesanas ao movimento romeiro e às representações e práticas devocionais populares. Juazeiro passou a ser considerada como um centro de fanatismo e sectarismo pela Igreja, mas, para os devotos, tornou-se uma *Cidade Santa*, a *Juazeiro Celeste*, constituída no centro do dissenso pelas autoridades eclesiásticas que atuavam de um lado e no outro, Padre Cícero e seus defensores, clamando por respeito ao povo e as ações do Padre, como podemos perceber no cordel de Abrão Batista, *Respeitem a Padre Cícero e ao Povo de Juazeiro do Norte* (1986, p.01-05) que retrata o desejo que era latente nas comunidades de juazeiro e no povo em reconhecer o Padre Cícero com um escolhido por Deus, seu representante na Terra, merecedor, portanto de respeito e devoção.

Jesus ensinou ao mundo
o respeito e o perdão
mandou dizer a verdade
e lutar pela razão
sê amável com forasteiro
sem aceitar a escravidão

Ele disse que a mentira
é inimiga da paz
quem mente rouba e mata
e cousa boa não faz
quem engana os inocentes
é um impuro loquaz
Padre Cícero disse ainda
que o diabo é astucioso
mas é fácil de descobri-lo
porque é um pecaminoso
por suas ações se vê
logo ser um mentiroso

Quem conhece Juazeiro
e sabe de sua história
vai lembrar-se do passado

de sua luta e da glória
quem negar o que eu digo
está fraco da memória

A história se repete
mudando só o espaço
hoje a guerra é com bombas
no passado foi com aço
se antes tinham os covardes
hoje os tem é em maço

Quando Padre Cícero vivia
os inimigos de Juazeiro
telegrafavam pro presidente
caluniando o romeiro
dizendo que na cidade
só existia desordeiro.

Mandavam pro presidente
pedindo intervenção
falando falso do padre
pedindo um batalhão
para arrazar os romeiros
que tinham a santa benção

Diziam: mande o exército
que os romeiros estão armados
são desordeiros e fanáticos
perversos e desocupados
se não chegarem a tempo
encontram todos arrazados.

O governo entendia
aquela apelação
mandava um mensageiro
mas logo a decepção
por encontrar os romeiros
na santa religião.

Os mais velhos são a prova
do que eu estou contando
- esses que se dizem agora
ao Padre Cícero amando
foram os seus detratores
nos tempos que estou falando

Dr. Geraldo você
devia se envergonhar
por escrever essas crônicas
com a intenção de assombrar
o povo de Juazeiro
que não vai acreditar.

Seja honesto, não faça
tamanha divulgação
você sabe que os inimigos
do Padre Cícero Romão
são mesmo os coronéis
chefes da corrupção

A tal guerra de 14
 foi do coronel Franco Rabelo
 presidente do Estado
 não me venha nesse apelo
 o comunismo do qual fala
 está por baixo do seu pelo.
 [...]

No desejo de respeito e igualdade presente nos versos acima, notamos que ao Padre Cícero, assim como certamente a tantos outros clérigos espalhados pelo país, era praticamente impossível abandonar as referências sócio-culturais em que foram criados, ainda mais diante de situações onde a intervenção e orientação práticas, atreladas a uma religiosidade mais vivenciada e menos teológica eram indispensáveis, uma vez que os coronéis comandavam o sertão e a Igreja mandava do púlpito, sem perceber os valores culturais, sem querer saber se o povo aprendia o que ela estava passando.

A ideia que o padre Cícero tinha era que o povo tinha que aprender fazendo, tinha que ser respeitado para isso ele orientava. Ele e o trabalho dele estavam ligados à vida prática, às referências culturais populares, à honestidade. O Padre Cícero tinha sensibilidade para lidar com o sertanejo, com o forasteiro e com autoridades, pois o povo atendia seus conselhos e lhe direcionava total credibilidade, repelindo as calúnias sobre sua pessoa, de acordo com os versos apresentados a seguir: *“Dr. Geraldo você / devia se envergonhar / por escrever essas crônicas / com a intenção de assombrar / o povo de Juazeiro / que não vai acreditar / Seja honesto, não faça / tamanha divulgação / você sabe que os inimigos / do Padre Cícero Romão / são mesmo os coronéis / chefes da corrupção”*.

Entretanto, ao nos debruçarmos no pensamento de Sérgio Buarque de Holanda, em *Raízes do Brasil* (1978), cabe-nos ressaltar que o conteúdo religioso dessas devoções populares que nomeiam homens a santo, clamando por interlocutores religiosos esteve sempre envolvido com outras dimensões de afirmação social de poder, de sexo, bem como com outras representações sociais.

Assim, a religião mesmo sendo um duro e rígido sistema entre os povos é também uma *liturgia antes social que religiosa* dotada de santos e os anjos só faltando tomar-se carne e descer dos altares nos dias de festa para se divertirem com o povo; os bois entrando pelas igrejas para ser benzidos pelos padres, o que por sua vez, não gera um “sentimento religioso verdadeiramente profundo e consciente”, promovendo uma “corrupção” do sentimento religioso. Uma religião supersticiosa, popular, que fala à imaginação e ao coração, tornando o culto religioso intimista, familiar, sem rigor, o que desobrigava o fiel fora do recinto religioso, numa realidade que transcende os dogmas religiosos, as epístolas e os cânones.

Essa sensibilidade social que perpassa os cânones teológicos de ensinamentos pode ser lembrada e notada se tomarmos o ano de 1877, quando o Nordeste foi assolado por uma terrível seca. O quadro se agudizou no ano seguinte, quando a varíola vitimou milhares de cearenses. Tangidos pela fome e pela peste, os flagelados fugiam para as cidades grandes e capitais, e não foram poucos os que buscaram abrigo nas terras férteis do Cariri cearense, também castigadas pela seca. Padre Cícero, sem esperar pela ação dos coronéis, procurava ajudar o povo faminto das formas que lhe eram possíveis: distribuindo o pouco que recebia, ensinando o preparo de alimentos silvestres, consolando, aconselhando, fazendo preces e promessas para aplacar a seca.

Findo o flagelo, muitos retirantes que haviam buscado abrigo em Juazeiro decidiram se fixar amparados pelo Padre Cícero adotando para si os valores da humildade e os conselhos do sacerdote, que tomara a iniciativa de ocupar as terras devolutas da Chapada do Araripe, empregando-os nas propriedades dos fazendeiros mais abastados.

As vidas de Juazeiro e do Padre Cícero confundem-se a partir desses acontecimentos que podem ser considerados como *eventos fundadores* de uma série de milagres e ações atribuídas ao Padre Cícero, como parte do movimento de transformação de Juazeiro em uma cidade sagrada, na medida em que atuam como o pólo organizador de todo o movimento subsequente e da própria história de Juazeiro no contexto histórico e social do Nordeste.

2.1.3 O Milagre da Hóstia

Outro evento que acentuou ainda mais a qualidade de Juazeiro como cidade santa e que ganhou, por diversos autores espaço certo na literatura de cordel foi o episódio do milagre da hóstia, ocorrido na manhã de sexta-feira, em 1º de março de 1889, após uma vigília de oração, quando Pe. Cícero decidiu distribuir a comunhão para as beatas, a fim de despedi-las em seguida. No entanto, o jovem sacerdote foi surpreendido pela Beata Maria de Araújo, que apresentava sangramento na boca, segundo ela, no qual havia se convertido à hóstia consagrada.

Ela teve cuidado de preservar o sangue, enxugando-o com uma toalha. Logo após os primeiros cuidados, Pe. Cícero, por precaução, decidiu manter silêncio em relação ao caso, uma vez que poderia ser preocupante a recepção do povo do lugarejo e das diferentes localidades do Nordeste ao receberem a notícia do milagre. O fato, que por si só já se apresentava sobrenatural, foi ganhando acréscimos na medida em que foi sendo narrado. Para

ilustrar transcreveremos a versão do milagre narrada pelo cordel *Padre Cícero – O Santo do Juazeiro*, de Manoel D´Almeida Filho (1993, p.15-16) que nos revela o poder sacerdote.

[...]

Fatos chamados milagres
milhares foram passados,
porém por falta de espaço
aqui não serão contados
vamos contar outros que
precisam ser relatados

Enquanto aumentava a fama
do padre do Juazeiro,
cresciam as romarias
vindas do brasil inteiro,
gente em busca de milagres
vinha até do estrangeiro.

Também cresciam a política
a inveja, a ambição
dos que nada construíam
em prol da população
e por isso, em juazeiro,
houve uma revolução

Primeiro, contra os milagres
a igreja se levanta,
por causa de uma beata
que aos romeiros encanta
é Maria de Araújo
chamada quase de santa

Propalavam que a devota,
na hora em que comungava,
a hóstia em sua boca
em sangue se transformava
também as chagas de Cristo
em seu corpo apresentava

Isso fez com que o Bispo
criasse uma comissão
para examinar os fatos
depois da investigação
minuciosa, a Igreja
não deu a aprovação

Dessa vez o Padre Cícero
as suas ordens perdeu:
foi suspenso pelo bispo
o povo se enfureceu
contra as ordens do prelado,
mas o Padre obedeceu.
A ordem foi para que
saísse no mesmo instante
das terras de Juazeiro,
para viver bem distante
pois estava sem rebanho
daquela hora por diante.

[...]

O sangramento da hóstia em 1889 foi considerado como *milagre* não só pelo Padre Cícero, mas também por outros sacerdotes e pela população local e que passou a atrair centenas de pessoas ao povoado em busca de curas e graças. O bispo do Ceará na época, D. Joaquim José Vieira, mandou instaurar um inquérito para investigar se os fenômenos podiam ser considerados milagres.

Esse primeiro inquérito feito entre março e novembro de 1891 tem no parecer final do Delegado Episcopal, o padre Clicerio da Costa Lobo a aprovação teológica do sangramento da hóstia e dos outros fenômenos como sendo milagres passíveis de aprovação pela Santa Sé. O primeiro inquérito foi, no entanto, recusado e invalidado pela Diocese, que instaurou um segundo inquérito, que já surgiu com a função de provar que as beatas eram embusteiras e os pretensos milagres eram falsos. Em 1893 o processo foi enviado para Roma e em 1894 a decisão da Santa Sé foi a de que os fenômenos nada mais eram que embustes e falsidades cometidas pelas beatas contra a Igreja Católica.

Foram exigidas retratações dos sacerdotes e das mulheres envolvidas em um longo processo que perdurou por todo o episcopado de Dom Joaquim. Entretanto, duas retratações jamais foram entregues, a do padre Cícero e a da beata Maria de Araújo. Ela foi condenada a uma vida reclusa em uma casa localizada no centro da cidade de Juazeiro e a causa da sua morte em janeiro de 1914 ainda é controversa.

Mesmo após a divulgação do fato milagroso, contra a vontade do Padre Cícero, o caso passou a ser mais um na vastidão dos milagres ora lhe atribuídos, deixando a população ainda mais obediente ao santo missionário e tornando mais evidente o descontentamento da Igreja. As condições sociais em que se encontrava a região fizeram interpretar o milagre como resposta de Deus as constantes súplicas de misericórdia que lhes eram feitas. Com a ocorrência do milagre renascia em muitos a esperança de que Deus mandara um sinal de sua glória em meio a um sofrimento “interminável”, causado pela seca.

Afligi-me muito com o caso. Avisei a todos que tinham visto que guardassem reserva e não dissessem nada a ninguém, e quanto a ela [Maria de Araújo] que chorava com a maior angústia, mandei que fosse orar em um lugar mais reservado que indiquei. Tomei a toalha purificando o lugar onde tinha caído o sangue e guardei a toalha para não ser vista e evitar celeuma. Procurei ocultar o quanto pude; o fato continuou a se reproduzir por muito tempo (Carta de Cícero ao padre Constantino Augusto, em 23.10.1914. In DINIZ, 2011, p. 118-119).

Apesar de sua reserva, os fatos já estavam se tornando conhecidos. O reitor do Seminário do Crato, Monsenhor Francisco Monteiro, ao testemunhar os acontecimentos, não duvida de que se tratava do sangue de Cristo, e promove aquela que seria a primeira romaria a

Juazeiro, conduzindo cerca de três mil pessoas do Crato em direção a Juazeiro, atraídas pelos milagres ocorridos com a beata e o padre.

A discussão teológica que começava a tomar corpo distinguiu, de um lado, a possível ocorrência de um fato extraordinário, uma manifestação da misericórdia divina e, do outro, a afirmação da natureza do sangue presente nas hóstias. Contudo, isto passava longe das preocupações dos fiéis e de muitos padres; a eles interessava apenas que os milagres de Juazeiro eram a revelação de que o lugarejo fora escolhido para ser o centro de salvação da humanidade.

O clero da região e de estados vizinhos, as classes mais abastadas e o povo acreditavam maciçamente que um milagre estava acontecendo em Juazeiro. A adesão dos padres foi decisiva: eram eles que apregoavam pelos sertões os feitos de Juazeiro e estimulavam o povo a fazer romarias àquela localidade. Além do clero, o apoio de intelectuais cratenses foi fundamental para a propagação dos milagres. Somado a isso, a ação pouco enérgica do bispo contribuiu para que a notícia de que o sangue de Cristo estava sendo derramado em Juazeiro fez com que os eventos se espalhassem.

Nova doutrina, novos cultos: Juazeiro inaugura uma fase intensa de apropriações e reelaborações das crenças e práticas católicas. Maria de Araújo e Padre Cícero passam a ser cultuados como santos. As hóstias não consumidas e os panos tintos com o que seria o sangue de Cristo foram depositados numa urna de vidro, exposta no altar da capela de Nossa Senhora das Dores. Esta urna tornou-se objeto de veneração dos romeiros, exercendo maior atração que as práticas litúrgicas oficiais.

A partir da Semana Santa de 1891, os milagres de Juazeiro alcançaram grande repercussão na imprensa católica e secular, com a veiculação de depoimentos de testemunhas tidas como idôneas constatando a veracidade dos fenômenos, bem como a afirmação de que estes seriam o sinal da Segunda Redenção e do Juízo Final, obrigando a Igreja a assumir uma posição pública perante os fatos.

Até então o bispo fora tolerante e ficara distante do assunto, talvez esperando que ele arrefecesse por si próprio, mas sua postura de certo modo deu asas ao movimento. Dom Joaquim Arcoverde, que se tornou o primeiro cardeal do Brasil, creditava a culpa sobre o que acontecia em Juazeiro ao bispo do Ceará, devido à falta de firmeza com que vinha tratando o assunto. Para Dom Arcoverde, era necessário agir energicamente: suspender os padres e as romarias a Juazeiro, queimar as provas, proibir qualquer tipo de comentário sobre o assunto, retirar Maria de Araújo de Juazeiro e submeter o processo à Inquisição.

Preocupado com a repercussão dos fatos e com o crescimento das romarias, Dom Joaquim José Vieira publica a *Decisão Interlocutória de 1891*, em que proíbe a veneração à urna, ordena que padre Cícero negue do púlpito a origem divina do sangue aparecido nas hóstias, além de constituir uma Comissão Episcopal de Inquérito para averiguação dos fenômenos.

A decisão da Igreja em analisar os fatos acontecidos em Juazeiro parecia ter grande repercussão entre os devotos e milhares de romeiros que já naquele período afluíam a Juazeiro, pois na visão do sertanejo, do homem do campo, a religião é colocada como uma experiência sagrada vivida em seu interior nas dimensões pessoais de cada um e que integra o espaço da coletividade. Portanto, o espaço religioso para o nordestino é sagrado, uma vez que transforma a sua mente com a realidade transcendente, através de suas práticas e dos sujeitos que nele caminham.

Segundo Guimarães (2011, p.127) Juazeiro do Norte, uma cidade de 135.000 habitantes, situada no interior do Ceará, no meio do sertão árido e intolerante foi escolhida pela imensa massa humana como fonte de adoração porque põe à prova a coragem, a resistência e a fé. Juazeiro mergulha num vale privilegiado, cercado de montanhas cujas entranhas regurgitam de água pura em abundância.

Por essa razão, o Vale do Cariri, durante anos de seca foi visado pelo nordestino como um oásis e ponto de fé no meio do sertão, conservada, contra toda a esperança, como um símbolo de fertilidade e valor espiritual, que naquele espaço se apresentam, elevando-a a categoria de “Jerusalém Celeste”.

O espaço e a religião são um produto eminentemente social, sendo as representações religiosas, representações coletivas. Neste sentido, as categorias religiosas refletem o sistema social, o pensamento coletivo. Sendo estas categorias, representações coletivas, apontam para uma origem social, de toda a forma e manifestação do pensamento religioso.

Assim, o espaço considerado sacro não é um mero cenário, um mero contexto geográfico ou geométrico, tendo em vista que toda representação coletiva fundamentada na religiosidade de grupos sociais são produtos de uma cooperação existente no tempo e no espaço, onde a religião tem sua efervescência coletiva, em forma de “rito” causado por meio de experiência com o sentimento sagrado identificando o social com o moral e o religioso.

Diferente para os cordelistas, dentro desta visão é que ao construir-se um quadro teórico para uma análise do que seja a religião para as camadas populares esta só se aprende com o entendimento das relações entre os agentes sociais e as instituições religiosas que são

mediadas pelas diversas ramificações culturais, populares e veiculadoras de seus discursos, pois quando nos depararmos com a religião popular, estamos lidando com um universo cultural dinâmico, por esta não se encontrar desvinculada de outras práticas culturais, naquelas em que as práticas culturais e religiosas locais influenciam e são influenciadas pela religião ensinada.

Entendemos, pela análise do cordel apresentado que a religiosidade popular e todas as formas decorrentes dessa relação com o sagrado, estão associadas aos problemas do cotidiano dos agentes sociais, gerenciando muitas vezes todos os atos de suas vidas. Neste sentido, o cotidiano se apresenta como dominado por influências do sobrenatural que se refletem nos atos da vida material. A propagação da transformação da hóstia em sangue na boca da religiosa entre as pessoas serviu como testemunho não só do poder do padre santo, como também de Deus frente às vivências sagradas, experimentadas pelos sertanejos em seus ritos e práticas.

Conforme explica Brandão (1985, p. 3), a religião popular como prática social não pode ser entendida como “(...) um conjunto pitoresco e de credices e práticas mágico-religiosas, mas ao contrário, constitui um sistema coerente e complexo de crenças e práticas do espaço sagrado, combinadas com agentes e trocas de serviços”. A religião popular não é propriamente uma criação religiosa exclusiva e isolada do imaginário religioso dessas camadas populares e sim trazida para dentro deles o conhecimento e práticas eruditas da religião dominante para uma relação com o universo social e simbólico.

Entretanto, a religião não consiste somente nas suas expressões racionais, mas sim, numa experiência direta do indivíduo com o sagrado, o que para o autor, a essência de qualquer religião é a experiência que os agentes que a compõem mantêm com uma realidade outra, que se manifesta no plano da consciência (uma predisposição a priori) destes, antes mesmo de ser incorporada nos ritos, mitos e preservada por um grupo de especialistas.

O poder simbólico dentro do espaço religioso se reforça pela apropriação das simbologias que destacam que a legitimação e o controle das representações sociais acontecem a partir dos discursos e dos símbolos que centralizam e monopolizam as forças que regulam a vida social das pessoas. Portanto, esta concentração dos bens simbólicos que ordenam o campo religioso, forma as relações dos agentes através de um controle da vida de maneira coletiva. É dessa forma que a concorrência pelo poder religioso demonstra seu poder de monopólio do exercício legítimo do poder.

O campo religioso tem por função específica satisfazer um tipo particular de interesse, isto é, o interesse religioso que leva os leigos a esperar certas categorias de agentes que realizem “ações mágicas e religiosas”, ações fundamentalmente

“mundanas” e práticas, realizadas “a fim de que tudo corra bem para ti que vivas muito tempo na terra” (BOURDIEU, 2005, p. 84).

O emprego da religião como motivadora deste campo social põe em oposição o sentido prático da magia e da própria religião, onde o parâmetro delimitador é o próprio campo social. Ou seja, os interesses mágicos possuem particularidades imediatistas e parciais que se coadunam com os diversos setores da vida social, tendo como fundamento cultural um universo ligado à natureza.

Por outro lado, todas as ações religiosas são estruturadas num processo racionalizador e moralizador de suas necessidades. Assim, a percepção do sagrado torna-se possível para o homem religioso, pois, para este, o espaço não é homogêneo, ele representa roturas, se mostra qualitativamente diferente em determinados pontos, isto é, o homem religioso se permite crer no desconhecido a partir das práticas de suas próprias experiências, com ou sem a presença de um líder.

Em Juazeiro não foi diferente, visto que em todas as manifestações religiosas, o sacerdote esteve presente no meio social, fazendo com que o espaço se tornasse importante a partir da experiência com o sagrado, pois dentro das religiões populares é a prática religiosa que confere ao crente e ao devoto não só as formas pessoais de acesso a fração do mistério, como também a certeza da partilha do poder que sustenta a comunidade que invoca o seu sagrado, com os seus recursos.

Em Juazeiro, através de uma relação direta do sacerdote com o sagrado foi que o povo solidificou suas crenças e fé, compartilhando-as de forma ativa elevando o espaço religioso a categoria de centro de sacralidade dentro de um sertão tão desumano e misterioso como afirma o cordelista Severino José, no cordel *150 anos de Nascimento do Padre Cícero Romão* (1994, p.01-03)

Juazeiro começou
com romeiro andando a pé
com as bênçãos de Jesus
de Maria e de José
firmado na oração
com Padrinho Cícero Romão
que soube cultivar a fé

Padrinho Cícero dos romeiros
souberam abraçar a cruz
renunciar a satanás
e se abraçar com Jesus
mestre de sabedoria
nunca encontrou ventania
que apagasse essa luz

Juazeiro é noiva linda
de palma capela e véu

Jesus abraça os romeiros
da força fé e troféu
deixa os romeiros bem forte
e onde apanha o transporte
para desembarcar no céu

Juazeiro cidade grande
do Padre misterioso
o Papa ainda vem aqui
aprovar o sangue precioso
de Jesus que salva as almas
os romeiros bate palmas
o Padrinho é glorioso

a cidade toda enfeitada
e o Socorro em oração
foi uma grande alegria
em receber os irmãos
vindo de longe viagem
para prestar grande homenagem
a Padre Cícero Romão

O Padre Cícero triunfa
e o diabo sai na carreira
os romeiros chegam na hora
em tudo eles dão primeira
Leão 13 já provou
Padre Cícero é vencedor
nem que o diabo não queira

Quem negou já morreu cego
quem negar cega também
Roma e Juazeiro empatam
no poder que os 2 tem
Padre Cícero tem mistério
Juazeiro é caso sério
a Nova Jerusalém
[...]

Os versos nos colocam em contato com Padre Cícero *escolhido*, vitorioso, cultivador da fé que aproxima o homem de Deus, do protetor que defende seu rebanho das investidas do inimigo. Somos apresentados a um lugar santo, à Nova Jerusalém, criada pelos poderes sobrenaturais do Padre Cícero, após a vencer as investidas do satanás: Juazeiro cidade grande / do Padre misterioso / o Papa ainda vem aqui / aprovar o sangue precioso / de Jesus que salva as almas / os romeiros bate palmas / o Padrinho é glorioso / O Padre Cícero triunfa / e o diabo sai na carreira / os romeiros chegam na hora / em tudo eles dão primeira / Leão 13 já provou / Padre Cícero é vencedor / nem que o diabo não queira.

O poeta deixa claro para o leitor que Juazeiro fez cidade pela missão pastoral do Padre Cícero e sua glória em um ato de *aedificare civitatem*, como missão também recebida de Deus. (...) *a sua grande missão / O trabalho apostólico / Do Padre Cícero Romão / Que transformou o lugar / Na Capital do Sertão.*

2.2 Do Espaço Profano

Outra forma de lidar com o sertão, mas que guarda ligação com ambientes sacros, lugares religiosos e de fervorosa devoção é vê-lo voltado para as mazelas e dificuldades vivenciadas pelos sertanejos é associá-lo ao inferno, ao profano. Ao destempero da natureza, ao desespero dos que por ele perambulam (retirantes, cangaceiros e volantes), à violência como código de conduta, ao fatalismo ligado a ordem política e cultural.

Por fim, o sertão é o purgatório terreno. Lugar de passagem, de travessia, definido pelo exercício da liberdade e pela dramaticidade da escolha de cada um. Identificado como lugar de penitência e de reflexão, o sertão aparece como reino a ser desencantado e decifrado, lugar de confronto constante entre o sacro e o impuro, como vemos pelos versos de Abraão Batista no cordel. *As Profecias do Padre Cícero*. (4ª edição, 1979).

[...]

Juazeiro, “meu amiguinho”
em tempos que já virão
será a única cidade
cheia de paz – sem confusão
e nos quatro cantos do mundo
no maior buraco profundo
sossego não terá mais não

Quando virem pai contra filho
irmão lutar contra irmão
a mulher ser contra o marido
numa incerta rebelião –
podem juntar os seus cacos
comendo troncos e macacos
para a terra da promessa

O rio salgadinho é
um grande rio encantado
é como o rio Jordão
que banha de lado a lado
a terra da providência
quem entender da ciência
é bom que fique calado

Chegará um grande dia
quando o rio desencantar
trinta léguas, eu tenho pena
de piquizeiros vão acabar
quando der a grande enchente
e matará muita gente
transformando as terras no mar.

Haverá uma grande praga
alastrará no mundo inteiro
gafanhotos roendo as carnes
das mulheres do cativoiro
que se amarram a moda
no círculo da grande roda
a testemunha é Juazeiro.

Haverá uma nuvem negra
 que nascerá no Oriente
 virá cobrindo a terra
 matando milhões de gente
 assim, com a mente ativa
 uma nuvem radiotiva
 talvez seja ela presente.

No fim do mundo falou:
 um novo mundo virá
 o mundo do Espírito Santo
 que o grande Espírito fará
 todo males se irão
 do seio de Abraão
 Buda, Jesus e Isacá.
 [..]

O autor nos revela o castigo advindo pela desobediência do homem em não mais seguir os conselhos de seu protetor anunciado pelo prenuncio de um dilúvio, semelhante ao descrito em Gênesis, como forma de purificar o mundo dos impuros ou dos desviados, opondo as forças sagradas e profanas, evidenciadas pelo não cumprimento dos Mandamentos.

Sabe-se que o sagrado e o profano são duas categorias que se completam e se excluem ao mesmo tempo. Essa dicotomia, esse dualismo entre os dois termos são em teoria excludentes, pois o sagrado é onde existe uma identidade cultural baseada na fé e na religião, e o profano não, geralmente fica nos arredores do espaço sagrado, se apoiando nele, mas na prática, esses termos são complementares, como observamos nos versos: *“Haverá uma grande praga / alastrará no mundo inteiro / gafanhotos roendo as carnes / das mulheres do cativo / que se amarram a moda / no círculo da grande roda / a testemunha é Juazeiro”*. Nos quais o poeta se utiliza de uma passagem bíblica, relatada em como *“As dez pragas do Egito”*, localizadas em Êxodo (10:3-6) para referir-se ao pecado que deixará de existir, tendo como testemunha a Juazeiro sagrada dos romeiros e do Padre Cícero.

Nesse contexto, não se pode definir o espaço profano como o espaço desprovido de sacralidade, estrategicamente ao ‘redor’ e em ‘frente’ do espaço sagrado. Portanto, podem estar diretamente, indiretamente e remotamente vinculados pelas ligações existentes entre os dois, visto que o espaço profano está diretamente vinculado ao espaço sagrado apresenta forte ligação com as atividades religiosas. Localizam-se nessa área o comércio e os serviços vinculados ao sagrado - artigos religiosos, bares, ‘casas do peregrino’ [ranchos] e estacionamentos.

Nota-se que o espaço profano se utiliza do espaço sagrado para poder se instalar e se infiltrar no seu território. No sertão do Nordeste não é diferente, pois sendo um ambiente de muita religiosidade, o sertanejo baseia quase todas as suas características na religião, o

profano se instala ao redor do sagrado, principalmente através dos movimentos sociais. O profano se instala de forma que não consegue mais se desligar do sagrado.

Nesse sentido, o lugar é considerado como um espaço que dá uma significação para os indivíduos, que transmite um simbolismo e que está bem próximo deles. As relações se estabelecem entre eles (os habitantes do lugar) e o “santo” popular sem mediação da igreja, ou seja, é uma relação direta entre o devoto e o santo.

Assim, para o homem religioso o tempo também se apresenta de forma heterogênea, com intervalos (duração): o tempo sagrado e o tempo profano. O tempo sagrado é o tempo reversível, um tempo mítico primordial (tempo original – fora a temporalidade) que está presente e está a todo o momento representando a reatualização de um evento sagrado, como vemos: *“No fim do mundo falou / um novo mundo virá / o mundo do Espírito Santo / que o grande Espírito fará / todo males se irão / do seio de Abraão / Buda, Jesus e Isacá”*. Enquanto o tempo profano é a duração temporal do cotidiano, tem um começo e um fim, como pode ser visto na estrofe versejada por Abraão Batista, garantindo um mundo novo para o religioso, um mundo puro, unindo-o ainda mais aos acontecimentos fervorosos, sagrados.

Esse comportamento em relação ao tempo basta para distinguir o homem religioso do homem não-religioso. O primeiro recusa-se a viver unicamente no que, em termos modernos, chamamos de ‘presente histórico’: esforça-se por voltar a unir-se a um Tempo sagrado que, de certo ponto de vista, pode ser equiparado à ‘Eternidade’.

Nessa linha de pensamento, observamos que o sagrado e o profano foram pensados pelo espírito humano como gêneros distintos, como dois mundos que não têm nada em comum. Nesse sentido, podemos considerar sagrado tudo aquilo que está ligado à religião, magia, mitos, crenças. Em qualquer tipo de religião, a concepção do sagrado se manifesta sempre como uma realidade diferente das naturais, remetendo ao extraordinário, ao anormal, ao transcendental, ao metafísico. Quando o processo é tratado como um fato natural, biológico, normal, estamos no campo do profano, de tudo aquilo que não é sagrado.

Entretanto, a dessacralização caracteriza a experiência total do ser humano não-religioso das sociedades modernas, que tem dificuldades em reencontrar as dimensões existenciais do ser humano religioso das sociedades arcaicas (ELIADE, 2004, p.19).

Outra dificuldade dessa experimentação do profano deriva de questões relativas a não universalidade da oposição sagrado/profano, pois em certas sociedades primitivas toda a realidade estaria imersa no sagrado e não haveria espaço para o profano. Ao mesmo tempo, surgiram propostas para novas dicotomias relativas ao sagrado, por exemplo, a do puro/impuro.

Assim, nos rituais e nos fenômenos sociais como o cangaço, a violência do sacrifício produz o sagrado e sacraliza a violência, transformando-a em purificadora, utilizada para expulsar a violência impura (profana). Esse mecanismo faz acreditar numa diferença entre a violência legítima e a ilegítima, impedindo a contestação, que poderia criar um círculo vicioso de vingança.

Diante de uma crise qualquer surge um perigo: a instalação da violência interminável que ameaça destruir a comunidade. Aparece então, o ritual, com a função de “purificar o homem e afastá-lo da violência, ou seja, dissipá-la das vítimas que não possam ser vingadas, como prática comum a alguns bandos no nordeste”.

2.2.1 O Cangaço

O sertão, como espaço real e imaginário é uma das constantes da cultura brasileira e na literatura, como tema ou no plano da linguagem, surge desde suas primeiras manifestações, como atestam os relatos de cronistas e viajantes, primeiros registros do universo desconhecido que se espalhava para muito além das margens litorâneas e que forneceram as bases das representações futuras do sertão brasileiro.

Tão variados são os enfoques através dos quais o sertão foi percebido e descrito pelos escritores ao longo dos séculos que seria possível descrever os diversos momentos da literatura brasileira a partir de sua representação, oscilando entre o retrato idealizado e idealizador e uma perspectiva mais realista.

Como ponto de contato entre esses distintos modos de representação e de criação de espaços múltiplos, entretanto, despontam traços como a ênfase na beleza, exuberância e força da natureza, nas injustiças sociais, nas questões de terra; na relação visceral entre o sertanejo e seu espaço; na tenacidade desse sertanejo, que resiste a toda sorte de provações impostas pelo meio e pelas estruturas sociais que opõem o mundo do sertão ao espaço da cidade e do litoral, conduzindo-nos a um mundo também estranho e perverso, palco do surgimento de vários movimentos como o *Cangaço*.

O cangaço sempre gerou o interesse e alimentou a fantasia do povo. O homem ou a mulher que vive às margens da lei como um celerado errante desperta na população, atração e admiração, certo fascínio por aquela vida “livre” das restrições impostas pela sociedade.

A vida dessas pessoas é contada em versos a partir de história repassadas pela oralidade, dos feitos “heróicos” que são narrados pelos contadores de estórias. No caso específico do Brasil e do objeto do presente estudo, as bravuras de Lampião, que são narradas pela literatura de cordel, por exemplo, contribuem de forma bem acentuada para mitificá-lo.

Entre os ciclos temáticos mais marcantes na literatura de cordel encontra-se, sem dúvida, esse fenômeno. O contexto que deu início ao surgimento do banditismo e os esforços do governo para combatê-lo, serviu como tema de uma vasta produção literária, não somente da literatura do cordel, mas também dos inúmeros textos históricos, jornalísticos e na literatura erudita.

No cordel os pistoleiros são observados com uma mistura de temor e admiração, representam o herói verdadeiro, o vingador das injustiças feitas ao povo, o misto de criminoso e o lutador, admirado ainda mais quando *atacava os ricos para distribuir entre pobres* como por exemplo acontece no folheto *Lampião – Justiceiro de Norte* de João Sabino Nascimento (s/d), citado em Marciel(1979):

E assim foi se tornando
o mais cruel bandoleiro
por uns era estimado
para outros carniceiro
mostrando espírito nobre
ajudava sempre o pobre
tomando de fazendeiro

A mesma fama acompanha também outro famoso cangaceiro, Antônio Silvino, conhecido como protetor da família e vingador do sertão:

Tomei dinheiro dos ricos
E aos pobres entreguei
Protegi sempre a família
Moças pobres amparei
O bem que fiz apagou
Os crimes que pratiquei.
(CHAGAS, 1954, apud MACHADO, 1982)

No ciclo do cangaço, mais do que em qualquer outro tema do cordel, vê-se o processo de idealização e com o tempo também de mitificação das personagens. O célebre Lampião, o mais famoso dos cangaceiros, que aterrorizou o Nordeste por mais de vinte anos, tornou-se uma verdadeira lenda que continua viva ainda quase setenta anos depois de sua morte. E o mesmo aconteceu com o Antônio Silvino.

Os poetas chamam-nos de Rei do Cangaço, Rei do Sertão, Leão do Norte, Rifle de Ouro, seus atos sangrentos foram quase esquecidos e os matadores transformaram-se com o tempo em vítimas da sociedade injusta que foram levadas ao caminho do crime por razões de honra – para vingar os nunca castigados crimes contra suas famílias.

Eu hoje podia ser
Um distinto cavaleiro
Meu pai foi assassinado
Devido a não ter dinheiro
Eu para me ver vingado
Fiquei sendo cangaceiro.

Não foi tanto por instinto
 Assim por uma vingança
 Porque mataram meu pai
 Minha única esperança
 E eu vingar sua morte
 Pra mim era uma herança.
 (CHAGAS, 1954, apud MACHADO, 1982)

O capítulo do cangaço não se encerrou com a morte de seus protagonistas, ao contrário, a partir daquele momento os poetas populares literalmente podiam abrir as asas de sua imaginação e começar a inventar novas histórias, algumas baseadas nos velhos folhetos ou na realidade histórica, outros completamente ficcionais, ampliando assim, cada vez mais o mito do cangaço.

Entre dezenas de títulos que se preocupam não somente com a vida e morte do bandido, mas principalmente de sua vida após a morte, podemos agora mencionar alguns que se tornaram clássicos na literatura de cordel: *A chegada de Lampião no Inferno* (José Pacheco); *A chegada de Lampião no Céu* (Rodolfo Coelho Cavalcante), que abordaremos no capítulo próprio.

Essas narrativas sem uma preocupação histórica exigem uma atenção especial. Ao invés da ênfase ao homem / bandido, é preciso um estudo sobre a realidade de suas vidas e a sociedade na qual viveram e morreram. Daí o motivo pelo qual precisamos retroagir no tempo e no espaço para entendermos o surgimento dos elementos históricos que compõem este movimento e, como referência, tomaremos a colonização, em especial a expansão territorial através da criação extensiva do gado no interior do Nordeste brasileiro.

O Cangaço surgiu no sertão do Nordeste do Brasil, no século XIX mais especificamente nos anos de 1850 com a criação da Lei da Terra e, até 1840, o cangaço, inicialmente, referia-se a grupos de homens – capangas– que serviam de protetores a estes coronéis e dissipadores de vários favores a famílias e amigos contra parentelas rivais (QUEIROZ, 1977, p.43). Era o que se podia designar de cangaço dependente ou “endêmico”.

2.2.2 O Coronel

Durante a República Velha as oligarquias rurais mantiveram sob sua tutela praticamente todo o domínio político do Brasil, entretanto, o poder do coronel encontra suas origens ainda durante a Colônia, quando a Coroa se valia dos proprietários para manter o controle sobre as regiões mais ermas. Por este motivo, conferiu-se a estes homens poderes políticos e militares, atuando como representantes da Coroa em suas regiões. Não demorou muito para que estes indivíduos se fortalecessem e se transformassem em líderes políticos autoritários e de grande influência local.

A denominação “coronel” veio com a criação da Guarda Nacional, em 1831, que conferiu aos chefes locais das antigas Ordenanças tal título. Mesmo após a extinção da Guarda, o uso desta alcunha permaneceu e o poder daqueles que a carregavam não sofreu nenhuma alteração, ao contrário, foi se intensificando ainda mais com o passar do tempo, atingindo seu auge na República Velha.

Neste período, a política nacional era determinada pelos coronéis, que apesar de não se envolverem diretamente, usavam a sua influência para fazer com que as decisões do poder público se direcionassem a favor de seus interesses. Além disso, era comum que os funcionários públicos fossem escolhidos pelos grandes proprietários, seguindo um critério de confiança pessoal, numa atitude que manifesta o caráter particularista, voltado para as vontades particulares, da política coronelista da República Velha.

Foi justamente no contexto do apogeu do poder do coronelato, quando esta elite exercia com maior veemência sua autoridade e seu autoritarismo, que surgiram os grupos de cangaceiros. Neste sentido, o cangaceirismo ganhou corpo a partir da rebelião de muitos sertanejos que haviam sido vítimas de desmandos, perseguições, humilhações e violência dos poderosos coronéis locais. O banditismo se configurava para essas pessoas como a única oportunidade de se fazer justiça e de fugir da precariedade e da miséria a que estavam condenadas por uma sociedade marcada pela desigualdade.

2.2.3 O Cangaceiro

As péssimas condições de vida do sertanejo, manifestadas na fome, na seca e na falta de qualquer tipo de assistência governamental, associadas à truculência dos coronéis latifundiários e à violência policial, forjaram o surgimento de tipos de excluídos como o beato, um fanático religioso que vivia se penitenciando e esmolando na porta das igrejas ou andando em grupos numa procissão de famintos e o “bandido salteador” que, embrutecido pela dureza da vida sertaneja, não aceitava o julgo dos coronéis e partia para o cangaço, vivendo “sem lei e sem rei”, como eles mesmos afirmavam.

A história do Brasil está marcada por um exercício privado e organizado da violência em que uma força armada é colocada a serviço de um proprietário rural ou de um chefe para prevenir conflitos ou para resolvê-los. No contexto do sertão, entendido geograficamente como o interior do país, a figura do cangaceiro é emblemática e a instituição do cangaço está relacionada diretamente com a questão do poder num Brasil rural e arcaico. O Cangaço nos revela a realidade de pessoas marginalizadas que, de modo muito peculiar, escreveram uma história social só conhecida através do Nordeste do Brasil.

Após a criação da Lei da Terra nº 601/1850 só poderia ocupar as terras por compra e venda, ou por autorização do Imperador. Todos que estavam nela receberam o título de proprietário, porém tinham que residir e produzir na terra. Essa Lei veio a partir de 1850, com os primeiros sinais de abolição da escravidão, era necessário para os grandes proprietários rurais que formava nossa elite econômica agrária, que se protegesse a propriedade da terra do método da apropriação por meio da posse.

Do contrário, quando os escravos fossem libertos e novos imigrantes chegassem, não haveria empregados dos grandes proprietários. De acordo com Queiroz (1977), o cangaço surgiu no sertão do Nordeste do Brasil tendo seu apogeu, entre os anos de 1930 a 1938, coincidindo com o coronelismo. Os cangaceiros tinham seus espaços de ação nos sertões dos Estados de Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Sergipe. Nessa época, a violência desmedida que invadia o sertão dotado de uma energia revolucionária latente que existia no Nordeste, ao invés de ser canalizada revolucionariamente, de tornar-se consciência política, se reflete como alienação.

Uma das causas do surgimento da figura do cangaceiro é o latifúndio, visto que desde os tempos de colônia, as terras brasileiras foram divididas em sesmarias e foram doadas para senhores de terra. Pela necessidade de manter a posse dessas terras, os então considerados donos, organizaram e mantiveram exércitos, formados por pessoas armadas, que garantiam a ordem e a exploração de trabalhadores servis por meio de “exército armado”, uma polícia particular, dando espaço para o surgimento desse elemento.

Perseguidor da honra e da vingança, o Cangaço acabava sendo para o cangaceiro simplesmente uma reação à miséria que não se resolvia de forma racional; se resolvia pela violência. Portanto, os cangaceiros acabavam “trabalhando” para o latifundiário sem perceber, sem consciência política, alienado pelas próprias condições sociais e por não ter capacidade para interpretar essa realidade que o envolvia, voltava-se frequentemente a “Deus” e à sorte, pois tudo seria feito segundo a vontade divina.

Quanto aos cangaceiros, que a princípio aparecem como uma figura única, Albuquerque Júnior (2003) apresenta três tipos que se constituem, definidos a partir da motivação de sua inserção no Cangaço:

O cangaceiro podia ser levado a essa vida de extremos por vários motivos: ora, é a eclosão destruidora de latentes instintos de ferocidade sanguinária conduzindo ao primeiro assassinato, elo inicial de uma cadeia maldita que se acrescerá até o fim da vida. Um outro grupo, 'esquerdo e apagado', exerceria, a contragosto, a singular profissão com um 'fatalismo melancólico e resignado'[...] E, por último, os revoltados, os que, torturados pela fome e pela sede de justiça, arvoram-se contra a sociedade (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2003, p. 220).

Como apresenta a citação acima, as imagens de revolta, de fome, de tortura e de injustiça vão constituindo o conceito imaginário/real da violência. É importante para concluir apresentar a figura do nordestino cangaceiro. Nela ainda estão presentes os vários conceitos de homens envolvidos nas questões sociais e regionais, como mostra a citação abaixo. Essas imagens estão sempre vinculadas aos atributos masculinos, próprios do Nordeste:

São todas figuras de homens, heróicos ou não. Seja o sertanejo, o brejeiro, ou o praieiro, sejam o vaqueiro, o jagunço, o coronel, o cangaceiro, o beato, o retirante, o matuto, o caboclo, ou senhor de engenho, todos esses tipos se relacionam com a época aos homens. Aristocráticos ou rudes, pobres, andrajosos, covardes ou valentes são expressões de uma sociedade onde a história, a ação, parecia pertencer apenas aos homens (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2003, p. 227).

A outra provável origem é o sistema escravocrata e seus reflexos na zona rural do Nordeste. O trabalhador rural no Nordeste, geralmente, é um semi-escravo, o nome inclusive, que se dá a ele é agregado, ou seja, ele é uma pessoa que se agrega à propriedade e ao dono da terra. Ele não tem salário constituído, é permitido que ele fique na terra, e o dono dela dá alguma coisa daquilo que produz em troca de seu serviço. Um sistema de semi-escravidão, como esse, gera miséria e uma série de injustiças sociais que explodem em revoltas pessoais.

Nesse período, os grupos de pessoas armadas, garantiam a posse da terra, que só começa a ser cercada, em 1850 com a Lei da Terra. As divisas eram mais ou menos vagas. O que marcava bem o limite era o poder de violência do latifundiário e em consequência, sabemos que para manter essa propriedade privada, os ditos donos, precisam de grupos armados.

Outra causa que pode ser apontada se refere à necessidade dos donos de terra no Nordeste que controlavam as populações rurais, que vivendo em situação de extrema miséria, tornavam-se um segmento com potencial para criar problema e afirma:

Era de se esperar, como aconteceram em várias ocasiões, que o sertanejo se revoltasse e quisesse mudar sua situação pelas armas. Os grupos de cangaceiros, como vários outros de repressão no Nordeste, foram estimulados e pagos por grandes senhores de terra para manter a população rural num regime de terror, num regime até de apavoramento, de letargia, sabendo que se ele se rebelasse, o cangaceiro vinha e o liquidava (CHIAVENATTO, 2008, p. 2).

O Cangaço trouxe muitas consequência para o sertão nordestino. A primeira delas é a violência desmedida da qual o sertão foi palco, uma vez que a energia revolucionária latente que existia no Nordeste, ao invés de ser canalizada revolucionariamente, de tornar-se consciência política, se reflete como alienação e o Cangaço acabava sendo simplesmente uma reação à miséria que não se resolvia de forma racional; se resolvia pela violência dos cangaceiros, bem como suas condutas no sertão frente à exploração que se entrelaça com o

próprio surgimento desse fenômeno social, conhecido como Cangaço, bem abordado no cordel de autoria de Hamurabi Batista, com o título de *A História do Cangaço*. (1ª edição, 2002).

No Nordeste Brasileiro
o cangaço existiu
pois saiu do desespero
que o matuto reagiu
na injustiça e na fome
numa miséria sem nome
que matou e que feriu.

A família Viriato
com todos nessa armadilha
andaram nesse embaraço
fazendo a sua quadrilha
pois debaixo do cangaço
caíram no mesmo laço
e perderam sua guerrilha

Os Engrácias e Porcinos
no aconchego a caminhar
bem fizeram crueldade
não tinha como evitar
pois na terra abandonada
só uma chance era dada
de morrer ou então de matar

Cem anos depois surgiu
mestre Luiz Mansidão
que a Silvino admitiu
mais Zeferino seu irmão
quando Mansidão morreu
Tô Silvino se elegeu
“Governador do Sertão”

Teve duas modalidades
depois quando começou
por suas necessidades
o sertão se alistou
no Cangaço Dependente
ou no outro Independente
e assim se concretizou.

No Cangaço Pau Mandado
nas barbas do coronel
sertanejoaflagelado
conformado com o tropel
foi Cangaço Dependente
dessa forma indiferente
explorado e sem troféu

No Cangaço Independente
o seu chefe era liberto
revoltado intransigente,
dava o errado como o certo
o seu mote era a vingança
se fizesse uma aliança

Quer ter mitos que os tenha

pois ninguém pode impedir
 mas veja qual a resenha
 quando o mito assumir
 são tantos que vem de fora,
 do estrangeiro e de outrora,
 prefiro os mitos daqui

É certo que o Cangaço
 prejudicou o Sertão
 nessa mensagem que passo
 peço sua reflexão
 se fosse coisa de rico
 ou estrangeiro esse mito
 era herói dessa nação.

[...]

O poeta reforça a ideia de que sertões nordestinos, desde os tempos coloniais, foram cenários de lutas sangrentas entre famílias e bandidos célebres, escorraçados pela sociedade, como percebemos nos versos de Hamurabi Batista: *“No Nordeste Brasileiro / o cangaço existiu / pois saiu do desespero / que o matuto reagiu / na injustiça e na fome / numa miséria sem nome / que matou e que feriu / A família Viriato / com todos nessa armadilha / andaram nesse embaraço / fazendo a sua quadrilha / pois debaixo do cangaço / caíram no mesmo laço / e perderam sua guerrilha / Os Engrácias e Porcinos / no aconchego a caminhar / bem fizeram crueldade / não tinha como evitar / pois na terra abandonada / só uma chance era dada / de morrer ou então de matar / Cem anos depois surgiu / mestre Luiz Mansidão / que a Silvino admitiu / mais Zeferino seu irmão / quando Mansidão morreu / Tôe Silvino se elegeu / “Governador do Sertão” ”*

Frutos de fatores extrínsecos e excêntricos, no sertão, criaram a extensa história do cangaço no Nordeste Brasileiro.

O cangaço foi um dos flagelos do passado. As questões entre famílias poderosas, as secas impiedosas, as razões que castigavam os habitantes do sertão, a ignorância, as profanidades do corpo, o analfabetismo, a desassistência completa nas regiões mais longínquas da civilização, a falta absoluta de rodovias e transportes endureceram os corações dos rudes sertanejos que não sabiam perdoar o descaso (LIMA, 1970. p.322).

Além das secas e das sezões, a fúria impetuosa dos tiroteios entre elementos das famílias que se desentendiam frequentemente e se tornavam, inimigas rancorosas, pois, as grandes famílias que ocuparam os sertões do Nordeste no período colonial, mantiveram sob seu controle bandos de homens, muitos dos quais vivendo em suas terras, como “morador” ou “agregado” em troca de “serviços” ocasionais.

Era muito comum, entre as famílias que dominavam os sertões, conflitos gerados muitas vezes por questões de terra, gado, liderança política, herança, casos amorosos ou

qualquer outra pendenga, o que exigia delas a permanência de “seus homens” sempre em prontidão para uma eventual “guerra de famílias”.

Como no sertão não existia justiça, cada qual resolvia suas questões ao seu modo. Dominados pelas influências perigosas do meio ambiente, sem nenhuma formação, garantias e possibilidades de se afastar, os sertanejos viviam sem paz e sem segurança, indiferentes ao banditismo que triunfou na natureza agressiva e contribuindo ainda mais para o crescimento do cangaço.

Como o ambiente era a natureza rude e bravia, cangaceiros e sertanejos lutavam pela vida na região ingrata em meio ao desespero da morte trazida pelos jagunços e pelo cangaço, alimentando assim a revolta do povo e da população que se via desprezadas pelas autoridades, e alguns ingressavam no cangaço para aplacar suas vinganças ou em busca de maior proteção como vemos em: *“Teve duas modalidades / depois quando começou / por suas necessidades / o sertão se alistou / no Cangaço Dependente / ou no outro Independente / e assim se concretizou / No Cangaço Pau Mandado / nas barbas do coronel / sertanejo aflagelado / conformado com o tropel / foi Cangaço Dependente / dessa forma indiferente / explorado e sem troféu / No Cangaço Independente / o seu chefe era liberto / revoltado intransigente / dava o errado como o certo / o seu mote era a vingança / se fizesse uma aliança”*.

Os versos revelam que a gênese do cangaço está diretamente ligada ao modelo econômico e político implantado no Brasil a partir da colonização portuguesa, somado à própria cultura da vingança. Logo depois da colonização foi possível notar a irregularidade da distribuição das terras nas mãos de poucos proprietários, os chamados coronéis. Tais homens detinham o poder econômico e político da região. Seu poderio, então, não se subjugava ao poder estabelecido das províncias.

Já o cangaço independente ou “epidêmico” constituiu-se um tipo de banditismo social oriundo do meio rural, dos bandos do nordeste brasileiro cujo objetivo básico era viver segundo os próprios meios de subsistência, sejam econômicos, culturais ou jurídicos, em contraposição à ordem social estabelecida formalmente, como descrito em: *“Os bandos eram formados / de três a dez cangaceiros / raramente eram contados / mais de quinze bandoleiros / praticavam seus delitos / levantando assim seus mitos / num sertão de aventureiros”*.

Enquanto o primeiro estava “ligado a um chefe de clã ou coronel, sediado em suas terras, o outro, a partir do final do século XIX, torna-se nômade e vagueia pelo sertão” (QUEIROZ, 1977, p.55), agindo segundo a sua própria força e vontade. Parte dos

pesquisadores demarca este período como sendo o ponto temporal da origem dos cangaceiros, considerando este tipo – o epidêmico – como o cangaço propriamente dito.

Outro agente natural marcante na constituição desse movimento de contestação é a irregularidade das chuvas no sertão que tornou-se o principal fator responsável pelo clima semi-árido e pela vegetação seca e de pequeno porte, isolando econômica e geograficamente a sua população que passava a sofrer duplamente, pois a sua localização, deslocada do centro urbano, distanciava o poder público de sua realidade, fazendo com que governantes não concentrassem esforços na busca de soluções para os problemas da região, ao mesmo tempo em que as características do clima dificultavam as suas principais fontes de renda: a agricultura e a pecuária, baseadas na economia de subsistência.

O clima hostil atingia classes desprestigiadas e até as mais abastadas, [...] As adversidades, principalmente as secas periódicas, dizimavam também os rebanhos e os outros recursos dos fazendeiros. Consequentemente, viam-se forçados a vender suas propriedades, passando, portanto, para a classe dos pobres (CHANDLER 1981, p.22).

No cangaço, mais do que espaço geográfico esquecido e embruteado, elemento de constituição da subjetividade, o sertão é matéria de linguagem poética, a ele corresponde um modo específico de expressão, um ritmo próprio que não pode ser recriado em outro contexto. É nesse aspecto que o cordelista impõe-se como criador literário, autor de uma obra que não se limita a fornecer o retrato pitoresco do sertão; mais do que isso, em seus poemas, o sertão alimenta a expressão e funda maneiras peculiares de percepção e comunicação com o mundo, de forma a instigar ainda mais o espaço real e imaginário na denúncia do completo abandono, de toda má sorte vivida, dos festejos religiosos e profanos.

Ao abordarmos o cangaço dentro do espaço profano torna-se também importante ressaltar seu caráter dualístico uma vez que a religiosidade divide espaço com o profano que englobam tanto o cangaceiro quanto o padre, solidificando-se na vida do sertanejo. Entretanto, cabe-nos aqui, abordar o lado profano intrínseco ao fenômeno do cangaço do Nordeste brasileiro.

Vendo-se diante da violência impetrada pelos cangaceiros e pelas volantes – que a nosso ver não esboçava muita diferença entre a ação do cangaceiro e da volante em relação àqueles que estavam no fogo cruzado – ao mesmo tempo em que se deparava com a figura dos beatos e seus discursos milenaristas ou messiânicos de salvação o sertanejo ou o próprio cangaceiro buscavam na proteção divina uma cura para os males do espírito, baseada em amuletos, rituais, promessas ou devoção.

Desta forma, fazer a relação entre o cangaço, o espaço profano e a religiosidade, conduz-nos a uma vasta bibliografia que aguça a curiosidade, até porque escrever sobre cangaceiros e omitir suas crenças e costumes é deixar uma lacuna considerável que será observada pelo leitor atento. Todavia, essa conduta religiosa do cangaceiro não é algo que estivesse à margem da sociedade sertaneja, ele sim era um marginal, seus crimes hediondos e a violência que praticava contra àqueles que contrariavam seus interesses deixaram marcas profundas entre os sobreviventes e seus descendentes.

Já as práticas religiosas e suas crenças eram as mesmas dos seus amigos, inimigos e de suas vítimas. Afinal de contas, tanto o espaço, o sertão, quanto às origens, o caráter mestiço de nossa cultura eram os mesmos. Portanto, para o sertanejo, determinados costumes, como rezar o terço, o rosário, fazer penitência, promessas para os santos, acreditar em que pode fechar o corpo contra inimigos externos, usar patuá fazia parte de seu cotidiano em meio a onda de violência que o mesmo espalhava.

Assim, não só há outras realidades que se mostram como existe uma dinâmica na linguagem que o cangaceiro usa para justificar seus atos profanos e se inscrever no universo social do sertão com uma imagem lendária, sanguinária e sedutora. Nos diversos rituais para e justificar a morte, o cangaceiro servia-se do “escudo ético”, uma espécie de moral da vingança para restabelecer a honra.

A necessidade de justificar-se aos próprios olhos e aos de terceiros levava o cangaceiro a elaborar seu desejo de vingança, a sua missão pretensamente ética, a verdadeira obrigação de fazer correr o sangue dos seus ofensores, como forma ritualística e profana, alcançando a selvageria, marcada por festas e encontros que celebravam a vitória conquistada sobre outros grupos ou sobre as forças volantes, equiparando, portanto, sagrado e o profano num espaço dualístico com existências independentes.

Entretanto, vale aqui, ressaltar que as práticas do cangaço também criaram figuras lendárias de bandidos e heróis, que são possuidores de uma inteligência rara e capaz de estimular o imaginário popular, deixando marcado e com bastante ênfase a vida social e cultural daquele povo, visto que:

O imaginário não é a negação total do real, mas apóia-se no real para transfigurá-lo e deslocá-lo, criando novas relações no aparente real. A negação do real, na qual está contida a concepção de loucura e ilusão não tem nada a ver com o conceito de imaginário, pois encontram-se no imaginário, mesmo através da transfiguração do real, componentes que possibilitam aos homens a identificação e a percepção do universo real (LAPLATINE; TRINDADE, 1997, p. 28).

Essa imagem criada em relação ao cangaceiro serviu para sustentar a popularidade dos heróis e ainda é motivo de inspiração em outras manifestações da cultura tradicional

brasileira, uma vez que todas as grandes obras europeias chegaram até nós, se inserindo no processo de construção do imaginário popular e oferecendo aos cordelistas os grandes arquétipos da épica, e assim os cordéis foram sendo incorporados aos poucos nas discussões dos fatos locais, apesar de permanecer sua grandiosidade e o tom solene dos cordelistas.

A literatura representada pelos cordelistas é bem uma reflexão dos valores culturais, por alimentar a imaginação popular através dos fatos políticos, sociais e até mesmo religiosos ou profanos, contribuindo para que uma sociedade considerada inculta e carente de toda uma infra-estrutura faça do cordel um porta-voz de grande importância.

2.2.4 O Coiteiro

Porém, o movimento que se iniciou como contrário à dominação do coronelato em pouco tempo acabou sendo por ele cooptado. Associando-se aos potentados regionais, os cangaceiros tinham a garantia de um local seguro para se esconder da polícia e para se abastecer de alimentos e armamentos. Os fazendeiros que davam proteção aos cangaceiros ficaram conhecidos como “coiteiros”.

Segundo Montenegro (2011) o *couto*, existiu no ceará, desde o primeiro século de sua colonização. No período colonial, os potentados homiziavam bandidos e salteadores com o fim de dominarem, pelo terror, os proprietários vizinhos. Nos séculos XVIII e XIX, por ocasião das lutas sangrentas entre poderosas famílias, o *couto* era processo comum. No século XIX, passou a ser utilizado como meio de crescer o clã eleitoral. Esses elementos residiam por longos anos nas fazendas cumprindo determinações dos patrões, na qualidade de guarda-costas ou homens para a diligência.

O Coiteiro era o protetor de homens que estavam à margem da lei, aquele que *acouta*, homizia o cangaceiro. O vocábulo, porém, ganhou, no sertão, maior amplitude em seu significado, pois trava relações com os facínoras para fins comerciais. Proprietários e fazendeiros dão-lhe homizio e apoio aliciando-se de tal jeito que parecem ter quinhão nas partilhas dos saques. Indubitavelmente, o coiteiro é, em grande parte, produto unicamente da descrença das populações do Nordeste pela campanha do Governo e de represálias futuras por parte dos bandidos facinorosos.

Como a ação da polícia era restrita e esporádica, incapaz de acabar com o cangaço, é neste contexto que se fortalece a figura do coiteiro. Essas ações sempre visavam um bandido ou outro e nunca prosseguiram além do ponto suficiente para rechaçar os cangaceiros de uma determinada região. Daí, a posição em que se viam colocados os fazendeiros que, sabendo por longa experiência, que a ação da polícia apenas irritaria os

cangaceiros, não queriam, por atitude hostil a estes, arriscarem-se a represálias, a que não escapariam, quando a força pública se retirasse.

Nessa troca de favores e serviços, era na figura do coiteiro, indivíduo importantíssimo que os cangaceiros depositavam toda confiança e ao mesmo tempo desconfiança, era o que mais se valia. O coiteiro era quem levava e trazia mensagens, abastecia o grupo de alimentos, bebidas, pequenos objetos, dava notícias das movimentações das volantes, ou seja, era uma pessoa que prestava diversos serviços mediante um bom pagamento. Para percorrerem os Estados nordestinos, tornava-se necessário e indispensável os serviços de coiteiros para garantir a sobrevivência dos bandos.

Ambos se fortaleciam com a celebração de alianças de apoio mútuo, representando, para as duas partes, condição de maior poder. Por força dessas alianças, o bando colocava-se a serviço do fazendeiro ou chefe político, que se convertia, em contrapartida, naquela figura responsável pela conservação do caráter endêmico de que o cangaço sempre desfrutou no Nordeste, que foi o coiteiro, que se converteu para muitos em uma rendosa profissão.

A constituição de uma rede de coiteiros foi fundamental para a sobrevivência dos bandos. Nos momentos em que se encontravam mais fragilizados, famintos, feridos e sem possibilidade de continuar fugindo do cerco policial pela caatinga, era com a ajuda dos coiteiros que os cangaceiros poderiam se recuperar, restabelecer as forças sem ser incomodados pelas tropas volantes e, assim, prolongar a existência do grupo.

Mesmo Lampião, o mais célebre dos cangaceiros, precisava do auxílio de coiteiros, grandes responsáveis pela longevidade de seu bando. O sucesso de Lampião apoiava-se na rede de coiteiros e no abastecimento constante de armas. Sustentava-se pelo suborno e pelos tratos entre o cangaço e o coronelismo, que definiam zonas livres de perseguição e indicavam áreas onde os cangaceiros podiam cometer seus assaltos. Essas áreas pertenciam naturalmente ao ‘território inimigo’, redutos de políticos ou famílias contrárias aos protetores de Lampião.

Por outro lado, os coronéis também se beneficiavam com as alianças que estabeleciam com os cangaceiros, que em troca do “acoitamento” se colocavam a serviço do potentado, agindo como uma espécie de milícia. Os latifundiários se valiam dos cangaceiros para empreender ações cujo objetivo era a disciplinarização de seus agregados e a intimidação de seus inimigos políticos. Sob esta perspectiva, os cangaceiros tinham a função de mantenedores da ordem social vigente, garantindo o controle do coronel sobre a população pobre e sobre a política local.

Sob esta ótica, observa-se que se para os coronéis a violência é uma maneira eficaz de manter sob controle os sertanejos pobres e se sobrepor a seus rivais nas questões políticas, para os cangaceiros esta mesma violência é um instrumento para fazer justiça, na medida em que seu conceito de justiça está diretamente vinculado à “lei do mais forte”.

No sertão do cangaço, a justiça baseia-se na força – as leis do país são uma abstração na caatinga. Essa força, ao ser exibida, prestigia quem manda, pois ressalta o grau de macheza do mandante. Por sua vez, ao executar as ordens, distribuindo surras e provocando mortes, o cangaceiro cresce no conceito popular, pois demonstra que também é macho.

Esse tipo de ideia de justiça e de lei demonstra a ausência do Estado no sertão do Nordeste, dando margem para o fortalecimento dos coronéis e para a aplicação indiscriminada do seu poder, cujo mecanismo básico é a perpretação da violência através de seus capangas, entre eles os cangaceiros. Dessa forma, a aliança entre cangaceiros e coronéis (coiteiros) promove a consolidação de um poder muitas vezes alheio às determinações do Estado, que institucionaliza a violência tanto dos potentados quanto dos bandoleiros.

Diante da análise de tais elementos considera-se que as articulações entre o cangaço e o coronelato foram fundamentais para a afirmação de ambos os lados. Sob esta perspectiva, percebe-se que o mito do “cangaceiro” está permeado de uma adversidade forte e bem peculiar, visto que o mesmo não só agia em favor dos pobres, lutando contra o sistema e tirando dos ricos para dar aos mais humildes. O que ocorria de fato era uma tentativa dos cangaceiros de atender aos próprios interesses, de dar vazão a suas indignações e de garantir sua sobrevivência.

Realmente, as condições sociais injustas, o autoritarismo dos potentados e a miséria na qual estavam submersos fomentaram o espírito de revolta dos cangaceiros, entretanto, este não tomou a forma de revolta social. O que se via na verdade era a opressão do sertanejo pobre por indivíduos da mesma origem, agindo em nome dos poderosos, colaborando para a manutenção de uma estrutura de exploração da qual eles mesmos haviam sido vítimas.

2.2.5 A Volante

Com desativação definitiva da Guarda Nacional (em 1918), abriu-se um novo horizonte para a defesa dos interesses nacionais e houve - então - um absoluto controle militar interno, desarmando-se as oligarquias coronelistas locais. Em 1920 completa-se o quadro das mudanças internas no exército dando início também na estrutura, uma vez que a tropa encontrava-se sem um treinamento específico do efetivo e com dificuldades de novos alistamentos, incapaz de, em curto prazo está presente na defesa dos interesses estaduais e/ou locais.

Por outro lado, os governos estaduais nordestinos, vendo-se agravar o banditismo nas regiões interioranas do agreste e do sertão, viram-se na contingência de criar forças policiais-militares de emprego rápido e que teriam - inclusive - nativos recrutados dessas regiões. Surgindo daí as verdadeiras volantes que eram grupamentos, destacamentos ou patrulhas tático-móveis, compostas essencialmente por militares (policiais das Forças Públicas estaduais ou militares do Exército nacional, devidamente comissionados para este fim), comandadas - preferencialmente - por um oficial (tenente ou capitão).

Era muito comum acontecer que os oficiais do Exército, quando chamados a comandar polícias, trouxessem a ideia de que as mencionadas corporações fossem compostas por uma maioria de homens ignorantes e indisciplinados, recrutados - entre os etno-nativos da região: curibocas, mulatos e cafusos - esses grupos de policiais-militares, percorriam equipados e a pé, grandes distâncias em perseguição aos malfazejos foras-da-lei, muitas vezes, mantendo um combate desigual, pois os chamados cangaceiros estavam melhor municiados, com armamento mais moderno e em melhores condições, diante das facilidades que estes tinham em conseguir recursos e alimentos, bastando para isso mandar pedir através de bilhetes a qualquer fazendeiro ou político.

Estes, para não enfrentarem a ira daqueles facínoras - que com uma possível recusa, estariam na mira de uma próxima incursão, com a visita indesejada, inesperada, desmoralizante e de funestas consequências - viam-se, forçados a atendê-los em todas as suas "justas" demandas.

Ao criar as volantes, também chamadas por muitos sertanejos de a violência oficializada, o Poder Público criou também o medo no sertão pelo nível de crueldade que os destacamentos aplicavam durante suas ações na tentativa de capturar cangaceiros. Nestas forças policiais, os seus integrantes se assemelhavam aos cangaceiros, logo, ficava bem difícil saber ao certo quem era quem. Do ponto de vista dos cangaceiros, eles eram, simplesmente, os "macacos". E tais "macacos" atuavam com mais ferocidade do que os próprios cangaceiros, criando um clima de grande violência em todo o sertão nordestino.

Sob ordens superiores, as volantes passam a atuar como verdadeiros "esquadrões da morte", surrando, torturando, sangrando e/ou matando coiteiros e bandidos. Se os cangaceiros, portanto, ao empregar a violência, agiam completamente fora da lei, as volantes o faziam com o apoio total da lei.

3. A MITIFICAÇÃO DE PE. CÍCERO E LAMPIÃO NA LITERATURA DE CORDEL.

3.1. Pe. Cícero Romão Batista: Do homem ao Santo

Sempre houve ao longo da história humana, em todas as épocas e em todas as raças, curiosidade e engenhosidade para investigação, interpretação e compreensão de movimentos e fenômenos que ultrapassam as fronteiras da normalidade na ordem social. Desde os antigos sábios gregos são ensaiadas e produzidas, nesse sentido, as mais variadas e originais especulações. Faz parte da experiência humana.

Entretanto, somente o crescimento das sociedades e o surgimento de suas complexidades estimularam e proporcionaram aos estudiosos e pesquisadores o tratamento científico adequado na decodificação de fenômenos sociais, sobretudo a partir do século XIX com o filósofo francês Auguste Comte.

Criador do positivismo, Comte talvez tenha sido o primeiro a fundamentar o estudo dos fenômenos sociais orientando-se por modelo teórico da Sociologia. Depois de avaliar, admirado, as palpitações que se registram e podem ocorrer no interior da organização social, observando atentamente determinados movimentos, o filósofo de Mompilher concluiu:

Não podemos apreciar completamente um fenômeno que está sempre crescendo diante dos nossos olhos e do qual participamos. Mas, se refletirmos sobre o sistema social e o contemplarmos de alguma distância, não é possível conceber espetáculo mais maravilhoso na coleção completa dos fenômenos naturais, do que a convergência constante e regular de uma multidão incalculável de seres humanos, cada um deles possuindo uma existência distinta e, até certo ponto, independente, e mesmo permanentemente dispostos, entre todas as suas divergências de talento e de caráter, sem tácito acordo e mesmo sem consciência disso por parte da maioria que acredita estar seguindo simplesmente seus impulsos pessoais.

Evidentemente, embora tenha desenvolvido os seus conceitos antes da Revolução Industrial, Comte teorizava sobre as operações humanas dentro de uma sociedade que se avizinhava da sociedade de massa. Outra formulação teórica, elaborada após a Revolução Industrial, revela-se também interessante para interpretação dos fenômenos sociais. Produzida na Alemanha por Ferdinand Tonnies, foi denominada *Gemeinschaft*. É uma palavra que significa comunidade, ou pode significar o sentimento de comunidade, principalmente aquele sentimento que caracteriza um lugarejo ou uma cidade.

O termo *Gemeinschaft* pode ser traduzido como o sentimento recíproco e estreito que mantém as pessoas de um lugar profundamente unidas e integradas, através do culto de valores e convicções tradicionais ou de forte dedicação à determinada crença.

Extremamente simplificadas aqui, como objeto de pura ilustração, ambas as formulações teóricas, de Comte e de Tonnies, apesar de elaboradas para análise de sistemas complexos de reações sociais ou da complexidade de organizações societárias, são de valiosa utilidade para interpretação de movimentos de massa produzidos por forte extensão ou tensão psicológica ou marcados por impressionante solidariedade social. Assim como ocorre em famosos centros de aglutinação e manifestação populares sob inspiração religiosa, ou mais precisamente, centros de intensa religiosidade popular, como o caso de Juazeiro do Norte ou a Juazeiro do Padim Ciço.

Estudada hoje sob os enfoques teológico, antropológico, sociológico, histórico e psicológico, a religiosidade popular e seus *mitos* precisam ser encarados naturalmente, sem preconceito. Lamentavelmente, dentro da própria Igreja Católica ainda há dirigentes - em passado recente muito mais e no presente muito menos - com tendência à análise cultural elitista, de forma a mascarar os vários mistérios alicerçados e difundidos pela fé.

Desta forma, ao continuarmos nosso trabalho, faz-se necessário que debilhemos o significado das palavras para compreender seu alcance e até onde poderemos chegar com o resultado encontrado. Dessa forma, procuramos conhecer e encontrar a melhor definição do que seja para mito.

FERREIRA (1986, p. 1143) conceitua mito da seguinte forma:

[Do gr. *mythos*, 'fábula', pelo lat. *mythu*.] S. m. 1. Narrativa dos tempos fabulosos ou heróicos. 2. Narrativa de significação simbólica, geralmente ligada à cosmogonia, e referente a deuses encarnadores das forças da natureza e/ou de aspectos da condição humana. 3. Representação de fatos ou personagens reais exagerada pela imaginação popular, pela tradição, etc. 4. Pessoa ou fato assim representado ou concebido: *Para muitos, Rui Barbosa é um mito*. [Sin. (relativo a pessoa), nesta acepç.: *monstro sagrado* (q. v)] 5. Idéia falsa, sem correspondente na realidade: *As dívidas surgidas no inventário demonstram que a sua fortuna era um mito*. 6. Representação (passada ou futura) de um estágio ideal da humanidade: *o mito da Idade do Ouro*. 7. Imagem simplificada de pessoa ou de acontecimento, não raro ilusória, elaborada ou aceita pelos grupos humanos, e que representa significativo papel em seu comportamento. 8. Coisa inacreditável, fantasiosa, irreal; utopia: *A perfeição absoluta é um mito*. 9. *Filos.* Exposição de uma doutrina ou de uma idéia sob forma imaginativa, em que a fantasia sugere e simboliza a verdade que deve ser transmitida, como p. ex., no *mito da caverna* [q. v.]. 10. *Filos.* Forma de pensamento oposta à do pensamento lógico e científico. **Mito da caverna.** *Filos.* Aquele com que Platão [v. *platonismo*], no começo do livro sétimo da República, figura o processo pelo qual a alma passa da ignorância à verdade.

Segundo Mircea Eliade (1972) a tentativa de definir mito seria que o mito é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada em perspectivas múltiplas e complementares. O mito conta uma história sagrada, relata um acontecimento que teve lugar no tempo primordial, o tempo fabuloso dos começos, pois o mito conta graças aos feitos dos seres sobrenaturais, uma realidade que passou a existir, sendo

portanto uma narração de uma criação, descrevendo-se como uma coisa que foi produzida, como começou a existir.

Aquilo que os seres humanos têm em comum revela-se no mito. Segundo Campbell (2005) eles são histórias da nossa vida, da nossa busca da verdade, da busca do sentido de estarmos vivos. Os mitos são pistas para as potencialidades espirituais da vida humana, daquilo que somos capazes de conhecer e experimentar interiormente.

O mito é o relato, a experiência da vida. Eles ensinam que nós podemos voltar-nos para dentro. Assim sendo os mitos têm como tema principal e fundamental que é a busca da espiritualidade interior de cada um de nós.

O mito, comenta Luiz Tavares Júnior (1980), costuma ser compreendido de forma diferente: a forma que tinha o termo primitivamente entre os gregos que o entendiam como uma narrativa, uma história contada e a corrente em que é sinônimo de invenção, ilusão, ficção. Segundo o autor, as narrativas de cordel estariam ligadas à primeira interpretação, uma vez que o mundo do cordel, em seu espaço e tempo, podemos dizer, é um mundo mítico; suas narrativas não podem ser entendidas, segundo a ordem temporal dos acontecimentos, na superfície sintagmática do seu discurso.

Sua compreensão requer um modelo que leve em conta essa especificidade, ou seja, de que o cordel é um texto que atualiza um mito transmitido, por sua vez, através de textos anteriores. Desta forma, é neste terreno que abordamos o primeiro personagem emblemático, Padre Cícero Romão Batista, que para multidões do mundo inteiro figura como escolhido por Deus para ser guiador do povo carente, como nos coloca Lira Neto (2009).

Mais de 1800 anos após ter sido pregado numa cruz pelos soldados romanos no monte Gólgota, em Jerusalém, Jesus Cristo, o homem em cuja memória se fundou a Igreja que congrega mais de 2 bilhões de fiéis espalhados por todo o mundo, voltou à Terra. Nasceu de novo, na cidade do Crato, interior do Ceará. Cristo retornou na forma de um bebê sertanejo, com traços nitidamente caboclos, mas de cachinhos dourados e olhos azuis. O Menino Jesus redivivo chegou dos céus em meio a uma explosão de luz, com a força de mil sóis, no meio do sertão. Foi trazido por um anjo de asas cintilantes, que na mesma hora levou embora a filhinha recém-nascida de uma católica fervorosa, a cearense Joaquina Vicência Romana, mais conhecida como dona Quinô. De tão intenso, o clarão deixou a mulher temporariamente cega, bem na hora do parto, o que a impediu de perceber a troca das duas crianças.

É no seio dessas multidões que tanto anunciam à assunção dos valores atribuídos ao Padre, que constatamos um nimbo de mistério envolto do estudo dos folhetos do Padre Cícero, a começar pela análise do corpus de poemas produzidos enquanto o Padre Cícero ainda era vivo, seguida de uma discussão a respeito de seu cancionário póstumo. É aqui, preferencialmente, que vai se tornar possível o estabelecimento de relações entre a religiosidade popular e a poética semi-oral dos folhetos, através da exposição e análise

efetivas dos mecanismos formais utilizados na representação do *Pe. Cícero Romão Batista como homem, Santo e Mito*.

O nome do Padre Cícero certamente não deve soar estranho para a maioria dos brasileiros. Volta e meia a figura do *Santo nordestino* reaparece na mídia, em reportagens e documentários que visam retratar elementos da religiosidade popular ligada às romarias e aos seus feitos como sacerdote de Juazeiro do Norte, Ceará.

O que pouca gente sabe é que a personalidade e a trajetória desse *homem*, desse *santo e mito*, canonizado pelos fiéis, à revelia da Igreja, até hoje provoca acaloradas discussões. Para alguns pesquisadores, o padrinho, tendo conquistado grande influência e poderio políticos em vida, não passa de um embusteiro, hábil manipulador da fé de seus romeiros, para outros, é a figura mais próxima da Santíssima Trindade.

Como não poderia deixar de ser, esse personagem polêmico deu muito trabalho, em todos os sentidos, para os poetas populares nordestinos. Em torno dele foi produzida uma infinidade de poemas que chegam a constituir um cancionero à parte em meio à Literatura de Folhetos Nordeste.

Trata-se de uma produção que, de maneira geral, eterniza sua obra e mimetiza a canonização operada no plano do imaginário religioso, como resposta às próprias exigências do público em ver representado um padrinho santo e milagreiro. Nos folhetos mais recentes, observa-se a predominância de um padrão canônico de representação o que sem dúvida, contribui para a mitificação do padre. Fórmulas verbais e narrativas são *re-produzidas* aos montes para dar conta de construir e *re-afirmar* uma tradição discursiva que, em última análise, *funciona* como elemento estruturante da própria identidade coletiva.

Para chegar até aí, os poetas tiveram que estabelecer um diálogo constante com o contexto histórico e com os discursos críticos, procurando distinguir e *re-afirmar* os valores caros a seu público de devotos. Nos folhetos mais antigos, por exemplo, produzidos enquanto o Padre Cícero ainda era vivo, a despeito das tentativas de elaboração de narrativas destinadas à defesa e ao elogio do santo, é possível identificar uma série de referências a aspectos polêmicos de sua trajetória, que tendem a se tornar cada vez menos recorrentes na produção posterior.

Pelo que se pode observar, trata-se de um processo contínuo de canonização poética desse mito religioso, bastante interessante pela relativa rapidez com que se dá, cerca de noventa anos, e pelo fato de refletir todo um universo de práticas de representação mais amplo. As mil e uma histórias do cancionero do Padre Cícero são reflexo das mil e uma que se ouve da boca dos fiéis durante os períodos tradicionais de romaria ou por intermédio

daqueles que de alguma forma alcançaram uma graça ao buscarem o Padre em suas orações ou enfermidades.

A produção poética e o imaginário religioso estão de tal maneira imbricados na constituição do cancionário de um personagem como o Padrinho que, se tornou obrigatória uma análise que não apenas abarcasse os aspectos puramente formais da representação, mas que estabelecesse relações entre a ficcionalização do personagem e os elementos sócio-culturais da comunidade em que surge e, que servem de parâmetro para sua mitificação no variado repertório do imaginário coletivo ao longo do tempo, mas sua relação com a própria cidade de Juazeiro, o lugar santo.

De acordo com o que está disposto nos livros de batismos da Cúria do Crato, o menino Cícero Romão Batista nasceu naquela cidade cearense no dia 24 de março de 1844. A documentação dos cartórios e das sacristias pode ser mais objetiva do que a narrativa mítica. Mas não é menos sugestiva de significados nem deixa de ser alvo de controvérsias. Há quem aponte, mesmo aí, na letra firme do escrivão, a sombra de uma armadilha histórica: Cícero teria nascido no dia anterior, 23 e, posteriormente, alterado o próprio batistério para vincular sua origem à data litúrgica da Anunciação. Não há provas, contudo, que corroborem essa acusação específica de mitomania.

O que se sabe ao certo é que o filho de dona Quinô e do pequeno comerciante Joaquim Romão Batista nasceu um caboclinho de longas orelhas de abano e, de fato, cabelos alourados e um surpreendente par de olhos azuis — características que ajudaram a associar sua imagem ao Cristo caucasiano das gravuras de origem medieval, mas que na verdade foram herdadas dos antepassados portugueses da família, tanto do lado materno quanto do paterno.

A tradição oral dá conta de um menino Cícero que construía casinhas de barro para as brincadeiras das irmãs, evitava as típicas estripulias da infância e não se juntava aos demais moleques da rua. Mas que gostava de subir em árvores e de pegar passarinhos, especialmente canários e patativas. Afora isso, vivia enfurnado em uma tenda que armava no quintal de casa, onde ficava sozinho durante horas, silencioso e ensimesmado, como se estivesse a rezar e a conversar com os anjos da guarda.

Conforme nos assegura Medeiros (1989) na Cidade do Padim Cíço, constata-se que poucos sabem sobre a infância do Padre Cícero, e os fatos até hoje revelados sobre aquele período desconhecido de sua vida tiveram origem nas informações verbais da ex-escrava Maria Teresa de Jesus, para quem ele fora apenas “sinhozinho”. Cabe-nos acentuar que para muitos historiadores o Padre tem seu nascimento envolto de um ar de mistério, dotado de devoção ao sacerdócio segundo o qual Dona Quinô havia dado à luz a uma menina e na

mesma noite um anjo do Senhor a trocou pelo Padre Cícero, fato que nos mostra o poeta Abraão Batista. *O Nascimento do Padre Cícero* (1ª edição, 1978).

[...]

Eu peço a Jesus Cristo
A sua licença
Para escrever esta história
Com força, luz e presença
Pois acontecimento desse
Comprovação se dispensa.

É nesse século presente
Em Juazeiro do Norte
Surgiu um caso estranho
Desafiando até a morte
Eu não estava presente
Mas, me contaram com sorte.

[...]

O Pai Eterno para ver
Se dá o home a salvação
Escolhe as criaturas
Numa transfiguração
Dando luz a quem não tem
Distribuindo sua benção

[...]

A meia noite do dia
23 daquele ano
Nas últimas horas da noite
Nesse mundo tão profano
No meio de um clarão
Apareceu um arcano

Do céu descia uma luz
Com enorme claridade
E desse feixe de luz
Vinha uma claridade
Que trazia um menino
Com muita sobriedade

Do telhado para o chão
Riscava a luz suprema
Envolvendo um arcano
Com dourado diadema
E uma criança no braço
A causa do nosso tema

Sem dizer uma palavra
O anjo se aproximou
Da rede que agasalhava
A filha de dona Quinou
E dona Quinou olhava
O que ela não esperou

O anjo chegou na rede
E com uma só mão
Trocou a filha menina
Por Pe. Cícero Romão

E com ela no braço
 Ele se levantou do chão
 [...]

A invocação do poeta ao iniciara o cordel nos coloca em contato com um nascimento sagrado, milagroso, a troca das crianças propõe uma origem misteriosa ao pequeno Cícero Romão que fora predestinado aos meandros de fé. A licença pedida pelo poeta, ao iniciar o cordel revela o respeito a Jesus Cristo, aquele que permitirá o evento religioso do nascimento e, que não necessita de fatos comprovativos, como observamos. “*Eu peço a Jesus Cristo / A sua licença / Para escrever esta história / Com força, luz e presença/Pois acontecimento desse / Comprovação se dispensa*”.

Diferente de Maria, na passagem bíblica que relata o nascimento de Cristo, dona Quinou apenas presencia a chegada e a troca das crianças, sendo também *cheia de graça, bendita*. E prossegue o poeta nos situando claramente dentro de uma temporalidade simples aos “comuns de nascimento”, mas fenomenológica aos “eleitos” em um mundo profano, marcado pela descrença. “*A meia noite do dia / 23 daquele ano / Nas últimas horas da noite / Nesse mundo tão profano / No meio de um clarão / Apareceu um arcano / Sem dizer uma palavra / O anjo se aproximou / Da rede que agasalhava / A filha de dona Quinou / E dona Quinou olhava / O que ela não esperou / O anjo chegou na rede / E com uma só mão / Trocou a filha menina / Por Pe. Cícero Romão / E com ela no braço / Ele se levantou do chão*”.

Já o poeta sergipano, José Ivo de Souza reacende o mistério do nascimento do Padre Cícero quando no cordel *Nascimento, vida e morte de Padre Cícero Romão de Juazeiro do Norte* (2011) defende data diferente das informadas por outros cordelistas.

Vinde Deus em meu auxílio
 Enchei-me de inspiração
 Para contar a história
 Entre rima e oração
 Relatando um tema forte
 Nascimento, vida e morte,
 Do Padre Cícero Romão.

Em mil oitocentos e
 Quarenta e quatro se deu
 Há vinte e quatro de março
 Um grande evento ocorreu
 Pois veio ao mundo um menino
 Um famoso nordestino
 Lá no Crato nasceu.

O fato de o poeta iniciar o cordel evocando a Deus para deixar-lhe vir a inspiração nos revela a importância do momento e caráter religioso do nascimento, especial por ser o

pequeno Cícero um escolhido de Deus para assegurar seu rebanho da conquista da salvação. A diferença nas datas torna ainda mais especial e misterioso o advento do nascimento.

O mito de seu nascimento o faz pertencer à linhagem dos patriarcas e profetas: Isaac, Moisés, Samuel, João Batista e mesmo Jesus Cristo. Afirma que, contra toda aparência, esse menino tinha outra filiação. Veio ao mundo em nome do Todo Outro e não pela vontade de um casal. Na linguagem mítica e poética, seu nascimento devia necessariamente ser diferente do nosso.

Desta forma, depois do Padre Cícero ter sido considerado como um *escolhido*, sua vinda liga-se a crença na vinda de um libertador ou salvador, um messias que colocará fim à ordem presente, considerada má, e instaurará uma nova ordem baseada na justiça e na felicidade.

Percebemos que tanto o poeta João Mendes de Oliveira quanto Abraão Batista reafirmam em seus versos a benção divina e o futuro do *santo Padre*, ofertados no nascimento. Esse caráter religioso embutido nos versos só reforça a ligação do *hominem ad sanctitatis*, numa crença de que a promessa de libertar o mundo seria concretizada pelo nascimento ora testemunhado pela *Vox homini* do poeta.

As histórias da infância e juventude do Padre Cícero são também maravilhosas. Ele tem de se assimilar à raça dos Santos cujas peripécias são narradas no 2º Noturno do Breviário Romano. Tema de inúmeros folhetos de cordel, espalhados pelas feiras do sertão foram sendo construídas assim, por meio de relatos posteriores que buscavam abonar o mito e adivinhar indícios de uma hipotética predestinação. Em um velho folheto de José Bernardo da Silva, *A vida e os antigos sermões do padre Cícero Romão Batista*, citado em Machado (1982), o garoto é idealizado em um desses instantes de devoção prematura:

Nascido para a igreja
Criado para a doutrina
Mandado ao mundo por Deus
Cumprir a ordem divina
Ensinou aos irmãos
Tudo que a igreja ensina

Desde pequeno ele tinha
Aquelas inspirações
Desejava mesmo ter
A vida de privações
Em criança seus brinquedos
Eram missas e orações

Ele tinha cinco anos
era bem pequenininho,
à noite a mãe procurou,
não o achou no bercinho,
achou-o nos pés duma imagem

dormindo ajoelhadinho.

[...]

A tradição popular conserva na memória fatos que ilustram o poder excepcional do pequeno Cícero e a devoção defendida na apresentação do folheto coloca o leitor diretamente em contato com um preceito religioso que ainda impera para muitos dos devotos do Padre, o de que ele realmente, em tenra idade, já era um escolhido e, por isso, demonstrava qualidades diferentes das dos demais garotos de sua idade. Décadas mais tarde, em Juazeiro do Norte, os fiéis do Padrinho ainda acreditam nos mistérios que envolvem sua infância e sua natural devoção ao sacerdócio, como nos informa a poetisa Maria Matilde no cordel *A História de Padre Cícero* (2ª edição, 2006).

Começou a estudar
Com seis anos de idade
Um fato importante marcou
Sua infância e na verdade
Aos doze anos ele fez
O voto de castidade

É notório que há um desnivelamento fundamental na relação pretendida pelos poetas ao comunicar os fatos mencionados ainda na infância do Padre Cícero aos seus ouvintes, uma vez que o poeta enquanto locutor imprime em seus versos o plano espiritual assegurando ao seu ouvinte, que mesmo no plano temporal, é atingido pelo objeto construído ou mitificado pelos versos, como prova das qualidades santas do padre.

Cícero Romão Batista fez os primeiros estudos no Crato, em escola do padre João Marrocos, até aos 16 anos. Em 1862, quando tinha 18 anos e estudava no Colégio Padre Rolim, em Cajazeiras, Paraíba, foi surpreendido pela morte do pai, vítima do cólera. Duas amarguras cobriram o espírito do jovem estudante: o luto pelo pai e a impossibilidade de continuar os estudos. Sendo ele o único filho homem do casal, era preciso renunciar ao ideal do sacerdócio, como prossegue a poetisa.

Com a morte do pai
Pequeno comerciante
Trouxe sérios apereios
Financeiro e constante
Para a pequena família
Pra ele tão importante

Certa noite, em casa
Padre Cícero estava
Deitado em sua rede
Bem triste analizava:
Sem ter dinheiro, nem dote
Não ia ser sacerdote
Por isso ele chorava

De condição humilde, estava ali impedido de prosseguir seus estudos não fosse o apoio do coronel Antonio Luis Alves Pequeno, e do jornalista João Brígido, do Crato. Foi levado para o Seminário da Prainha, em Fortaleza, onde completou sua formação de 1865 a 1870, sendo ordenado sacerdote em 1870 por dom Luis Antonio dos Santos, primeiro bispo do Ceará.

Em dezoito cinquenta e cinco 1855
 Quando Cícero precisou
 Ingressar no seminário
 Em Fortaleza chegou
 Só fez graças a ajuda
 Que seu padrinho mandou.

No dia trinta de novembro
 Após sua ordenação
 Em dezoito e setenta
 Ouve comemoração
 Dessa data ainda lembro
 Pois foi de grande emoção.

Para muitos de seus seguidores o menino pobre e humilde não seria desamparado e ou impossibilitado de sua missão, embora tivesse que passar por muitas aprovações, aproximando-o de Jesus Cristo e das tormentas pelas quais passou o *Messias*.

Segundo Feitosa (1991) desde a escola primária, o pequeno Cícero já manifestava vocação para a vida religiosa, sendo sempre visto em ladainhas e novenas realizadas em casas de famílias, no mês de maio quando a Virgem Maria é venerada entre flores e cânticos, dando continuidade á tradição religiosa de muitas localidades do Nordeste brasileiro.

A imaginação coletiva, disseminada de boca em boca e de geração em geração, encarregou-se de atribuir uma origem sagrada, não carnal, ao protetor dos romeiros. Com pequenas variações — às vezes é a própria Virgem, e não um anjo de luz, quem traz nos braços o Cristo menino de volta a Terra — a crença na linhagem divina de Cícero foi igualmente reforçada por uma das mais autênticas expressões da tradição nordestina: os folhetos de cordel.

Para os devotos mais enlevados, não há como pôr em dúvida aquilo que dizia o poeta João Mendes de Oliveira, contemporâneo de Cícero e autointitulado “historiador brasileiro e negociante”, um dos primeiros a enaltecer o sacerdote em rimas e versos:

[...]

Perante a lei da verdade
 não vou dizer nada à toa
 Padrinho Cícero é uma pessoa
 da Santíssima Trindade.

[...]

A afirmação exposta nos versos do poeta expressa não só proximidade de Padre Cícero com a Santíssima Trindade, como também nos revela o caráter místico testemunhado pelo porta-voz do povo em uma espécie de juramento perante a verdade/lei divina, quando afirma que o Padre é uma das pessoas da Santa Trindade, evocada entre os fies num espaço marcado pela fé e pela adoração, como em Juazeiro, a *capital do sertão*, idealizada e construída através de revelações de seu patriarca.

É bem verdade que o argumento de que o poeta popular, ao apropriar-se das virtudes do Padre Cícero, consegue transformá-lo em herói legendário, como o vate nordestino o introduziu no caráter místico e mitológico, a exemplo do cordel *A surra que o Padre Cícero deu no Diabo*. (1922, apud MACHADO, 1982, p.87) de Antonio Caetano Dias.

... Meu Padrinho foi falando
Com o seu cajado na mão
Quero que vocês me mostrem
Esse cara valentão
Porque a hora é esta
Ele disse que detesta
O Padre Cícero Romão

O Satanás não sabia
Que era o Padre daqui
Quando viu meu Padrinho
Começou logo a latir
Deu-lhe uma tremura forte
Nas terras do Cariri

Meu Padrinho disse: Não quero
Raça que pertenço a Luço
Vem procurar mas não acha
A nenhum eu dou recurso
Tenho pra ele um cordão
Dado pela minha mão
Corre nem que a pulso

Foi logo amarrando o bicho
Com a ordem divina
O diabo disse: Esta não!
Veja que não sou menino
O Padre levantou a mão
Deu uma surra no cão
Monstro, perverso e ladino

O cão preso disse
Quem quiser ganhar dinheiro
Tenho um conto e oitocentos
Dou a qualquer companheiro
Que me fizer o favor
De me tirar do vapor
Do Padre do Juazeiro

A heroificação do Padre Cícero, realizada pelo vate vem a torná-lo ícone na defesa do Juazeiro e de seu povo. Mesmo atentando pelo vil metal, os presentes, diante do que fora dito pelo santo Padre, o “inimigo” não encontra auxílio, pois o povo sabia da força, do poder e da severidade do Patriarca do Juazeiro no tratamento dos desobedientes.

Essa retidão cotidiana, praticada pelo Padre pode ser percebida na grande produção de matérias escritas, indispensável à formação do homem e para a concretude do feito gerador da Meca nordestina, a qual nos leva à observação das qualidades mostradas na orientação teológica e filosófica na qual se pautou o Padre Cícero em sua ação pastoral, destacando a repercussão das missões do Padre Ibiapina, seu inspirador em grande parte, na vida que guarda proximidade e nos trabalhos pastorais como também nos garante o poeta Aldo Viana, nas estrofes do cordel *Padre Ibiapina: O Apóstolo do Nordeste* (2010).

Desse modo, por primeiro,
Peço a Deus inspiração
Para falar com acerto,
Destreza e disposição
Sobre um homem que lutou
Contra qualquer opressão...

A velha morte acertou
Um golpe desnecessário
Carregando a sua mãe
Segurada no rosário
Mas Ibiapina viu em Deus
Lenitivo necessário.

Iniciou sua missão
Por todo o interior
Do Nordeste brasileiro
Entre o povo sofredor
Ia levando a Boa Nova
Sendo sempre bom pastor.

Ibiapina ao andar
Por vilarejo, cidade
Construindo cemitérios
E muito mais, na verdade,
Como cacimbas, açudes...
E Casas de Caridade.

Em Missão Velha e Barbalha
Viram de perto a ação
Do apóstolo Ibiapina
E sua forte pregação
Denunciando a maldade
Que traz morte e perdição

O jovem Cícero Romão
Foi influenciado...
A partir daquele dia
Continuou sem enfado
Socorrendo sem demora
O povo necessitado.

O poeta compactua com a ideia de ambos os padres como santos, enviados de Deus, santidades essas patrocinadoras do progresso, somente alicerçado com trabalho oração responsáveis por uma nova história no sertão. Recuperamos aqui, patente a visão positivista de progresso, discurso predominante no século XX, a partir da do filósofo August Comte, para quem, a sociedade é um corpo, semelhante a um corpo humano e cada membro tem suas funções. O cumprimento dessas funções é o que gera a harmonia e o progresso. No caso do Padre Ibiapina e de Padre Cícero em sua missão a referência demonstrada é de progresso – conseguido pelo *ora et labora* (oração e trabalho).

A influência direta do padre Ibiapina no trabalho sacerdotal do Padre Cícero é, para muita gente, o reflexo de profecia que dentro da oralidade, segundo os mais velhos habitantes do Juazeiro, um *anjo* viria para orientar o novo *messias* de suas responsabilidades com o povo de Deus.

Os anjos, segundo a Bíblia, são seres celestiais que exercem a função de mensageiros de Deus, os quais estão presentes em várias passagens, como Gabriel, que apareceu a José e disse-lhe que aceitasse Maria como esposa. Na mentalidade de muitas pessoas que vêm em Ibiapina esse mensageiro, orientador na missão de fé do padre santo e grande inspirador nas ordens do Padre Cícero, ele também é um anjo.

Nos versos do poeta tornam-se claros importantes elementos culturais que contribuíram para imprimir e consolidar a dimensão da fé no espaço social do Padre Cícero, dentre os quais, destacamos: a atuação do Padre Ibiapina consolidada sob os preceitos da teologia mística, difundindo valores cristãos em suas peregrinações pelo sertão nordestino.

Segundo Della Cava, Padre Ibiapina promoveu importantes transformações nas estruturas religiosas do Cariri (1860/1870). Segundo o autor, o trabalho do missionário Ibiapina mobilizou diferentes segmentos da sociedade em práticas religiosas e econômicas. Em destaque, a construção de açudes, estradas e um conjunto de intervenções no espaço, em consonância com a prosperidade registrada na expansão da exportação do algodão no período compreendido entre 1865-1872.

Outro aspecto importante em relação à consolidação da fé no espaço focado se refere à concepção mística presente na cultura do Cariri. Segundo o autor, a presença de práticas paralitúrgicas e credices populares predominavam e acentuavam o contraste com o catolicismo ortodoxo (romanizado), nas diferentes classes sociais. O referido aspecto contribuiu, segundo Della Cava, para caracterizar uma maneira de agir mística para a obtenção de melhoria material.

A atuação do Padre Ibiapina abrange elementos de fé e trabalho, o imaginário dos fiéis é habitado pela prosperidade, almejando êxito espiritual e material simultaneamente. Foi assim que o Padre Cícero recebeu a "herança sociológica" das missões do Padre Ibiapina e moldou a ação sobre o espaço também em observância às referidas práticas religiosas e civilizacionais.

No espaço social focado há uma simultaneidade entre trabalho e fé, que constitui a base da concepção de desenvolvimento difundida pelo Padre Cícero desde os primórdios da ocupação da vila santuário até a construção e expansão da cidade do Juazeiro.

Padre Cícero recebeu, também, influência da ação religiosa do Padre Ibiapina no Cariri. Acerca do presente aspecto, Luitgard destaca ser o apostolado de ambos, um preenchimento no vazio institucional, característica marcante nas camadas de baixa renda da população, ou nas camadas populares. A efervescência da fé convida o devoto a redimensionar o cotidiano e a construir uma vida melhor, inclusive sobre o aspecto material e econômico.

Segundo a autora, a ação evangelizadora do apostolado do sertão, constituída por Ibiapina e, posteriormente, pelo Padre Cícero, era, ao mesmo tempo, civilizadora em um movimento de valorização da cultura sertaneja. Padre Ibiapina já difundia a concepção de desenvolvimento pautada no trabalho e fé, posteriormente apropriada e aperfeiçoada pelo Padre Cícero.

Em 1872, Padre Cícero, recém ordenado assumiu atividades religiosas na vila rural, então vinculada ao município do Crato, onde construiu e consolidou gradativamente as bases da coesão social, através de práticas devocionais.

Segundo Luitgard, O Padre Cícero, ordenado no Seminário de Fortaleza, assim como outros padres sertanejos, teve acesso em sua formação a conteúdos inovadores, conhecendo, assim, a potencialidade revolucionária da utopia cristã. A religiosidade, prática pertencente às camadas inferiores da hierarquia social, difundia condutas cada vez mais distanciadas das sofisticções da cúpula da igreja. No presente espaço social, os padres adeptos da utopia cristã promoveram a "romanização às avessas". Para Luitgard, a formação da religiosidade popular no Nordeste está expressa na síntese a seguir:

Todos os anseios e a formação religiosa das camadas populares se concretizaram nos beatos e seus seguidores, constituindo, assim, o catolicismo popular do Nordeste, inovador, humanizado, criador de cidades santas, mantenedor de Juazeiro do Padre Cícero.

Segundo Della Cava, quando o Padre Cícero se instalou em Joazeiro, o referido povoado era formado por uma capela, uma escola trinta e dois prédios com tetos de palha e duas ruas. Joazeiro conservava os padrões de um espaço eminentemente rural, conforme assinala o autor a seguir: *em 1875, o arraial ainda observava os traços essenciais de uma fazenda de cana-de-açúcar; sua população era em torno de dois mil habitantes*. A ida de Padre Cícero para Juazeiro era o prenúncio do que mais tarde seria o escasso conglomerado do futuro Juazeiro que vivia na marginalidade, comprovado na estrofe do poeta *Uma Cidade Abençoada* de João do Cristo Rei, em Machado (1982, p. 125):

Povo do lugarejo
Era perverso e bandido
Criminoso e desordeiro
Malcriado e atrevido
Desses que vivem no mundo
Completamente perdido

A afirmação do poeta constitui um retrato vivo e perfeito do subdesenvolvimento. O homem sofrido, castigado pela miséria buscava, na criminalidade, um refúgio ao seu desespero.

A mãe de Deus vendo isso
Teve tanta compaixão
Que antes de começar
A obra da salvação
Foi criar um sacerdote
De sua predileção

... Nossa Senhora disse:
Cícero, fique em seu lugar
Propagando o meu rosário
A todos que lhe mandar
Pois não vai para o inferno
Quem meu o rosário rezar.

Nos versos, o discurso do vate nos prepara para o que seria a chegada do patriarca que transformaria o destino de Juazeiro. Percebemos que a tal preparação é seguida de um chamado da Mãe de Deus que vendo a perdição do mundo, especificamente, de Juazeiro, decide acabar com os pecados do lugar, mandando para lá seu escolhido.

O mesmo fato pode ser descrito no folheto *Quando Padre Cícero chegou a Juazeiro do Norte*, de Abraão Batista (2ª Edição, 1994):

Com o tempo, o Juazeiro
O centro da perdição
Jogo, morte, encrencas
Todo tipo de confusão
Lá as mulheres da vida
Tinha liberdade e ação

Em mil e oitocentos
 Do ano setenta e um
 No Natal do dito ano,
 Igual a êle, nenhum
 Padre Cícero no povoado
 Fez o primeiro jejum.
 [...]

A “perdição” colocada pelo texto, pelas figuras que a representam, está diretamente ligada à noção de “pecado”, como desobediência do homem aos desígnios de Deus, ou seja, um código moral oposto ao determinado por Deus. Portanto, figuras como “mulheres da vida” – as prostitutas simbolizam a perdição, por irem de encontro ao ideário do sagrado, da família, concretizados no sacramento do casamento. É uma conduta que se opõe ao mandamento “não pecar contra a castidade”, dos cristãos, ou não cometer o adultério, dos judeus; “morte” e “encrencas” contrapõem-se ao mandamento de “não matarás”.

Entretanto, a paz reinaria no lugarejo pela prática dos Mandamentos, do trabalho e da oração, uma vez que o Padre Cícero é o *ethos* de Deus que detém a competência, que realiza a transformação dos estados: da indesejada perdição em salvação. A construção da competência aparece, no plano temporal com a reza de uma missa, anunciativa das qualidades virtuosas do ungido Padre:

No Natal daquele ano
 Padre Cícero rezou
 A santa missa cantada
 Que a todos admirou
 Por seu jeito humilde
 Logo, todos conquistou.

“Quem roubou não roube mais
 Não mate quem já matou
 Quero ver todos unidos
 Como Jesus Cristo mandou
 Nossa arma é o perdão
 Sede puro de coração”
 Foi o jeito que começou

Todavia, essa capacidade temporal de conquistar a todos era parte de uma competência maior, pertencente ao plano espiritual. A competência para operar a transformação da *perdição* em *salvação* do povo do lugar era oriunda de um sujeito-manipulador de ordem superior – o próprio Jesus Cristo, o qual, pelo dogma da Trindade é Deus, em sua face humana, o que pode se comunicar com o homem, o verbo encarnado.

A figura de Padre Cícero é sistematicamente revestida como elemento autorizado por Deus, por meio de Seu filho Jesus, que pessoalmente apareceu-lhe em sonho e o designou a missão e, se ele tem capacidade de ouvir Jesus Cristo pessoalmente, isso já lhe garante maior credibilidade diante do povo.

Numa das vezes, cansado
 Padre Cícero adormeceu
 E, Jesus Cristo, em sonho
 Visível lhe apareceu
 Cujo detalhe do sonho
 Este poeta já escreveu

A vida do Padre Cícero
 Voltou-se pra salvação
 Nas suas falas se ouvia
 A força da afirmação
 Os Mandamentos e Deus
 Trabalho e oração.

A ideia de salvação é contrária à de perdição. Aquela é o fim almejado por toda religião, a negação da vida “mundana”, a remissão do pecado, da morte espiritual, e esta é a vida, a ressurreição da carne, a vida eterna. E por ser o padre, porta-voz da Deus e cuidar do povo é a sua missão, ele é tematizado por “bondade, amizade, sabedoria, ensinamento, paciência”, valores atribuídos pelo homem a Deus.

É assim que ocorre a construção semântica do *ethos* de divino do Padre Cícero: pela incorporação do Cristo, o qual, segundo o Novo Testamento, orientava, cuidava e até curava os pobres, doentes e necessitados.

Segundo Luitgard, em 1875, Juazeiro apresentava um importante dinamismo econômico e uma rápida ocupação do espaço. Segundo a autora, Padre Cícero se identificava com a ideologia das camadas dominadas da população, moldando sua ação social, enquanto porta-voz, protetor, defensor e representante de seus “amiguinhos”, termo usado pelo padre para se dirigir aos seus seguidores.

O lugarejo composto por 30 casas transformou-se num povoado com centenas de casas; a capela tornou-se pequena mediante a crescente legião de fiéis que buscavam orientação, benção e aconselhamento do padre. Inicia-se, então, a construção de uma igreja mais ampla, com a participação dos devotos do Padre Cícero, sob a forma de mutirão, recebendo em contrapartida apenas o alimento fornecido por indivíduos “ricos” do lugar.

Daí pra frente começa
 A sua grande missão
 O trabalho apostólico
 Do Padre Cícero Romão
 Que transformou o lugar
 Na capital do sertão

Segundo Guimarães, a ação do Padre Cícero sobre Juazeiro assume também proporções econômicas, conforme destacado a seguir:

As ruas se encompridavam e a vila crescia. O padre distribuía entre os pobres tudo o que recebia e ia pessoalmente batina rasgada, em longos jejuns diários, orientar os trabalhos, incentivar os matutos a se estabelecerem em Juazeiro e se fixarem como

agricultores, numa crença cada vez mais forte de que Nossa Senhora das Dores encaminhava para ali os abandonados da sorte.

A presente formulação sintetiza, a nosso ver, a concepção de desenvolvimento do Padre Cícero pautada no trabalho e fé, a qual se expressa na cidade do Juazeiro no espaço vivido e no espaço construído. O padre orientava os devotos e seguidores ao trabalho, através da fé e para a fé, edificando lugares de oração, transfiguração e resistências, impulsionados por sonhos reveladores que o patriarca havia tido ainda quando convidado a estabelecesse em Juazeiro.

A representação da cidade de Juazeiro se estabelece como uma criação/invenção do padre Cícero, sujeito dotado de competência – *o saber fazer, o quer e fazer, o poder fazer*, o que opera a transformação do lugar, baseada na memória do dizer universal. No caso de Juazeiro, como grande centro de convergência populacional, uma imensa leva de pessoas se aglutina em torno do desejo de uma vida melhor, no qual um elemento unificava e sedimentava esses desejos: a religião, elo de ligação entre o homem e o paraíso prometido.

No entanto, a forte seca do ano de 1877 retiraria o brilho e a beleza proveniente da fartura e o sertanejo ameaçado em sua subsistência, depositaria aos pés do Padre Cícero a sua única esperança de vida. Esse flagelo, segundo o vate teria sido profetizado pelo Padre que recebera do próprio Cristo instruções de como cuidar de seu povo, como nos escreve Abraão Batista no cordel *Os 4 sonhos reveladores do Padre Cícero* (2ª edição, 2010).

Novamente, Jesus Cristo
Ao Padre Cícero falou
_ quanto a ti toma conta
Destes e lhe mostrou
Sertanejos mal vestidos
Mal calçados e feridos
Por pouco não se assombrou.

Naquele mesmo momento
Padre Cícero acreditou
Que tinha sido escolhido
Como no seu sonho, sonho;
Do mesmo dia em diante
Seu trabalho triunfante
Em toda terra espalhou.

A seca imprimiu no Padre Cícero uma intensa marca em seu imaginário, repercutindo e moldando sua ação social, política e econômica sobre a construção da cidade do Juazeiro. Padre Cícero, diante do flagelo da seca, empreendeu atividades agrícolas em grande escala, promovendo a fixação do homem no solo, para o cultivo e a colheita de produtos resistentes ao clima quente, a exemplo da mandioca, raiz da qual se produz a farinha. A magnitude da produção de mandioca gerou excedente para exportar para estados vizinhos,

vindo o Cariri se tornar um centro produtor de farinha, revertendo o problema da fome no Juazeiro.

Mediante os desafios da seca, Padre Cícero incentivava os devotos ao trabalho de cultivar os campos, para evitar os “horrores da fome”, e à fé, dirigindo promessas ao santo para pedir chuva. Após a seca de 1877, no Juazeiro e Cariri, o Padre Cícero se preocupava cada vez mais com a agricultura, solicitando junto aos governantes, ações voltadas para tentar reverter o problema das estiagens prolongadas. Neste sentido, o Padre incentivou a criação de açudes, reservatórios de água, reflorestamento e abastecimento alimentar.

Segundo Figueiredo, as comunidades de pequenos agricultores da Chapada do Araripe, compostas por agricultores-romeiros construíram um ‘mundus camponês’. Este ‘mundus camponês’, enquanto espaço social, pautado em uma nova esperança de vida, gerada pelo Padre, através do trabalho, encontra-se permeado por relações de confiança, honra, hierarquia e parentesco.

Segundo Luitgard, em 1880, o inverno no sertão reascendeu as esperanças de vida dos sobreviventes aos anos anteriores de seca e desolação. No novo cenário, Padre Cícero expandiu a ocupação de terras na Chapada do Araripe, empregando grande contingente de mão-de-obra, incentivando novos cultivos agrícolas. A referida ação econômica do Padre repercutiu na expansão do Juazeiro, impulsionando o crescimento e a prosperidade do lugar.

A conjuntura política dos fatos de Juazeiro coincide simultaneamente com o período de intenso problema social e econômico: a seca; e com a transição da República Velha para a República Nova, a qual redefine as relações entre igreja e estado. Foi um período de indefinição no espaço local e nacional, conjuntamente, vindo a promover pressões no imaginário coletivo em busca de respostas e definições.

No presente espaço, os devotos do Padre Cícero passam a lhe atribuir milagres, devido à sua ação ao mesmo tempo religiosa, social, política e econômica. A ação do Padre Cícero sobre o Juazeiro experimentou apogeu no período de transição do século XIX para o século XX, no qual o “espírito da época” encontrava-se permeado pelo ideário de progresso, modernização e civilização.

Simultaneamente, foi a fase de transição do Império para a República, promovendo redefinição entre a igreja e o Estado, no cerne das atribuições do poder estatal, civil e eclesiástico. As indefinições inerentes à transição, acentuadas por incertezas e necessidade de redefinição e novas mediações políticas e sociais contribuíram para consolidar a liderança do Padre Cícero.

Em *Os 4 sonhos reveladores do Padre Cícero* (2ª edição. 2010. p.6) os versos do vate, o *pai dos humildes* tem revelado o fim do reinado de Dom Pedro por consequência direta de uma sorte de práticas apoiadas pela Coroa, fato que também mudaria a história política de Juazeiro. As revelações passaram a ser constantes e isso só aumentou a fama do Sacerdote.

Em seu sonho assistiu
As cenas de deposição
Do imperador Pedro II
Por severa revolução
Ser deposto da coroa
E ficava ele atoa
No meio da multidão

No seu sonho ele ouviu
Um republicano gritar:
_ o melhor que nós fazemos
_ É este homem fuzilar!
Padre Cícero respondeu:
_ o que foi que aconteceu
Para deste jeito tratar?

Naquilo, Padre Cícero
Para Dom Pedro virou
E disse: meu amiguinho
Por vezes não se lembrou?
Estas são as consequências,
Doutrinas, irreverências
Que a coroa depositou

Tornando-se conselheiro de uma crescente legião de fiéis, ameaçados pela seca no sertão nordestino e por limitações materiais dela decorrentes, o Padre Cícero incentivava a orar e trabalhar orientado por seus sonhos de que em um futuro próximo veria sua gente sem fome. Ao promover a valorização ética do trabalho, o Padre Cícero contribuiu para romper com as representações ‘escravocratas’, nas quais o trabalho estava associado à “dor”, ao “castigo” e, portanto, à humilhação e à desvalorização do homem.

Inserido em um Nordeste predominantemente rural, no qual se encontravam presentes formas de relação de produção não tipicamente capitalistas, como a utilização da mão-de-obra escrava, o Padre inseriu naquele espaço social um novo discurso, a partir do qual emergiam novas práticas de trabalho, vinculadas à construção de um mundo melhor, mais igualitário e mais livre.

3.2. Do Santo ao Mito.

Em um imaginário no qual o trabalho estava associado ao castigo, enunciar o trabalho associado à obra de Deus para os homens promovia uma ruptura significativa nas representações de trabalho escravocrata, dependente, arcaico e servil. Ao vislumbrar trabalho e fé, ao instaurar o trabalho enquanto forma de orar e ao promover a oração enquanto um trabalho e sacrifício destinado ao divino em gratidão às dádivas materiais, o Padre Cícero contribuiu para consolidar um ideário político, social, filosófico e econômico sobre o Juazeiro.

As ações do Padre Cícero foram capazes de aglomerar multidões de fiéis, que ainda hoje o colocam em primeiro lugar dentro de um tesouro mítico, de um povo que busca a si mesmo dentro da religião, de simpatizantes e críticos ferrenhos que o consideram um embuste, um manipulador.

Segundo Medeiros (1989) de repente, o nome de Padre Cícero passou a se espalhar pelo mundo e, especificamente no sertão nordestino, passou a ser idolatrado por multidões e, rapidamente, o *homem* simples ganhou o status de *santo*, de enviado por Deus com as respostas às doenças e problemas dos seus protegidos, os desvalidos, os filhos da miséria, de um *locus* adverso e desumano para aqueles que dependem do sertão.

O Nordeste, como um ambiente envolto de mistério explica a aparição de tantos milagreiros e profetas, pelo que tem de mais peculiar: a seca. Neste contexto de devastação e profundo desalento a comprovação da existência de Deus por meio dos milagres atribuídos ao Santo do Nordeste, tanto reforçaria o papel da igreja e mostraria para as tendências desvirtuantes onde caminhava a verdade e a salvação como asseguraria Padre Cícero na categoria dos mitos nordestinos.

Os poetas populares cantam também esses fatos milagrosos salmodiando as maravilhas descritas nesses atos, às dezenas: curas, castigos, profecias, a esfera do maravilhoso ou do fantástico. Guimarães em Padre Cícero e a nação romeira (2011, p.58) citando o poeta João do Cristo Rei, nos dá um exemplo dessas qualidades fora do comum, no cordel *Os Milagres do Padrinho Cícero*.

Com a permissão divina
E o dom da devoção
Vou descrever os milagres
Do Padrinho Cícero Romão
Para aumentar nossa fé
Amor e satisfação

Um rapaz foi uma noite
A meu Padrinho dizer
Se tiver em sua casa

Peço que o Senhor me dê
 Uma arma boa e forte
 Para onça não me comer

Ele pegou o Rosário
 E lhe disse: amigo, tome
 Reze este que no mundo
 Desastre não lhe consome
 Nem cangaceiro lhe ofende
 Nem bicho feroz lhe come

Quando ele seguiu viagem
 Que chegou no tabuleiro
 Encontrou outro rapaz
 Seguindo o mesmo roteiro
 Então trocou seu Rosário
 Na faca do companheiro.

Adiante numa travessa
 A onça deu na batida
 Dos dois rapazes romeiros
 E botou neles em seguida
 O do rosário escapou
 O da faca perdeu a vida.

O poeta pede autorização para comunicar o ocorrido por medo de ser punido caso venha a adiantar o enredo sem a devida permissão divina. Assim, a sensibilidade na previsão do fato funesto ganhou espaço entre o povo que passou a credibilizar ainda mais os conselhos de Padre Cícero, ao ponto que revela a força e o poder da oração do Rosário da Mãe de Deus, tão enaltecido pelo sacerdote em suas pregações. O poeta José Severino da Silva escreve em: *O valor da oração e o mistério do Rosário* (s/d) que aqueles que estão em perdição no mundo seriam castigado e, portanto, deveriam rezar para evitar a condenação.

Quem não reza se condena
 Quem reza só faz o bem
 Rosário de Padrinho Cícero
 E é da Virgem também
 Rosário amigo fiel
 O rosário espanta luzbel
 Da nova Jerusalém

Nossa Senhora convida
 E já é chegada a data
 O carro é feito de nuvens
 Desce numa hora exata
 No céu se ver um luzeiro
 Jesus vem a Juazeiro
 No mundo ninguém empata

Todos vem ver Padrinho Cícero
 Todo cercado de luz
 O santo da humildade
 Soube carregar a cruz
 É o santo mais querido
 Também o mais parecido
 Com o redentor Jesus

O rosário que a Virgem deu
 A são Domingos de Gusmão
 Lá naquela região
 A heresia acabou-se
 Rosário doutrina doce
 Do Padre Cícero Romão.

O poeta nos apresenta uma visão religiosa voltada para a oração, para os conselhos da Imaculada mãe de Deus. *Quem não reza se condena / Quem reza só faz o bem / Rosário de Padrinho Cícero / E é da Virgem também / Rosário amigo fiel / O rosário espanta luzbel / Da nova Jerusalém.*

O Rosário da Mãe de Deus também é o rosário do Padrinho Cícero, capaz de salvar, de tirar da mundanidade os pecadores. Um rosário dotado de poder e força celestial, habilitado a afastar de Juazeiro o “inimigo” e suas tentações. Acompanhado da Mãe de Deus, sua protetora, Padre Cícero enche os olhos dos seus fiéis e encarna o próprio Cristo, redentor da humanidade. *Todos vem ver Padrinho Cícero / Todo cercado de luz / O santo da humildade / Soube carregar a cruz / É o santo mais querido / Também o mais parecido / Com o redentor Jesus.*

Para o homem religioso, o tempo e o espaço não constituem dimensões homogêneas ou contínuas, isto é, apresentam roturas, quebras. O imaginário, onde se constroem as divindades que corporificam ideias, valores e qualidades significativas para a coletividade, rompe com as fronteiras de tempo e espaço.

Neste campo movediço, no qual o imaginário coletivo se determina a vagar, alguns fatos/milagres permearam a vida do Santo Padre, tornando-o um modelo religioso reconhecido pela “*vox populi*”, como um santo que, revestido do poderes sobrenaturais concedidos pela fé foi profetizou e realizou milagres, glorificando o nome de Deus e de Nossa Senhora das Dores.

Um dos primeiros “supostos milagres” do Padre Cícero e o mito a ele atribuído surgiram em uma vigília de oração com muitos romeiros para reverter os impactos da seca que assolava o sertão em 1889, quando na ocasião, próximo do final do ano, o padre rezou à Mãe de Deus pedindo alento e chuva para o povo. Dias depois, a chuva molhava o chão, reacendendo no povo a esperança e confiança nas orações e palavras do Padre Cícero, como escreve Manoel D’Almeida Filho no cordel *Padre Cícero, o Santo do Juazeiro* (s/d).

Sempre todo fim de ano,
 Já nos dias derradeiros,
 Iam visitar o Padre
 As centenas de romeiros,
 Para ouvirem as profecias
 E os conselhos verdadeiros.

Falando do ano novo,
Perguntavam se chovia,
O Padre no seu sermão
A todos satisfazia
E tudo que ele afirmava
Sem, sempre acontecia.

Assim era o Padre Cícero:
Curava endemoniados,
Vários tipos de moléstia
Mudos, cegos, aleijados –
Bastava só terem fé,
Voltavam recuperados.

Fica extremamente clara a ligação do povo ao ideal de salvação, de perdão por meio dos conselhos e das profecias do Padre. Como diz Paul Zumthor (1993, p.139).

“A voz poética é, ao mesmo tempo, profecia e memória”. Manoel D’Almeida Filho assume, então, como poeta popular, a função de anunciador de um pensamento coletivo, desejado. A voz poética está em toda parte, conhecida de cada um, integrada nos discursos comuns, e é para eles referência permanente e segura, pois sem a qual o grupo social não poderia sobreviver.

Enquanto o tempo passava
Corria no mundo inteiro
A fama do Padre Cícero,
Como santo e milagreiro,
Os romeiros o chamavam:
- O Santo do Juazeiro

Assim, ladeado da fama e de todas as dificuldades, o culto ao Padre Cícero surge intrinsecamente relacionado às limitações materiais e imateriais presentes no espaço no qual o mesmo atuava: o sertão nordestino. O cenário transforma-se, o povo busca na fé a compreensão para o presenciado e, em uma única voz espalha-se pelo nordeste as profecias e cura operadas pelo Santo Cícero, enviado de Deus, Jesus reencarnado, o Messias do povo do sertão, revelado tão bem pelo poeta Abraão Batista, nesse nível de compreensão, quando explora no cordel *As Profecias do Padre Cícero* (4ª edição, 1979) o desejo e a fé do homem do sertão quando escuta as profecias do Santo do Juazeiro.

Sempre existiram bons homens
Profetas e os maus, também
O mundo foi e está cheio
De diabos, justos que tem
Em toda nação uma Meca
Em qualquer Cidade, um Jeca
Quando um morre, o outro vem.

A terra está cheia, eu creio
 De gente sem compreensão
 Não entende os acontecidos
 Como Padre Cícero Romão
 E ficam dizendo asneiras
 Terminam dando carreira
 Morrendo na confusão.

Juazeiro, “meu amiguinho”
 Em tempos que já virão
 Será a única cidade
 Cheia de paz – sem confusão
 E nos quatro cantos do mundo
 E no maior buraco profundo
 Sossego não terá mais não.

A voz poética nos prepara para a qualidade do Padre em suas profecias e nos direciona a uma reflexão sobre todos os acontecimentos que transformariam Juazeiro em uma potência econômica no sertão, minimizando a fome e as dificuldades dos habitantes, o que foi em parte possível graças ao trabalho missionário de Ibiapina e Cícero.

O mito Padre Cícero guarda relação com a ação econômica por ele empreendida na cidade do Joazeiro, onde a materialidade do espaço econômico guarda vinculação direta com a imaterialidade da fé. A notícia sobre o milagre da beata do Juazeiro, em cuja comunhão teria recebido o sangue do Nosso Senhor Jesus Cristo, fato eucarístico também denominado transubstanciação se espalha por diferentes paragens do sertão nordestino, conferindo ao Padre grande fama e credibilidade no trabalho missionário, pela fé com a qual defendia a ideia de progresso, decorrente de sua santidade.

Maria de Araújo
 Foi um dia comungar
 Sentiu a Hóstia na boca
 Em sangue se transformar
 E os médicos foram logo
 A beata examinar.

O Padre Cícero Romão
 Santo Padre virtuoso
 Na Matriz da Mãe das Dôres
 Num dia glorioso
 Viu-se as toalhas banhadas
 Com sangue precioso

Este sangue precioso
 Que na Hóstia apresentava
 Por ilhares de pessoas
 A notícia se espalhava
 De canto a cantão do mundo
 Só era em que se falava

(Antônio Batista Romão apud Machado)

A figura de Padre Cícero sempre aparece cercada de autoridade, virtude e santidade, como revela o poeta diante da hóstia transfigurada em sangue sagrado. O povo

ouvia sobre os fatos acontecidos e direcionava ao Padre suas esperanças por um mundo mais justo, sem crimes, fome, seca, pois acreditavam que ali, no meio do sertão, Deus havia mandado seu filho, no corpo do Santo Padre para tira da perdição os incrédulos e arrebatá-los os fies, numa verdadeira utopia santa em busca da salvação na terra.

Com a realização do milagre, o padre insere-se num tempo e num espaço que pertence a Deus. Tudo acontece como se não houvesse um espaço físico fechado que pudesse contê-lo. Como diz Martine Kunz (2001, p.25): “Ele não envelhece, ele não muda. Ele não está, ele é. Ele existe fora do tempo. Nos versos do poeta, ele nasce e morre por encantamento. A carne é sublimada, o corpo é raptado.”

Após uma série desses eventos, uma legião de fiéis passou a se deslocar para Juazeiro no intuito de conhecer o padre, santo milagreiro, formando-se um importante movimento popular religioso sob a forma de romaria ao Juazeiro. Rui Facó (1980) se refere ao apostolado do Padre Cícero nos seguintes termos:

Seu apostolado inicia-se de maneira diversa aos demais sacerdotes católicos: não cobra dinheiro pelos serviços religiosos. É o ponto de partida de sua popularidade, ao lado, é claro de certas manifestações místicas, das curas operadas, dos conselhos acertados...

O culto ao Padre Cícero se difundiu pelo interior do Nordeste, atraindo devotos que vinham visitá-lo a pé, percorrendo longas distâncias. Convém ressaltar as condições técnicas do espaço-temporal no qual viveu o Padre Cícero. Trata-se do sertão no século XIX, quando o principal meio de transporte era o cavalo, símbolo de status e poder. Os devotos do Padre Cícero em sua grande maioria proveniente do meio rural e detentores de baixo poder aquisitivo andavam a pé.

No imaginário do catolicismo popular, a utopia é direcionada para a construção de um mundo melhor pelos homens, não se esperando as “obras infalíveis” de Deus, mas construindo eles próprios, indivíduos, a sua própria história, e, no caso de Juazeiro, a sua cidade santa, seu espaço sagrado. A relação espaço-temporal conjuga-se no presente imediato, quase uma interjeição!

No referido espaço social, a fé aplicada e o trabalho representam a arte do fazer, voltada para transfigurar o cotidiano, através das táticas do homem comum, presentes nas formulações de Michel de Certeau. De homem comum a herói do cotidiano, a mito, pois a construção de um mundo melhor em um espaço marcado por intensas limitações materiais e imateriais representa grandes desafios, tanto no plano individual quanto no coletivo. A arte do

fazer dos romeiros do Padre Cícero está inscrita na utopia cristã: construir um mundo melhor, no qual o Padre Cícero representa uma nova esperança de vida.

Sobre a santidade e o mito do Padre Cícero, eleito santo pelos devotos, Luitgard afirma: “O Padre Cícero tinha plena convicção de ser um enviado dos céus. Ele também imprimira o símbolo da santidade e do espaço sagrado no imaginário dos fiéis”. A autora cita trechos de um sermão proferido pelo Padre, os quais transcreveram a seguir:

Vocês que vêm de terras distantes ... sofrendo privações, a fome, a sede, o sol e as intempéries dos longos caminhos, tudo por amor a vizitar^X Nossa Senhora das Dores e o Padre Velho do Joaseiro, fiquem certos de que a Mãe de Deus recompensará a todos. E quanto a mim, não acreditem no que propalam, dizendo que vou deixar esse lugar. Não acreditem porque Joaseiro é uma cidade da Mãe de Deus, e ela foi quem me colocou aqui. Só deixarei (Joaseiro) quando completar a salvação de vocês todos
Luitgarde Barros (2000).

O suposto milagre e as curas apontadas ao poder do *Messias do Sertão* imprimiram no espaço de Juazeiro uma dimensão mística e originaram uma sucessão de fatos extraordinários, redimensionando o cotidiano do lugar. Aleijados, cegos, enfermos, loucos, todos os públicos partiam para a capital da fé em busca de solução para suas dores como percebemos quando Hamurábi Batista, no cordel *Padre Cícero e a cura de um louco – 1926* editado em 1990. O poeta o descreve como profeta de um imaginário coletivo povoado de crenças no fim do mundo, visto ser o final dos tempos uma crença do catolicismo sertanejo, plantado pela tradição cristã missionária.

Parece que as doenças
São reparos das ações
Do homem que é perverso,
Da injustiça, aos montões
Como dizia na Galiléia
Jesus Cristo à platéia
Durante os sermões

Quando ainda, eu garoto
Conheci certo senhor
De profissão, macineiro
Também, músico de valor
Chamado Josué Holanda
No bombardino da banda
Tocava com todo ardor

Josué se transformou
Em louco muito agressivo
Gritava, rasgava a roupa
Brigava sem ter motivo;
Numa corrente o amarraram,
Pra Juazeiro transportaram
Aquele louco impossível.

[...]

Muito comum entre muita gente que ia a Juazeiro era a cura para enfermidades do físico e da alma na crença de que os sermões do Padre Cícero poderiam operar verdadeiros milagres nos necessitados. Como prova do poder do Santo Padre, o vate s e reporta aos sermões de Jesus e ao transporte do louco para Juazeiro, que figura como único lugar capaz de promover a cura do doente.

Em frente ao Padre Cícero
Os homens fortes chegaram
Conduzindo o pobre louco
Que na corrente amarraram,
Sangrando dentes e mãos
Nem pareciam cristãos
Os que ali confirmaram.

_ Meu Padrim, aqui um homem
Bote nele sua bênção
Ele é louco, endiabrado
Tem mais força que o cão,
Nos sabemos que o senhor
Tem poder e tem valor
Pra dá a nós a solução.

Aos olhos humanos, o poeta coloca Padre Cícero numa situação de desconforto e de total impotência, um louco com força sobre-humana, prestes a feri-lo, quando solto, inconsciente pela doença. Entretanto, a invocação dos homens que conduziam o louco nos dão a certeza do poder do Padre e de seu valor para operar ali mesmo a transformação do debilitado, pois como protegido pelo poder de Deus, nada se atreveria a desafiá-lo ou mal algum ali se fixaria.

Padre Cícero com a mão
Na cabeça de Josué
Ordenou-lhe: ore comigo
Por Jesus de Nazaré;
E ao dois numa só voz,
O Pai Nosso como nós
Foi dito com muita fé.

Em seguida, Padre Cícero
A Josué fez repetir
Por três vezes seguidas
O que o povo pode ouvir
Cinco palavras consagradas
Que os romeiros nas estradas
Dizem antes de ir.

Ó Maria Concebida...
(disse muito pausado)
...que nasceste inocente
Livre deste pecado,
Rogai por nós, ó Maria
Livrai-nos noite e dia
Com Teu manto imaculado.

Dali pra frente Josué

Nunca mais enlouqueceu
 Ao contrário, transformou-se
 E na cidade conheceu
 A profissão de sua vida
 Também casou em seguida
 Anos após o que se deu.

Autorizado por uma força celestial e envolto do poder de Cristo, Padre Cícero ordena ao louco que se cumpra sua palavra. Assim feito, pede que reze a Jesus, filho de Deus, dando início ao Pai Nosso, revelador, segundo a Bíblia, da luz divina. Habilitado à cura, o Padre o faz repetir palavras sagradas como forma de assegurar que a oração realizada livrasse o doente de sua enfermidade.

Representante exemplar dos seres que gozam de prestígio junto a Deus, o Padre invoca e louva à Maria como Mãe protetora, confiante de seu auxílio na cura, fato que só reacende a fé do sertanejo na Mãe de Deus que, não desampara os seus diante dos perigos e das necessidades encontradas.

Essa representatividade divina e a interlocutoriedade entre Deus e os homens, além de consagrar o Padre como fiel depositário do poder Deus, fato que o fez ser reconhecido e ganhar respeito de muitas autoridades e líderes, como também espalhou pelas estradas que levavam à Terra da Mãe de Deus/Juazeiro Santa, uma fama de *protetor de almas*, *fechador de corpo*, como nos revela Hamurábi Batista, no cordel: *A Oração de Fechamento de Corpo que Padre Cícero deu a Lampião* (5ª edição, 2012).

Padre Ciço era padrim
 De Virgulino, o capitão
 Dela queria um bem
 Pois defendia o sertão,
 E o sertanejo dizia:
 “Padre Ciço é nosso guia
 E depois só Lampião!”

Se padre Ciço pedisse,
 Lampião logo atendia.
 Se um pobre precisasse,
 Virgulino socorria.
 Daquilo que assaltava
 Gastava quanto juntava
 E o resto distribuía

Padrim Ciço vendo aquilo
 Deu a ele uma oração
 Pra fechamento de corpo
 Pela própria devoção.
 E o povo dizia isso:
 “Depois de Padrinho Ciço,
 Na terra só Lampião!”

As estrofes apresentadas exemplificam o poder e o cuidado dirigidos ao protegido como forma de fecha-lhe o corpo que, segundo a Bíblia é matéria perecível. Entretanto, como é tão comum nas veredas nordestinas, o detento da “oração” tem maior cuidado para não atrair o olhar do inimigo, ficando assim de fora de sua temida ação, sendo, portanto, inatingível: *Padrim Ciço vendo aquilo / Deu a ele uma oração / Pra fechamento de corpo / Pela própria devoção. / E o povo dizia isso: / “Depois de Padrinho Ciço, / Na terra só Lampião!”*

Sempre envolto de um pano de mistério, Padre Cícero desperta tanto a admiração como também a desconfiança e o ódio de muitos. A própria igreja manifestou-se contra os fatos ocorridos, o que lhe rendeu a perseguição dentro da própria Cúria, por condenar os milagres em Juazeiro e o suposto milagreiro, acusando-o de mistificador, de acordo com os versos a abaixo.

Existe grande ciúmes
Da parte dos capelões
Notam má do Santo Padre
Dizendo: Nós somos bons
Dentro da hipocrisia
Mostrando suas ações.

(José Bernardo da Silva apud Machado)

Entretanto, não há algo mais insensato e feroz para a vida do que o tempo. De sua ação ninguém pode fugir. Mesmo homem, santo ou mito não consegue dele se desvencilhar, sua ação é atroz, certa, fugaz e consigo traz o fim, do qual não se pode escapar. Foi assim, com o Santo Pastor que, depois de muitos anos, realizando sua missão na terra, solidificada na fé e no rosário da Mãe das Dores como instrumento de libertação e de salvação despediu-se de seu povo como mito do sertão.

O céu escolheu o dia, manhã precisamente, para ele então levar, mesmo no leito de morte, em palavras perceptíveis, o *Santo Padre* disse: “À Nossa Senhora por vocês eu vou rogar”. A mão caiu pesadamente; ele abriu a boca e entregou sua grande alma ao criador. Morreu com a preocupação que sempre o dominara em vida, isto é, com a ideia de abençoar e salvar os homens.

Se tanto não conseguiu, é de crer-se que salvou a muitos e foi antídoto de muitas dores que suavizou francamente ou extinguiu em incontáveis pessoas. Essa ação é certa e não se adia. Tudo tem seu tempo, hora marcada, pois todo homem tem seu dia. Se um anjo o trouxe com mistério, o Criador o levou, deixando a idolatria. Se os maus de Juazeiro buscaram arrependimento, envolto na divindade, o Santo Padre da Cidade, conseguiu o que ali queria.

Aos 20 de julho de 1934, toda a Juazeiro e seus visitantes cobriam-se de choro e lamentações. Infelizmente, o Patriarca da moral e dos bons costumes havia sido chamado para o lado do Pai Criador. Lá do céu, coberto pelo manto de Nossa Senhora das Dores, diante do clamor do povo, do seu povo, ele rogava por todos cumprindo sua promessa de no céu interceder pelo povo sofrido, pelos excluídos.

O poeta Manoel Rodrigues Tenório versejou em *a Morte de Meu Padrinho Cícero* (1934) os momentos contados da funesta ocasião.

Leitores peço licença
A todos que estão presentes
Para relatar um caso
Que comoveu muita gente
Quem estava presente viu
Porém quem não assistiu
Deseja ficar ciente

Lamento quase chorando
Queira prestar-me atenção
Nas linhas deste caderno
Faço uma narração
Desta cena tão chorosa
Da morte tão piedosa
Do Padre Cícero Romão

Representa a mesma coisa
Para quem faz impressão
Meu Padrinho na Quinta-Feira
Sentiu grande comoção
Por um guia espiritual
Veio o padre Juvenal
Ouviu-lhe a confissão

Para se ter uma ideia de como o Padre Cícero era muito admirado o poeta transcreveu seu emocionante relato do fato evocando os leitores e pedindo autorização e os advertindo sobre a presença como também da ausência, importantes para a compreensão de sua dor. Mesmo no leiro derradeiro, o Padrinho abençoado teve uma visão, um mensageiro de Deus que vinha-lhe ao encontro, para ouvir a confissão. Do A dor do povo transborda no lamento do próprio poeta que, não contendo sua emoção, faz a confissão de seu estado ao leitor, pedindo-lhe somente atenção: *Lamento quase chorando /Queira prestar-me atenção*.

As 6 e meia meu padrinho
No seu leito expirou
Cobriu-se o mundo de trevas
Triste notícia vagou
Aonde a notícia se dava
O povo todo pasmava
Todo coração chorou

O astro ficou mudado
A terra se aluiu
O nevoeiro parou

O vento se compungiu
 As águas se demoveram
 As aves entristeceram
 De luto o ar se cobriu

A cidade inteira se cobria de luto ao ouvir as notícias sobre a partida do seu *santo protetor*. Quem agora intercederia por eles juntos aos santos do céu? Onde buscar a solução para as doenças do corpo e da alma senão nas palavras e nos conselhos do Padim Ciço Romão? Como controlar o coração contrito da multidão que não entendia a separação?. Até a natureza se enlutesse diante da irreparável situação de todo o sofrimento causado. *O astro ficou mudado / A terra se aluiu / O nevoeiro parou / O vento se compungiu / As águas se demoveram / As aves entristeceram / De luto o ar se cobriu.*

A partida do criador de Juazeiro, sua pujança e prestígio no céu comoveram até mesmo a natureza que se vestiu de luto e transfigurou-se por meio de seus elementos, compartilhando com a dor dos milhares de fies que ali acampavam inconsolados.

Oh! Que momento fatal
 Oh! Que hora de aflição
 Principalmente os romeiros
 Não tinham consolação
 Oh! Que noite de terror
 Mãe de Deus ó que horror
 Oh! Que dor no coração

Durante a tarde e noite
 O povo se dirigia
 Com ramos e objetos
 Que ali ainda benzia
 Cordão, rosário e medida
 Era a última despedida
 Que o romeiro fazia

O povo buscava no choro infinito aplacar tamanha dor, rezando, cantando o *bendito*, dando adeus ao Grande Pastor. O povo em uma só voz clamava, por bênção, perdão, salvação. Rezando o Rosário sagrado, segundo o Santo mandou!

Adeus meu Padrinho Cícero
 Dai-nos a santa bênção
 Perdoai nossos pecados
 Dai-nos a absolvição
 Dai-nos força, amor a calma
 Proteção a nossa alma
 No reino da salvação

Adeus meu Padrinho Cícero
 Adeus querido pastor
 Adeus Juazeiro de graça
 Que nos dê força e valor
 Adeus varão predileto
 Vinde, vinde ao deserto
 Sede nosso defensor

Os fiéis em desconsolo quebram o silêncio com pranto espantoso e pedem a interseção no céu do *Santo milagroso*, como se observa no cordel do poeta José Mendes de Oliveira, intitulado *Bendito do Padre Cícero*, reportado em Machado (1982, p.173).

Meu Padrinho Cícero Romão
Seja nosso advogado
Lá no Reino da Glória
Nós seremos perdoados

Nos abençoe Meu Padrinho
Lá em seu trono sagrado
No reino do Paraíso
Nós seremos abençoados

Se lembre sempre de nós
Esteja de nós lembrados
Na hora de nossa morte
Esteja sempre ao nosso lado

O desejo de ser lembrado pelo Padre é constante e coordena ação dos romeiros que insistem por sua proteção, comprovando sua santidade, atestada pela comoção da multidão, no enterro presente.

Se ser *santo* é ter milagres
Com toda a comprovação
Eis as testemunhas vivas
Do Padre Cícero Romão
Basta as pessoas de preto
Que na sua missa estão

A semântica presente em *milagres, pessoas de preto, missa*, constrói uma imagem do Padre Cícero como santo, voltado à devoção, numa performance que se repete e se perpetua no tempo, de um enunciador que eleva sua prece na defesa de um povo inteiro, de uma nação romeira, que acredita no dia da volta consagrada de seu Guardador, como escreve Oliveira de Panelas, no cordel *A Volta do Padre Cícero* (Hedra, 2000, p.85).

Sua figura tem trono
No Cariri, no sertão
Onde quer que Deus exista
Toda e qualquer região
Há um milagre contado
E o nome lembrado
Do Padre Cícero Romão

Vem o terceiro milênio
Iluminando a ciência
Padrinho está de volta
Qual um raio em refulgência
Ao lado do Cristo Rei
Mostrando a nova lei
Da era da consciência

Segundo o poeta, os milagres dão a certeza da lembrança do Padrinho em qualquer parte do mundo o que, também garante seu *trono, o locus divinus* no Cariri. Sua volta

está sendo preparada como triunfante, visto que se dará ao lado do Filho de Deus, nosso salvador, conforme profetizado.

De acordo com Laplantine e Trindade (1997, p. 37), o *Messias* profetizou o futuro que seria, segundo o mito, o renascer de um passado primordial. Ele afirma que o milagre é a prova de que isso efetivamente ocorrerá. A lógica profética segue o tempo da espera e os indícios de um universo social em decadência, no qual os valores e normas sociais perderam seu sentido existencial para aqueles que seguem o princípio da esperança, de um mundo que virá a ser, como tempo primitivo da virtude e da bonança. O profeta regula a história ao anunciar seu fim.

Nessa ótica, não há um tempo finito para o homem santificado, para o santo canonizado, para o mito que tem exercido influência, mesmo após sua morte, nas mais longínquas fronteiras dos patamares da vida social. Chega mesmo a mudar os rumos de setores dentro da Igreja, tidos como radicais e que, hoje adotam algumas experiências e conselhos do Patriarca do Juazeiro do Norte.

A pesar de enfatizarem as ações do Padre Cícero no plano físico, os poetas populares não deixaram de associá-las com seus poderes sobrenaturais. O Padre assume-se como um herói que proclama a existência de valores superiores à existência mesma do indivíduo.

Desta forma, é o Padre Cícero, o herói que proclamou a existência de valores éticos e morais religiosos, superiores ao indivíduo, assumindo a responsabilidade da sua comunidade como líder e guru espiritual, assegurando, assim, os valores de “ordem” de “progresso” e de “obediência” a Deus, utilizando para tanto, não a violência, nem a força bruta, mas a “diplomacia”, o poder da palavra, da retidão, numa dimensão que é caracterizada pela fé dos seus devotos, beatos e romeiros.

Assim fala a memória mítica de um povo pelos lábios dos poetas do Nordeste. Padre Cícero é um “mito”. Não atribuímos a essa palavra o sentido pejorativo que teve durante muito tempo. O mito é uma explicação do real. Sem dúvida, essa explicação não é teológica nem científica, mas é indiscutivelmente uma obra de pura imaginação.

O mito constitui a forma primeira de elaboração do dado da experiência. A pessoa de Padre Cícero marcou tão profundamente o homem nordestino que a experiência por ele feita devia exprimir-se também em termos míticos. O mito do Padre Cícero desperta, pois a confiança, a segurança. Para o homem popular a extraordinária ascendência desse homem sobre as massas não se explica evidentemente em termos de leis canônicas, sociológicas, psicológicas ou históricas.

O extraordinário Padre Cícero encontra seu relevo num fundo de explicações míticas, construído a partir das relações construídas em seu *locus*, pela ação devota dos romeiros, da voz popular que o canoniza sentindo a necessidade da presença dele enquanto santo canonizado, mesmo que o ato fosse sem efeito, como apresentado no cordel do poeta Expedito Sebastião da Silva que, leva o título *A Opinião dos Romeiros sobre a Canonização do Pe. Cícero pela Igreja Católica* (Hedra, 2000. p.87):

No dia 8 de julho
Do ano 73
A Igreja brasileira
Decidiu por sua vez
Aqui na nossa nação
Do Padre Cícero Romão
Sua canonização fez

Romeiros da Mãe de Deus
Essa canonização
Que a Igreja brasileira
Fez, não tem efeito não
É uma trama ilusória
Que fere a santa memória
Do Padre Cícero Romão

O nome do Padre Cícero
Ninguém jamais manchará
Porque a fé dos romeiros
Viva permanecerá
Pois no coração dos seus
Foi ele um santo de Deus
É e para sempre será

E portanto o padre Cícero
Sempre foi santificado
Pelos seus fiéis romeiros
De quem é bastante amado
Finalmente é uma asneira
A Igreja brasileira
Fazê-lo canonizado.

Esperamos que o papa
Antes que nos venha a morte
Canonize o padre Cícero
E brade numa voz forte
“EU DECLARO FERVOROSO
SANTO CÍCERO VIRTUOSO
DE JUAZEIRO DO NORTE”.

Percebe-se claramente que o Padre Cícero mesmo antes de canonizado pela Igreja Católica já se encontra santificado pelo povo que o considera santo, numa prova antecipada de sua canonização pela voz popular, assegurada pela voz do poeta que, apresenta a exigência do povo: Esperamos que o papa / Antes que nos venha a morte / Canonize o padre Cícero / E brade numa voz forte / “EU DECLARO FERVOROSO / SANTO CÍCERO VIRTUOSO /

DE JUAZEIRO DO NORTE”, pois quem está no processo é o santo do Juazeiro do Norte, pastor do rebanho de Deus.

A defesa da canonização do Padre Cícero vai ser emblemática desse processo. Como o próprio poeta reconhece, a preocupação em obter uma “documentação” de santo é muito mais sua do que do *povo*, para quem a santificação do padrinho se estabelece à revelia do reconhecimento oficial:

Porém eu já escutei
homem, menino e mulher,
dizendo está bom assim,
é assim que o povo quer,
se ele for canonizado
é apenas festejado
como outro santo qualquer

Transformar a santificação popular do Padre Cícero em canonização torna-se uma estratégia poderosa na busca por reconhecimento e poder. Nesse sentido, a busca pela oficialização da santidade do padrinho significa a garantia de sucesso dentro da própria esfera institucional, uma vez que o povo já o tem como santo.

A História se desvanece. Após 1934, o Padre Cícero não é mais carne e osso e a morte do padrinho, com efeito, parece ativar uma série de mecanismos canônicos de representação que já vinham sendo gestados, a despeito do contexto histórico, ao longo das três primeiras décadas de produção, em resposta à necessidade de representação de um bom Padre Cícero; santo, profeta e milagreiro.

Se, já na produção inicial, os poetas logravam construir fórmulas e estratégias narrativas eficazes, sua tarefa torna-se muito menos árdua nos sessenta anos subseqüentes à morte do personagem histórico. Entre as décadas de 30 e 90, eles dão conta de *canonizar* o Padre Cícero, tornando-se *porta-vozes* de uma tradição que ajudam a alimentar e a consolidar, ao longo dos anos, através da ficção e da forma poética.

Com o passar do tempo, o personagem histórico deixa de existir enquanto notícia, contraponto ou presença. A representação do padre começa a se ver livre do peso de sua existência terrena e de seu poder temporal. Da década de quarenta em diante, o padrinho já pode flutuar entre anjos e serafins ou aparecer nas visões premonitórias de uma infinidade de fiéis, sem que a voz de um eventual *perseguidor* possa vir a macular, com algum tipo de lembrança, a imagem de santo que deve prevalecer.

Caso apareçam, na maioria dos casos devido à influência de biografias ou de estudos acadêmicos, com os quais alguns autores mantém diálogo, as referências a uma ou

outra das facetas polêmicas do padrinho logo recebem uma resposta, em forma de defesa elogiosa ou de anedota exemplar.

No geral, poetas e fiéis criam símbolos e construções verbais capazes de fazer lembrar apenas o que é vital à constituição e à manutenção da identidade e da memória coletivas. A regra, nos folhetos mais recentes, é falar bem do Padre Cícero, procurando conjurar as vozes dos que, solitários e estranhos à comunidade, ainda persistem em “falar mal” do santo:

Falar mal do padre Cícero
é fazer papel de louco,
é como um grão de areia,
cair na brecha de um touco
É querer esvaziar
a água que tem no mar
com uma “capemba” de coco

Falar mal do padre Cícero
é uma infelicidade;
é ferir do próprio povo
sua sensibilidade
É estragar o Nordeste
é ser alvo de teste
de pura imbecilidade

O incessante falar bem, capital para a conservação da identidade coletiva, ganha forma através de inúmeras narrativas exemplares do caráter de santo, profeta e milagreiro do Padre Cícero. Há relatos de aparições seguidas de profecias apocalípticas, contam-se casos de curas e de salvamentos, além de castigos dirigidos contra os que zombam da fé dos romeiros ou dos poderes do santo.

A própria trajetória de vida do padrinho é arranjada de maneira a transformá-lo no Messias. Seu nascimento misterioso é fruto de um concílio no céu entre a Virgem e seu filho Jesus. Maria, preocupada com os destinos da humanidade, que está mergulhada no pecado, suplica mais uma chance de salvação para os mortais.

Jesus concorda enviando para a Terra um novo Salvador, encarregado de alertar, através de conselhos e profecias, sobre o Fim dos Tempos e a necessidade de se preparar, através da obediência aos preceitos do catolicismo, para o Juízo Final. O menino Cícero, de origem divina e, portanto sem a mácula do pecado original, é trazido para o mundo pela própria Virgem, que o coloca no lugar do filho de Joaquim Romão Batista e de Joaquina Vicência Romana.

Durante sua vida exemplar, marcada por acontecimentos sobrenaturais, Cícero prega a bondade, a fraternidade, o amor ao próximo, a retidão moral; avisa aos mortais a

respeito das implicações nefastas que o fim da era reserva aos pecadores. Uma vez cumprida a sua missão, desencarna: sobe aos céus, ocupando o seu lugar ao lado do Criador.

Trata-se, portanto, de uma narrativa mítica, cheia de referências bíblicas, que não encontra lugar num único folheto, mas que se dissemina, através de um mosaico de pequenas seqüências narrativas, pelo conjunto de folhetos do cancionero do Padre Cícero. Tal como as peças de um quebra-cabeças, cada uma delas reúne os elementos de um quadro capaz de reafirmar, a despeito dos *perseguidores*, algumas das facetas que fazem do padrinho um santo, se não a própria encarnação do Salvador, no imaginário popular.

Em meio ao cancionero recente do Padre Cícero, salta aos olhos a presença de toda uma tradição premonitória apocalíptica, veiculada por um conjunto típico de narrativas, os chamados avisos ou profecias, que funcionam na consolidação da imagem de conselheiro e de profeta do Padre Cícero. É aqui, mais do que em qualquer outro gênero de poema do cancionero do padrinho, que se pode constatar a utilização recorrente de fórmulas de representação já consolidadas.

A partir da leitura de uns poucos folhetos, salta aos olhos a existência de um padrão de construção próprio dos *poemas de avisos*, que contêm representações de um Padre Cícero visionário, detentor do acesso direto aos desígnios divinos no que concerne ao futuro da humanidade.

Esse caráter de profeta ancora-se em narrativas de aparições *post-mortem* do padrinho. Preocupado com seus romeiros, ele desce à Terra e se comunica com alguns porta-vozes, como Frei Damião, senhoras religiosas, virgens e até mesmo poetas, conferindo-lhes a missão de propagar aos quatro ventos as suas previsões. Essas, invariavelmente, versam a respeito da proximidade do final da era e da necessidade de abandono de vícios e pecados, com vistas à salvação da alma, tendo Juazeiro como lugar para a realização e transformação desses fatos.

Portanto, seria errôneo concebermos que o Santo Padre seja um mito só para aqueles que lhe são devotos. O próprio Gilmar de Carvalho se refere à cidade do Padre Cícero enquanto cidade mítica, onde o romeiro exerce uma relação atemporal, através de construções simbólicas presentes nos objetos, sentimentos, práticas e rituais sagrados.

Uma cidade utópica, espaço para o sonho, com a redenção e o milagre a transfigurarem o cotidiano. Um Padre Cícero mito, por desafiar a passagem do tempo através da fé de uma nação de fiéis ou das romarias, importante rito de celebração e preservação da memória da cidade “*santa*”, capaz de canonizá-lo em um processo de devoção e crença religiosa cegas, míticas, sagradas.

3.3. De Virgulino Ferreira da Silva a Lampião.

Outro personagem emblemático do qual nos ocuparemos agora e, também de grande admiração por sua fama entre os nordestinos e poetas populares é Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião. Como nos coloca Maciel (1979, p.24): “Sou senhor absoluto / De todo esse sertão / Aqui quem quiser passar / Precisa apresentar / Licença de Lampião.

O mais conhecido cangaceiro brasileiro, cuja vida e morte já foram contadas em prosa, verso, filmes e seriados na televisão. Talvez a sua divulgação tenha sido maior na literatura de cordel, cuja atuação fica muito ao gosto do povo nordestino, que tem o salutar costume de contar suas aventuras, suas vitórias e seus fracassos em versos, idealizados no momento pelos poetas populares.

A exemplo de Padre Cícero, Lampião teve também seu nascimento envolvido num mistério. Segundo Lins, (1997), a história conta que Virgulino Ferreira da Silva, filho de José Ferreira da Silva e Maria Lopes, nasceu conforme Registro Civil, do Cartório de Taurapiranga, no dia 7 de julho de 1897, no sítio de Passagem das Pedras, Município de Vila Bela, hoje Serra Talhada, Pernambuco.

Consta, por outro lado, no livro de registro de nascimento, nº 2, folhas 8 e 8v, que o pequeno Virgulino foi registrado no dia 12 de agosto de 1900. Segundo, porém, a certidão de batismo e arquivos da paróquia de Floresta, “o rei dos cangaceiros” nasceu no dia 4 de junho de 1889.

Outro fato curioso sobre o nascimento de Virgulino é que alguns poetas populares também destoam da data, o que a nosso ver, contribui ainda mais para as discussões, como nos colocam os poetas Edson Neto, no cordel: *Lampião um fora da Lei* e Antonio Américo de Medeiros, com *Lampião sua História contada toda em Cordel*.

No decorrer destes versos
Rimando apresentarei
Quem no tempo do cangaço
Foi e continua rei
O famoso Lampião
Um homem fora da lei

Veio em mil e oitocentos
Noventa e oito nascer
No dia sete de julho
Quem então chegou a ser
Famoso rei do cangaço
Na leitura faço saber
(Edson Neto, *Lampião um fora da Lei*, 2008, p.1)

O poeta defende em suas estrofes o mês de julho como data certa do nascimento do pequeno Virgulino. Esse tipo de acontecimento, segundo Carvalho (1977, p. 57) era

comum em diversas comunidades do sertão, pois se dava o nascimento da criança e somente depois de muito tempo era registrado em cartório, às vezes pela distância ou porque não se tinha a prática do registro imediato, vindo a ocorrer esse tipo de confusão.

Antonio Américo de Medeiros, no seu cordel *Lampião sua História contada toda em Cordel* (2005, p.1):

Quem deseja conhecer
De Lampião a história:
Foi cangaceiro famoso,
No cangaço teve glória,
O título de Capitão
Ainda está na memora.

Pesquisei todos os livros
Da vida d Lampião.
Juntei o que achei certo
Para versar, com noção,
A vida do cangaceiro
Que foi terror no sertão.

A doze de fevereiro,
No sertão pernambucano,
Ano mil e novecentos,
Tudo certo sem engano,
Nasceu lá este menino
Dum casal bom e humano.

Na antiga Vila Bela,
Que hoje é Serra Talhada
Lá nasceu este menino,
Em uma hora agitada;
Com o nome de Virgulino
Foi criança batizada

Como percebemos, o poeta nos propõe outro marco para o nascimento de Lampião, baseado, segundo o próprio poeta em suas pesquisas: *Pesquisei todos os livros / Da vida de Lampião. / Juntei o que achei certo / Para versar, com noção.* A segurança sobre a data do nascimento, proposta pelas pesquisas nos garante a *noção* defendida como verdadeira, pois o vate buscou passara para o leitor o certo sobre o misterioso nascimento do *rei do cangaço*.

Mais adiante, ainda no mesmo cordel, aparece uma informação que também é muito curiosa. Como a família Ferreira era muito religiosa, decidiu dar no batismo ao pequeno Virgulino, como padrinho de vela, a figura de Padre Cícero Romão. A escolha da cidade *santa* e de seu fundador não nos vem como obra de um simples acaso, visto que Lampião tinha grande respeito e crenças nas orações do Padrinho.

O Padre Cícero Romão
Foi seu padrinho de vela,
Porque seu José Ferreira
Levou a criança bela,
Batizou em Juazeiro,

Data feliz foi aquela!

Para o poeta cearense Gonçalo Ferreira da Silva, em *Lampião, Capitão do Cangaço* (1993) Lampião teria nascido aos quatro dias de junho e ali mesmo teria sido batizado numa solenidade *bendita*, tendo como padrinhos Pedro Lopes e Maria Soledade, que desejaram ao afilhado fama, fortuna e felicidade.

Este poema que fala
De cangaço e de sertão
É, apenas, à cultura
Uma contribuição,
Um documentário vivo
Da vida de Lampião

O século passado estava
Dando sinais de cansaço,
José e Maria presos
Por matrimonial laço
Em breve seriam pais
Do grande rei do cangaço

No dia quatro de junho
De noventa e oito, a pino
Estava o Sol, e Maria
Dava à luz um menino
Que receberia o nome
De singular Virgulino.

Em Floresta do Navio
Nasceu e foi registrado,
No solo pernambucano
E ali foi batizado
Bem distante do Recife
A capital do Estado.

A história, por sua vez, localiza em seus escritos o cônego Joaquim Monteiro Torres como ordenador do batismo, acontecido no vale do Pajeú, na capela de São Francisco. Essa diferença de lugares e de ministro de batismo nos parece ser uma tentativa, por parte do poeta, em aproximar já no nascimento Lampião e Padre Cícero, o que sem dúvida, confere ainda mais mistério ao evento.

Ainda segundo Lins (1997) o próprio nome de Virgulino cercou-se de um silêncio misterioso. Durante o batismo, o sacerdote perguntou a família sobre como teria sido escolhido o nome do rebento e o ar de silêncio instalou-se no ambiente, pois fora informado de que o nome havia sido retirado do *Lunário Perpétuo* que, segundo Cascudo (2006) foi um dos livros mais lidos nos sertões do nordeste durante uns duzentos anos.

O compêndio, de acordo com Cascudo, ensinava, com a vastidão de um almanaque, desde prognósticos meteorológicos até remédios estupefacientes; informava ainda sobre horóscopos, países da Europa, mitologia, doutrina cristã, conselhos veterinários, nomes

de estrelas, biografia de papas, ladainhas fúnebres, rudimentos de física e química e dicas culinárias.

Virgulino foi o terceiro de uma família de nove filhos: cinco homens e quatro mulheres. Seus pais eram pequenos proprietários que vivam da agricultura e da criação de caprinos. Ele passou uma boa parte de sua infância sob a custódia de seus avós maternos, Manoel Pedro Lopes e dona Jocosa Vieira do quem tinha uma grande admiração e um respeito quase religioso.

Voltado para os preceitos religiosos, Virgulino comungou pela primeira vez aos oito anos de idade, em 1905, quando, juntamente com seus irmãos Antonio e Livino, fez a primeira comunhão.

Ensinado pela mãe,
Pra Padre Cícero rezava,
Chamando de meu padrinho,
O povo se admirava.
Fez primeira comunhão,
Tudo com fé praticava.
(Antônio Américo de Medeiros, 2005, p.4)

Em 1912, pelo sacramento da crisma, ele se tornou “soldado de Cristo”. Algumas profecias acompanharam Lampião desde seu nascimento, colocando-o como um *escolhido* ou *iluminado* como vemos nas palavras de Optato Gueiros ao reporta-se a Pedrão, ex-membro – “general” da comunidade de Canudos, em uma de suas profecias:

Citou umas profecias de Antônio Conselheiro, entre as quais uma que julgava ele referir-se a Lampião, a qual declarava que, dentro de 50 anos, haveria de surgir nos sertões do Estado do Nordeste, um homem que apesar de religioso, seria cangaceiro e daria o que fazer a muitos governos (Lins, 1997 apud Gueiros, 1956, p.181).

Virgulino, diferente das demais crianças da família, cedo já apresentava qualidades surpreendentes. Apaixonado pela leitura era talentoso, aprendendo logo a ler e a dominar as primeiras letras em um mundo cheio de fantasias.

Virgulino, como outras crianças sertanejas da época, alimentava-se, para organizar seu mundo secreto, da fantasia e dos gestos de bravura de cangaceiros, guerreiros da caatinga. Escutando desde a infância as histórias de cangaceiros – heróis que desafiavam a vida e riam da morte – e de “santos”, beatos, “fanáticos”, nômades de Deus ou missionários capuchinhos, que faziam medo aos pobres com suas ameaças de inferno para os “amancebados”, Virgulino vai construir sua trajetória com a mística dos “santos” e a valentia dos “bravos”! (Lins, 1997, p.9).

Desde cedo, Virgulino Ferreira revelou-se num jovem inteligente, ousado e competitivo, alcançando excelente performance em toda atividade ou arte que exerceu, tal como almocreve, arrieiro, vaqueiro, esbravejador, sanfoneiro, além de bom dançarino. Há um consenso de que o seu estreito vínculo com a violência e o banditismo emergiu a partir do renitente conflito com o vizinho Zé Saturnino, que provocou o êxodo da família Ferreira,

lado mais fraco, para Nazaré, comarca de Floresta – PE, e depois para Água Branca em Alagoas, como nos mostrado o poeta Moreira de Acopiara, no cordel *De Virgulino a Lampião* (2012).

A vida da gente é
 Uma ilha de mistério
 O homem pra ser feliz
 Estabelece critérios,
 Porém se não tiver sorte
 Arranja problemas sérios.

Quando não nos preparamos
 O fracasso nos consume
 Por mais que sejamos fortes
 Um dia a terra nos come...
 Lampião foi mias um desses,
 Como exemplo tome o nome.

Já no seu cotidiano
 Trabalhava todo dia.
 Além das lutas da roça
 Comprava gado e vendia.
 Mesmo com dificuldade
 Honestamente vivia

Até que um certo dia
 João Caboclo, um rapaz,
 Morador de Saturnino,
 Roubou alguns animais
 Que a família Ferreira
 Necessitava demais

Isso eliminou a paz
 Que aquela família tinha.
 José Ferreira temendo
 Que a piora ainda vinha
 Pediu que ele fosse embora
 Dali da terra vizinha

A reação mais mesquinha
 Que faz o clima esquentar
 Foi quando Zé Saturnino,
 No lugar de lhe expulsar,
 Acobertou seu erro
 E lhe permitiu ficar.

O caso ficou ruim,
 Um bom contato era raro.
 Um dia Livino foi
 Buscar seu rebanho caro,
 Quando se deu conta estava
 Sendo vítima de um disparo

Vendo a família agredida
 Quis vingança Virgulino;
 Uma ânsia de revolta
 Lhe encheu de ódio ferino,
 Ao ser vítima da audácia
 Do filho de Saturnino

Como eram comuns, as questões sobre a posse de terra e roubo de gado inflamavam a convivência entre as famílias no nordeste. O que se sabe é que Lampião e seus irmãos Antônio e Levino passam a ter uma vida dupla, ora como almocreves, ora como cangaceiros amadores. Reforçados pelo valente Antônio Matilde e outros elementos perigosos, partem para o revide com Zé Saturnino.

Numa região na qual a honra era lava à bala e as pendências se resolviam com morte, Virgulino logo pendeu para a vingança: *O caso ficou ruim, / Um bom contato era raro. / Um dia Livino foi / Buscar seu rebanho caro, / Quando se deu conta estava / Sendo vítima de um disparo / Vendo a família agredida / Quis vingança Virgulino; / Uma ânsia de revolta / Lhe encheu de ódio ferino, / Ao ser vítima da audácia / Do filho de Saturnino.*

As famílias nordestinas desenvolvem uma forte união em torno de seus membros que, segundo Ferreira (1999), essa ação é também um ato de sobrevivência de costumes. A defesa de um membro significa a defesa de um clã inteiro, de sua honra.

Virgulino decide empreender sua vingança pessoal contra o mandante da emboscada, comprovadamente, Zé Saturnino. Entre tocais contas a família de Saturnino e morte, cria-se então, o motivo real para a entrada de Virgulino no crime. Os “Ferreira” partem para as terras alagoanas, tentando evitar uma briga maior, o que se agrava ainda mais com a morte de dona Maria.

Nas terras alagoanas,
Foram pra nova morada
Lá, morreu dona Maria,
Por viver traumatizada.
Na cidade Mata Grande
A mesma foi sepultada.

Zé Saturnino sabendo,
Saiu pra denunciar
À policia alagoana
Pra prender ou matar,
Esta família bandida
Que fugiu do seu lugar.

Em represália, provavelmente em maio de 1921, o pacato patriarca José Ferreira, que se encontrava abrigado na Fazenda Engenho, município de Mata Grande-AL, em lugar dos filhos foragidos, é fuzilado injustamente pela tropa da polícia comandada pelo então 2º Tenente José Lucena. Lampião jura eterna vingança.

O alferes Zé Lucena
Lhe disse: __ Deixe comigo
Que eu vou e prendo tudo,
Ou mato se houver perigo.
Os presos mando pra lá,

Você que marque castigo.

Mas o alferes Lucena
Violência praticou.
Chegou, fez fogo na casa,
Seu Zé Ferreira matou.
Predeu João, de menor,
E o resto ameaçou

Disse: __ eu queria pegar
Era o tal de Virgulino,
O brabo Antonio Ferreira,
O perigoso Livino.
Eu trago a ficha de todos
Dada por Zé Saturnino.

Instaura-se uma névoa nebulosa no registro e sequência dos acontecimentos.

Virgulino, inconformado com o ocorrido, parte para Juazeiro do Norte na tentativa de deixar com o Padre Cícero suas irmãs e João, o mais novo.

Levou para Juazeiro
As irmãs e João Ferreira
Entregou ao Padre Cícero,
Voltou quase de carreira
E foi procurar o bando
Do Grande Sinhô Pereira

Em 1922, já no comando do grupo do famoso cangaceiro “Sinhô Pereira”, empreende assalto à casa da baronesa de Água Branca, sua primeira notória investida. Convocado para combater a Coluna Prestes, em 1926, visita Padre Cícero no Ceará, onde recebe a simbólica patente de Capitão.

Devidamente armado e municiado, ao invés da missão patriótica, retorna ao cangaço e no ano seguinte promove o malfadado ataque a Mossoró-RN. São renhidos combates com as volantes de sete estados. À proporção que os irmãos vão tombando, exacerba-lhe os pendores criminosos e a perversidade, transformando-o no bandido mais sanguinário e procurado do país.

A breve discussão acadêmica elaborada anteriormente, a respeito de Lampião a partir da literatura de cordel evidencia que em cada pesquisa efetuada, em cada biografia escrita e em cada entrevista concedida, aparece uma nova significação para a mesma personagem histórica. Essa multiplicidade interpretativa, seja como herói, seja como bandido se formou em torno da figura do cangaceiro um conjunto de atributos, tais como a valentia e a bravura, constituindo-se um verdadeiro mito tão celebrado pelos cantadores e poetas populares.

O historiador egípcio Eric Hobsbawm, em seu livro *Bandidos* (1976), afirma que o fenômeno do banditismo social encontra-se em vários países e regiões:

De outra parte, o banditismo social constitui fenômeno universal, que ocorre sempre que as sociedades se baseiam na agricultura (inclusive as economias pastoris) e mobiliza principalmente camponeses e trabalhadores sem terras, governados, oprimidos e explorados — por senhores, burgos, governos, advogados, ou até mesmo bancos. É encontrado em uma ou outra de suas três formas principais, cada uma das quais será discutida num capítulo distinto: o *ladrão nobre*, ou Robin Hood, o combatente primitivo pela resistência ou a unidade de guerrilheiros formada por aqueles que chamarei de *haiduks* e, possivelmente, também o *vingador* que semeia o terror (HOBSBAWM, 1976, p. 13).

Porém, não é somente nas suas características estruturais que o banditismo social é universal. Pericás apud Hobsbawm (1975, p.25) sustenta que o mito sobre a personagem vai se formando em decorrência da fama que envolve o nome dos mais bem sucedido dos capitães num claro processo de mitificação que abarca realidade e ficção.

No caso nordestino do Brasil estão presentes duas facetas tão curiosas quanto frequentes: o surgimento do mito de Lampião, ainda em vida, e a sua permanência e crescimento mesmo após sua morte. Não havendo novas façanhas a comentar, uma das formas de preservar o mito se dá quando são desprezados os temas deste mundo em benefício do sobrenatural, como no caso da literatura de cordel, que relata as aventuras de Lampião em vários terrenos, inclusive no céu e no inferno, assunto a ser tratado nas discussões posteriores.

O processo de mitificação de Lampião no Brasil foi reforçado pela aparição do cangaceiro e seus feitos com uma frequência quase diária nas primeiras páginas dos principais jornais do país, no grande volume de folhetos de cordel publicados pelos cordelistas e também pela imensa admiração que a camada menos esclarecida do povo lhe prestava. Confirma-se no relato do importante jornal — O País, publicado em 1908:

Essa gente vive rodeada do mesmo prestígio inconcebível e impressionador que os mais populares bandidos, quando à testa de grupos mais ou menos numerosos de malfeitores, fugitivos das prisões e desclassificados sem escrúpulos e dispostos para tudo, têm sempre gozado entre os moradores das terras afastadas dos centros de civilização, onde esses facínoras encontram seguro agasalho, uma proteção que vai à raia do heroísmo e uma cumplicidade moral que só por milagre escapa às malhas do código penal. [...] Os salteadores da Calábria e da Serra Morena, que hoje só pertencem ao domínio da lenda, como os heróis da célebre tragédia de Schiller; não poderiam ter durante séculos continuado as suas façanhas históricas sem essa atmosfera de apoio que os circundava (MELLO, 2005, p. 105).

Uma ocasião especial que garantiu a Lampião a condição de celebridade foi a princípio o convite feito por carta, para que o mesmo fizesse parte do Batalhão Patriótico, em Juazeiro e lutar contra o movimento tenentista, liderado por Carlos Prestes, escrita por João Firmino Cabral, poeta popular sergipano, em *Lampião, Herói ou Bandido?* (2010, p.11).

Certo dia o Padre Cícero
Mandou par ele um recado,

Que dizia: Virgulino,
 Meu digníssimo afilhado,
 Venha aqui porque estou
 De você necessitado.

Olhe que a Coluna Prestes
 Quer invadir Juazeiro,
 Saquear nossa cidade,
 Carregar nosso dinheiro,
 Queimar nosso mercado,
 Matar o povo romeiro.

Venha urgente com seus homens
 Para nos dar proteção.
 Espero como sem falta
 Meu amigo Lampião.
 Um abraço com a benção
 Do Padre Cícero Romão.

O Batalhão seria organizado pelo líder político, o deputado Floro Bartolomeu no Ceará, que sabendo da veneração que o bandoleiro nutria pelo Padre Cícero, teve cuidado de usar a influencia do mesmo para atingir seu objetivo. Para aceitar a participação recebera logo ali a patente de Capitão e exigiu que de duas outras patentes fosse feita a distribuição. Para seus homens de confiança, Sabino e seu irmão que, conferidas foram mesmo diante de muita pressão. João Firmino nos consente a visão de uma festança, da entrada de Lampião em Juazeiro, garantindo fama e bonança, ao rei dos cangaceiros, mensageira da esperança.

Foi recebido com festa,
 Com banda e foguetão,
 Num sobrado da cidade
 Ficou com seu batalhão,
 Enquanto o povo gritava
 Dando viva a Lampião.

No outro dia por ordem
 Do Padre Cícero Romão
 O senhor Pedro Albuquerque,
 Agrônomo de profissão,
 Deu ao jovem Virgulino
 O título de Capitão.

Seu mano Antônio Ferreira
 Foi promovido a tenente,
 O cabra Sabino Gomes,
 Por ser disposto e valente
 Foi promovido a sargento,
 Com isso ficou contente.

(Lampião, Herói ou Bandido? (2010, págs. 8 e 9)

A exigência de Lampião, atendida na ausência do deputado Floro Bartolomeu pelo funcionário federal Pedro de Albuquerque Uchoa, assegurou que o título o seguiria até a morte, por trata-se de uma nomeação verdadeira, como também versejou o cordelista Antônio Teodoro dos Santos no cordel *Lampião o Rei do Cangaço* (2010).

Viajou ao Ceará
 Foi até Juazeiro
 Onde estava o Padre Cícero,
 Pregando a todo romeiro
 E disse assim: __ Meu Padrinho,
 Vim pedir vosso carinho
 Pois tornei-me um bandoleiro!

Esse santo patriarca
 Por medo ou proteção,
 Mandou dar-lhe um documento
 Patente de Capitão.
 Ditou mais duas patentes,
 Nomeando dois tenentes:
 Sabino e seu irmão;

A partir desse evento, a fama de Lampião correu o país inteiro, tanto que na imprensa do Recife poucos lhe ameaçavam a primazia como ocupante dos espaços nobres nos jornais. Nessa época, muitos ataques de outros bandos eram atribuídos a ele, o que colaborou para a formação de uma imagem onipresente para o cangaceiro. Além disso, o fato de se utilizar da técnica da hibernação (desaparecimento completo por algum período) como uma estratégia, acabou criando a imagem de alguém que nunca morre.

O Jornal Pequeno noticiou, na edição de 13/02/1926, que Lampião tinha morrido em combate com as forças do tenente Gueiros, o que mostrou-se inverdade com o ataque de seu bando empreendido à fazenda Serra Vermelha no dia 23 do mesmo mês (MELLO, 2005, p. 194).

Lampião também pode ser visto como um indivíduo dotado de extrema habilidade quanto à diplomacia, adquirindo a simpatia dos sertanejos baianos e pernambucanos. Optatos Gueiros mostra a importância desse aspecto diplomático no imaginário do sertanejo nordestino:

Conquistou Virgulino quase todos os habitantes das caatingas, tratando-os com extrema bondade e esbanjando o dinheiro de que se apossara. Um ano inteiro, não se teve nenhuma notícia de qualquer depredação levada a efeito pelos cangaceiros naquele Estado (GUEIROS, 1953, p.102 APUD OLIVEIRA).

Para muitas comunidades do sertão nordestino, Lampião, além de protetor dos humildes, guardava consigo orações de fechamento de corpo que lhe garantiam sair ileso das querências ou dos encontros com as volantes, usando também de estratégia para aproximar-se das populações sertanejas, que lhe devolviam em fidelidade, o que poder ser visto *Lampião e seu Escudo Invisível*, do poeta Costa Senna (2009).

Quem se mantém vinte anos
 Rompendo fogo cruzado,
 Brigando com poderosos,
 De estado em estado,
 Tem um escudo invisível
 Que lhe matem intocado.

Durante todo esse tempo
 Por centenas procurado
 E no torrão brasileiro
 Por milhares, odiado,
 Tinha que ser diferente,
 Sem por ninguém ser notado.

Tantas balas disparadas
 Seguiam alvo errado,
 As vitórias alcançadas,
 Mesmo que quase arrasado,
 Tinha que ter um mistério
 Que o fazia blindado.

Em centenas de combates
 Em campo aberto, fechado,
 Encontrar saída
 Quando era emboscado,
 Só sobrevive quem tem
 Um escudo encantado.

As qualidades já discutidas em Lampião e sua profunda religiosidade o levaram a construir entre os sertanejas uma ideia de invencibilidade diante da morte, que segundo algumas histórias ouvidas durante nossa pesquisa, especificamente na cidade de Araripina (Chapada do Araripe) – Pernambuco, Lampião antes e durante o combate rezava à Nossa Senhora e ao Padrinho Cícero orações de proteção, solicitando um escudo invisível, capaz de livrá-lo das balas do inimigo e/ou da covardia.

Foi um guerreiro ecumênico,
 Talvez até sem saber,
 A importância para ele
 Era a de sobreviver
 E que as superstições
 Viesse lhe proteger.

E na hora do descanso
 Se pudesse descansar
 O bando tirava as armas
 E parava pra rezar
 Pedia a Nossa Senhora
 Força pra continuar

Pra se manter invisível
 Perante o olho da morte,
 Isso seria impossível
 Pra depender só da sorte,
 Por isso o rei do cangaço
 Usou também reza forte.

Os ritos religiosos
 Da época medieval
 Lampião acreditava
 Com fé descomunal,
 Que os defendiam de tiros
 Golpes de faca e punhal.

A lenda do cangaceiro que não morria, invisível às balas dos inimigos, fechado aos cercos das volantes tomava conta do imaginário dos sertanejos, assim como, sua valentia e brutalidade, protegidas pelos amuletos e orações.

Toda cabroeira ouviu
Da boca do Lampião.
Ele orando essa reza
Na mais tétrica ocasião.
Vou lhe mostrar um pouquinho
Por favor preste atenção:

Minha pedra cristalina
Que no mar foste achada,
O poder do cálix bento
E da hóstia consagrada,
Me livre ods inimigos,
Da faca, bala pancada.

Faça com ele veja
Que sou valente, sim,
E que nunca me encontre
Ao procurar por mim,
E se um dia me achar
Que seja neste seu fim.

O teu mistério invencível
Será por mim carregado
Que por esse poder mágico
Eu seja sempre cercado
Faças com que meu corpo
Esteja sempre fechado.

O poeta nos deixa envolvido em uma aurea de mistério e crença através das palavras proferidas por Lampião na intenção de livrá-lo do mal e das perseguições. Para Catherine Backès-Clément (citada em BARROS, 2000, p. 79), o mito é construído a partir do surgimento de uma historia fictícia que é transmitida de geração em geração e que remonta a um passado longínquo. Esse conceito, que se mostra mais eficaz quando é aplicado à antiguidade e às sociedades indígenas, torna-se questionável quando o foco é voltado para as sociedades modernas. Para Barros (2000, p. 79), isso ocorre em razão da proximidade temporal entre o mito e a personagem mitificada no passado próximo.

O mito é criado não somente a partir da intencionalidade dos produtores de mito. Existe também a possibilidade da intervenção da própria personagem mitificada que projeta imagens que produziu para si própria.

Nessa perspectiva, pode-se afirmar que diversos elementos que possuem valores imensamente positivos na cultura sertaneja, tais como a valentia, a obrigação de vingança, o destemor pela morte e a aversão às injustiças, foram adotados conscientemente por Lampião na construção de sua identidade mítica.

O processo de mitificação de Lampião, como foi demonstrado, parece ter se originado de uma exaustiva divulgação do cangaceiro na imprensa, de uma massiva criação artística e também do próprio Lampião. Tal mitificação alcança o ápice de popularidade quando o cinema se apropria do tema para produzir, no início dos anos 1960, uma série de filmes que ficou conhecida como o ciclo do cangaço do cinema brasileiro.

A temática do cangaço, que serviu de inspiração para filmes estruturados de acordo com o faroeste americano, levou à produção de *O cangaceiro* (1953), de Lima Barreto, com um retumbante sucesso em Cannes, seguido pelas fitas *A morte comanda o cangaço* (1960) e *Lampião, o rei do cangaço* (1962), ambas com a direção de Carlos Coimbra. *Lampião, o rei do cangaço*, teve o seu roteiro elaborado a partir dos romances *Lampião, Capitão Virgulino* (1975), de Nertan Macedo e *Lampião, Rei do cangaço* (s/d), de Eduardo Barbosa (s/d), dentro do que Mello chamou de escudo ético. Lampião é retratado como um homem de índole boa que, somente após ter perdido um ente querido de forma violenta e traiçoeira, resolve fazer justiça com as próprias mãos, o que pode ser verificado no fragmento do texto de Macedo:

[...] o velho José Ferreira acordava sempre muito cedo. E em certa ocasião, depois do aviso que lhes deram os filhos, levantou-se da rede e foi soprar o fogo para fazer café. [...], mal teve tempo de alçar a cabeça, para ver de onde partiam aqueles disparos. E quando os filhos menores acorreram, encontraram-no tombado numa poça de sangue. [...] Nessa madrugada nasceu realmente Lampião (MACEDO, 1975, p. 38).

Outro reforço a essa mitificação pode ser verificado no comportamento da Academia que, num típico discurso da geração 68, traz de novo Lampião ao foco como alguém que desde pequeno já se preocupava com a justiça e foi injustiçado:

Sua visão infantil criava conceitos cada vez mais rígidos contra os potentados [...] mesmo antes da morte do pai, já nutria ódio contra a opressão exercida contra o homem do campo [...] o capitão Lucena retirar José Ferreira de sua terrinha [...] Estariam livres, pelo menos, da polícia do capitão Lucena que, sendo estadual, não poderia ultrapassar as fronteiras pernambucanas. [...] O capitão Lucena contrariando as normas policiais, atravessa as fronteiras [...] e mata José Ferreira [...] Naquele instante morre Virgulino Ferreira e nasce Lampião [...] (MACHADO, 1978, pp. 22 - 24).

Luitgarde Barros (2000, p. 82) critica essa mitificação e, principalmente, a posição dos pesquisadores da Academia por não abordarem questões relevantes para uma melhor reflexão, tais como: o porquê de Lampião ter procurado acumular fortuna, de querer se transformar no governador do sertão, de buscar tão intensamente recompensas financeiras e poder ao invés de realmente defender o povo sertanejo. No entanto, apesar dessas considerações, a pesquisadora não deixa de reconhecer que Lampião era possuidor de características distintas dos sertanejos de sua época:

Todavia, essa história mitologizada não teria chegado aos nossos dias, se o próprio personagem não possuísse características pessoais que o distinguiram entre os próprios irmãos, os jovens de sua geração e os cangaceiros com quem conviveu desde o tempo de Porcinos, vasta e bem urdida rede de protetores influentes na política e na imprensa da época, além de importantes homens de negócio (BARROS, 2000, p. 93).

Na formação do mito lampiônico foi relevante sua notável potencialidade intelectual e capacidade de liderança, agregadas ao seu ótimo desempenho como cavaleiro e a um talento especial para as artes. Existem diversos depoimentos, entre os quais o de Luitgarde Barros (2000, p. 94), que confirmam a existência desse talento, revelando ter sido Lampião um exímio sanfoneiro e dançarino, bem como um detentor de excepcional criatividade na elaboração de versos e cantorias de improviso.

Tais habilidades corroboram a imagem de alguém inteligente, ousado e romântico, imagem esta que será reforçada a partir de seu relacionamento amoroso com Maria Bonita. A robinhoodização de sua imagem é mais uma importante contribuição para a mitificação da personagem, pois reforça a ideia de um Lampião preocupado com o bem-estar social, resolvendo a fome secular do sertanejo através da fórmula tira do rico pra dar pros pobres.

Antonio Araújo (1987, p. 78) relata, por exemplo, o saque de um pequeno comércio no povoado da Fazendinha, cujo proprietário explorava os colonos, em que a distribuição dos produtos foi feita para os sertanejos. Antonio Amaury e Vera Ferreira (1999, p. 185) também mencionam o episódio de 1929, em Mirandela, quando o comércio da cidade foi inteiramente saqueado, sendo que uma parte dos produtos pilhados foi distribuída para a população menos favorecida, um procedimento que se tornou mais ou menos habitual para o bando de Lampião.

Essa posição é contestada por muitos pesquisadores. Estes afirmam que Lampião distribuía lembranças para os grandes protetores, as quais na verdade eram artigos roubados dos sertanejos, num típico processo de rouba do pobre para dar ao rico, ou seja, uma robinhoodização ao inverso.

Nessa dimensão, é relevante pontuar que o mito de Lampião, de certa forma, representa o mito de toda uma geração de cangaceiros que se iniciou com Cabeleira e parece ter terminado com a morte de Corisco, um dos cangaceiros mais temidos do bando de Lampião.

Tal representação também tem sua origem na herança que o conhecido cangaceiro de vingança Sinhô Pereira deixou para Lampião. Quando Sinhô se afastou do cangaço, passou para Lampião um grupo de cangaceiros escolhidos pela valentia e fidelidade ao chefe,

treinados pelo grande mestre, afeito aos lances de ousadia cantados nos versos da mítica heroicidade sertaneja (BARROS, 2000, pp. 105-109).

Essa herança contribuiu para formar a imagem mítica de Lampião como um sertanejo que se juntou ao bando de Pereira em razão das injustiças cometidas contra a sua família. Teria lutado juntamente com ele para corrigir tais injustiças como um verdadeiro cangaceiro da honra e da vingança. Sendo assim, pode-se conjecturar que a formação do mito de Lampião está entremeada com a história de outros cangaceiros, uma vez que o sertão já conhecia uma infinidade de sagas de homens corajosos que se batiam também no campo da honra, tornando-se célebres e povoando o imaginário popular:

Sinhô Pereira, Luís Padre e Antonio de Umburana escreveram, pela coragem tão decantada na história do Nordeste, a mais famosa gesta representativa da cultura sertaneja. Seus feitos são contados com orgulho, não só pelos mais pobres anciãos, nossos informantes, como os mais ricos que entrevistamos (BARROS, 2000, p. 16).

O imaginário popular traçou com um encantamento cavalheiresco e suficientemente colorido às lutas, a sagacidade e o destemor de nomes como Jesuino Brilhante, Sinhô Pereira, Casimiro Honório, entre outros, que se transformaram em lendas. Porém, à medida que o mito Lampião vai se construindo através das diversas fontes examinadas, esses cangaceiros heróicos vão se dissolvendo na imagem de Lampião.

3.4. De Lampião ao Mito do Cangaço na Literatura de Cordel

Leitores, vou terminar tratando de Lampião muito embora que não possa vou dar a explicação no inferno não ficou no céu também não entrou por certo está no sertão.
(Chegada de Lampião no inferno – Cordel de José Pacheco da Rocha)

A personagem Lampião se constituiu como uma importante fonte de inspiração, tendo sido utilizada por diversos artistas tais como escritores, compositores, dramaturgos artesãos e com grande ênfase, os cordelistas que criaram uma infinidade de poemas que asseguram fatos e feitos de figuras emblemáticas do Brasil. As obras geradas por esses artistas foram elaboradas a partir de um repertório que continha tanto referências à personagem histórica de Lampião, como também à personagem criada pela própria ficção, de acordo com uma determinada perspectiva escolhida.

No entanto, esses autores, de uma forma geral, observaram em suas obras a importância das condições históricas, sociais e geográficas que propiciaram o seu aparecimento e o seu processo de mitificação. Porém, em meio a essa extraordinária diversidade de criações e recriações, a maioria das obras apresenta o cangaceiro ou como um

herói destemido e justiceiro, ou como cangaceiro cruel e sanguinário assassino, constituindo uma interessante posição dicotômica herói/vilão.

Essa dicotomia possui uma aderência às posições dos pesquisadores do fenômeno do cangaço, conforme verificamos no presente capítulo, evidenciando, como bem afirma Theodor Adorno (citado em ROCHA, 1999, p. 33), que "tudo o que as obras de arte contêm, em termos de forma e materiais, espírito e matéria, emigrou da realidade para essas obras e, nelas, foi privado de sua realidade".

O repertório utilizado pelas obras de arte, mais especificamente a literatura, tem a sua origem na realidade, mas dela acaba por se afastar. Para o teórico alemão Wolfgang Iser (1996, p. 11), o repertório traz para o texto literário uma nova perspectiva que não está no mundo e, desta maneira, o altera, uma vez que parte de um ponto de vista que já excede a realidade. Para o teórico, determinados elementos retirados do mundo experimentam uma mudança de significação, bem como os elementos selecionados são combinados entre si com os limites semânticos do léxico sendo ultrapassados.

Assim, a relação dicotômica herói/vilão de Lampião, encontrada quando da análise das diversas perspectivas pelas quais os pesquisadores estudam o fenômeno do cangaceiro, também se mostra presente em toda gama de obras de arte, recebendo, conforme Iser, algumas novas significações que se juntam aos conhecidos valores sertanejos: uma forma de vida corajosa, orgulhosa, escancarada e até mesmo carnavalesca em razão dos seus trajes, enfeites, cores e também pelo seu comportamento extremamente musical, que como poderemos observar está presente em suas festas, danças e músicas.

Na travessia por esse universo artístico de temática lampiônica, verificamos a princípio que a poesia de cordel tanto se configurou como a primeira forma artística a eleger a personagem Lampião quanto por ter sido uma das propagadoras da personagem.

A sua importância pode ser averiguada, segundo Ana Maria Galvão (2005, p. 377) a partir da sua grande abrangência: Para aqueles que viveram a maior parte da vida nas pequenas cidades do interior do Estado [sertão], as principais diversões de que desfrutavam eram, além da leitura e da audição de folhetos, os cantadores. Neste contexto, podemos concluir que o cordel foi um dos fatores responsáveis pela própria criação do mito lampiônico.

O cordel sobre o cangaço teve uma função destacada na sociedade sertaneja do final do século XX uma vez que era praticamente exclusivo na divulgação de notícias para a população. Essa literatura popular sobressaiu-se como assunto devido à maneira glamorosa de

narrar os feitos dos cangaceiros e porque de certa forma, propiciou uma possibilidade de protesto das classes pobres oprimidas contra as classes dominantes.

[...] o cordel sempre foi um tipo de literatura coletiva, que deixou pra sempre, por exemplo, Padre Cícero, que sempre fez trabalho de serviço social, como santo, na cabeça das pessoas e deixou Lampião como justiceiro e herói. Eu ouvia falar e escrevia, metia o pau [...] (Abraão Batista, cordelista, 2012).

O prestígio da literatura de cordel, na época em que viveu Lampião, deve-se ainda a uma realidade onde poucas pessoas tinham acesso à leitura. A primeira instância para que o grande público tomasse contato com essa literatura era a audição dos folhetos declamados pelo vendedor nas feiras: leitura competente, declamada ou cantada em voz alta, interrompida no momento do clímax do enredo (GALVÃO, 2005, p. 373). A frequência com que a figura de Lampião foi (e continua sendo) abordada pelo cordel fundou, inclusive, um ciclo autônomo do cangaço no meio cordelista.

No que tange à personagem Lampião, é curioso constatar que não existe nenhuma grande novidade em relação a sua retratação como um herói justiceiro que ao morrer deixara saudades, sendo assim delineado pela maioria dos autores de cordel, o que pode ser verificado no verso do ex-cangaceiro Zabelê:

A viola tá chorando
Tá chorando com razão
Soluçando de saudade
Gemendo de compaixão
Degolaram Virgulino
Acabou-se Lampião... (CONRADO, s/d, p. 20)

Barros (2000, p. 36) afirma que o poeta repentista Zabelê cantava a coragem, engrandecendo a valentia de Lampião, membro da família Ferreira, e a valentia de Odilon Flor, pertencente à família Nazareno. No seu panteão de heróis, Ferreiras e Nazarenos são a honra sertaneja, enquanto a polícia sergipana encarna todo o mal de que a perversidade humana é capaz.

Essa verdadeira devoção dos cordelistas por Lampião pode também ser verificada no relato de um cantador desconhecido da época:

Prá havê paz no sertão
E a gente pudê drumi
Cume, bebê e vesti
Pulas festas vadiá
Sem nunca atrapaiá
É perciso Lampião
Fazê do seu bataião
a Poliça Militá. (MACHADO, 1978, p. 114)

Cardoso (2003, p.1) considera que, num contexto de opressão e miséria, muitos dos atos violentos de Lampião são justificados na obras de cunho popular. Os autores apóiam

o proceder do referido herói interpretando os seus atos como o restabelecimento da justiça e como questão de sobrevivência.

O escudo ético de Lampião parece ser facilmente abonado pelos cordelistas que o promovem à condição de verdadeiro herói popular (CARDOSO, 2003, p. 2). É nesse contexto que a literatura de cordel se apresenta como um importante veículo de expressão e como um articulador da comunicação de um sertão-mistério:

Se a memória popular vai conservando e transmitindo velhas narrativas e acontecimentos recentes esta transmissão está sempre marcada pelo espírito desta sociedade. E não é por outra razão que a memória popular vai conservando os fatos narrados, transmitidos com as adaptações de cada narrador aquilo que foi ouvido. E quando se trata de alfabetizado, a transmissão se torna ainda mais fácil, porque oriunda da própria leitura dos folhetos (BATISTA, 1977, p. 17).

Segundo Cardoso (2003, p.13), o grande número de títulos de cordel referentes a Lampião não deixa nenhuma margem de dúvida em relação ao verdadeiro fascínio que os feitos, verdadeiros ou fictícios, do rei do cangaço exercem sobre os cordelistas e, por conseguinte, para os leitores do cordel.

Entre esses muitos títulos, Cardoso (2003, p. 14) cita alguns exemplos, tais como: *Visita de Lampião a Juazeiro*, de José Bernardo da Silva; *O Grande debate que Lampião teve com São Pedro*, de José Pacheco da Rocha; *Lampião e Maria Bonita no Paraíso do Éden, tentados por Satanás*, de João de Barros; *Lampião na Bahia*, de José Bernardo da Silva, *João Peitudo, o filho de Lampião e Maria Bonita*, de José Soares; *ABC de Lampião, Maria Bonita e seus cangaceiros*, de Rodolfo Coelho, *Conselhos do Padre Cícero a Lampião*, de Francisco das Chagas Batista, entre outros:

Considerando que a maioria dessas obras de cordel, ainda quando se propõem a descrever os atos violentos de Lampião, terminam contribuindo para a afirmação de valores identificados com a figura do herói, tais como bravura, destemor e uma certa expressão da coletividade — o que permite a Hobsbawn identificá-lo como um bandido social —, abre-se a possibilidade de pensarmos a literatura de cordel em termos comparativos com obras clássicas do gênero épico, no qual é patente o anseio do narrador em afirmar as virtudes de um herói (CARDOSO, 2010, p. 13).

Como testemunha viva da cena nordestina, a literatura de cordel não deixou de dar ampla cobertura ao fenômeno do cangaço e, especialmente, narrando as aventuras do maior de todos os cangaceiros: Lampião. Por incrível coincidência, Lampião aterrorizou os sertões do Nordeste exatamente na mesma época em que a literatura de cordel alcançou seu maior sucesso editorial, ou seja, nas primeiras décadas do século XX. Certamente, esse fato contribuiu para que a saga de Lampião fosse descrita pelos cordelistas ao som dos tiros que escoavam dos combates.

A figura de Lampião na literatura de cordel é tão controversa quanto sua personalidade foi na história real; cruel e ao mesmo tempo generoso, ou sanguinário e ao mesmo tempo temente a Deus e devoto de Nossa Senhora, o certo é que em qualquer de suas faces, o Rei do Cangaço, terminou sempre com a imagem de um mito invencível e transcendental, capaz de depois de morto, fazer tremer no céu, tocar fogo no inferno e ainda voltar para o sertão.

Para exemplificar esse caráter heróico e fantástico imputado a Lampião pelos cordéis, tomamos como exemplo os cordéis de dois importantes cordelistas nordestinos: *A chegada de Lampião no céu* (1959), de Rodolfo Coelho Cavalcante, e *A chegada de Lampião no inferno* (2006), escrito por José Pacheco da Rocha, uma vez que tais cordéis aparecem de forma paradigmática na relação de Lampião com o bem e com o mal.

O cordel *A chegada de Lampião no céu* narra a história do julgamento de Lampião por um tribunal, no qual Maria, mãe de Jesus, age como a defensoria e Ferrabrás, enviado de Lúcifer, como o promotor, sendo Lampião sentenciado a passar um período no Purgatório para que pudesse alcançar a salvação (CARDOSO, 2010, p.23). *A chegada de Lampião no inferno* narra o momento em que Lampião tenta entrar no inferno, mas é impedido.

A chegada de Lampião no inferno de José Pacheco está envolta com os ares do maravilhoso, pois inicia com um cabra de Lampião, chamado Pilão Deitado, que anda a assombrar o sertão com a notícia de que viu o cangaceiro chegar ao inferno. Esse personagem está morto, assim como Lampião.

A chegada de Lampião desmantela a ordem do inferno, como dizem os versos “o inferno nesse dia / faltou pouco pra virar / incendiou-se o mercado / morreu tanto cão queimado / que faz pena até contar”.

Como satanás não aceita que Lampião fique no inferno, por achar que ele é “ladrão da honestidade” e “bandido”, a coisa pega fogo. É necessário que o diabo maior convoque um exército de diabos para deter o cangaceiro: “leve 100 dúzias de negros / entre homens e mulher / vá na loja de ferragem / tire as armas que quiser / é bom avisar também / pra vir os negros que tem / mais compadre Lúcifer”.

Houve tiroteio, Lampião se feriu, mas não caiu no combate. Com uma caveira de boi, ele derrubou um, com um checho incendiou o mercado. Nesse combate se percebe a desproporção entre as armas que lampião utilizava e a dos diabos que estavam armados de bacamarte, maçarico e pau de preença.

Ao cabo da luta, Lampião desaparece, sem nenhuma explicação. Diz o poeta:

“Leitores vou terminar / o tratado de lampião / muito embora que não posso / vos dá explicação / no inferno não ficou / no céu também não chegou / por certo está no sertão”.

Percebe-se que Lampião usava mais a astúcia do que o poder das armas. Isso aproxima o cangaceiro do povo que se defende com as armas que tem, diante da opressão. Como esperado, o diabo convoca um exército de demônios para enfrentar Lampião. Por fim, impedido de entrar no céu e no inferno, o cangaceiro segue um caminho ignorado, mas o narrador imagina que Lampião talvez tenha voltado para o sertão (CAVALCANTE, 1959, p. 10).

Embora “bandido” e “ladão da honestidade”, Lampião termina como herói, valente e brigão. Não chegou nem mesmo a purgar seus pecados, não precisa pagar o que fez na terra, volta para o sertão, permanece na memória das pessoas. Novamente a elaboração da personagem evoca a dimensão lendária, Lampião vira herói eternizado nas cantigas, nos versos de cordel e na literatura popular.

Numa análise mais superficial, considerando apenas os títulos das duas obras, pode-se chegar a uma conclusão errônea de que as duas obras foram produzidas a partir de diferentes perspectivas com relação ao destino que tomou Lampião após a sua morte: *A chegada de Lampião no céu* (1959) indica que Lampião teria ido para o céu que, segundo a tradição católica, é o lugar reservado aos homens bons.

Já *A chegada de Lampião no inferno* sugere a sua ida para o inferno, o lugar reservado para os homens pecadores. No entanto, Cardoso (2003, p. 22) nos alerta para o fato de que, numa apreciação mais profunda das duas obras, logo ficam evidentes as muitas aproximações entre os cordéis.

Observamos, por exemplo, que a fama de Lampião, mesmo no outro mundo, continua intocada, inquestionável nos dois folhetos. Nos versos a seguir, em *A chegada de Lampião no céu*, é visível a intimidação de São Pedro frente à simples menção do nome de Lampião:

Lampião foi no inferno
 Ao depois no céu chegou
 São Pedro estava na porta
 Lampião então falou:
 - Meu velho não tenha medo
 Me diga quem é São Pedro
 E logo o rifle puxou

São Pedro desconfiado
 Perguntou ao valentão
 Quem é você meu amigo
 Que anda com este rojão?
 Virgulino respondeu:
 - Se não sabe quem sou eu

Vou dizer: Sou Lampeão.

São Pedro se estremeceu
Quase que perdeu o tino
Sabendo que Lampeão
Era um terrível assassino
Respondeu balbuciando
O senhor...está...falando
Com...São Pedro...Virgulino! (CAVALCANTE, 1959, p. 3)

O mesmo desconforto com a figura do cangaceiro é sentido pelo diabo em *A chegada de Lampião no inferno*:

Vemos inicialmente um Lampião valente, arrojado, destemido e com plena consciência do terror que causa, como podemos contatar no fragmento abaixo, extraído de “A chegada de Lampião no Inferno” (PACHECO, 2006, p. 2):

...vamos tratar da chegada.
Quando Lampião bateu
um moleque ainda moço
no portão apareceu:
- Quem é você, cavalheiro?
- Moleque eu sou cangaceiro:
Lampião lhe respondeu

- Moleque, não, sou vigia!
E não sou seu parceiro
E você aqui não entra
Sem dizer quem é primeiro.
- Moleque, abra o portão
Saiba que sou Lampião
Assombro do mundo inteiro...

Lampeão é um bandido
Ladrão da honestidade
Só vem desmoralizar
A minha propriedade
E eu [o diabo] não vou procurar
Sarna para me coçar
Sem haver necessidade.

Evidencia-se que ambos os autores reforçam a imagem de Lampião como alguém valente e respeitado que, como foi visto, são qualidades imensamente valorizadas no sertão. A representação de Lampião como uma pessoa de bem, segundo a ética sertaneja, é mais realçada ainda por Cavalcante que, indiretamente, atribui-lhe a condição de cangaceiro de vingança, ou seja, um cangaceiro que o destino levou à violência. Essa ideia se comprova no trecho em que Jesus Cristo lhe pergunta se estava arrependido:

Disse o bravo Virgulino
Senhor não fui culpado
Me tornei um cangaceiro
Porque me vi obrigado
Assassinaram meu pai
Minha mãe quase que vai

Inclusive eu coitado. (CAVALCANTE, 1959, p.6)

O mesmo pode ser constatado na narrativa de Pacheco ao relatar que Lampião foi praticamente obrigado a lutar com as hordas de demônios de Lúcifer, ou seja, só atacou porque foi atacado. Além disso, o autor identifica Lampião como um guerreiro do bem que combate e acarreta um grande prejuízo no inferno, o reino do mal:

Houve grande prejuízo
no inferno nesse dia
queimou-se todo dinheiro
que satanás possuía
queimou-se o livro de pontos
perdeu-se vinte mil contos
somente em mercadoria. (PACHECO, 2006).

Tem-se também um Lampião justiceiro dos males terrenos. Ele que entrou no cangaço para vingar sua família termina sendo um paladino de todos os viventes, ao chegar ao inferno e “dar uma surra no cão”, se vingando deste que, no imaginário cristão, é a causa maior de todos os males. O trecho abaixo de “A chegada de Lampião no Inferno” (PACHECO, 2006, p.3) expressa bem isso:

...reclamava Lúcifer:
- horror maior não precisa
Os anos ruins de safra
Agora mais esta pisa
Se não houver bom inverno
Tão cedo aqui no inferno
Ninguém compra uma camisa...

Mais uma vez, realçando a índole boa da personagem, Cavalcante descreve que Lampião, no final de sua aventura no céu, é praticamente inocentado por Jesus que o envia para o Purgatório:

Disse Jesus: Minha Mãe
Vou lhe dar a permissão
Pode expulsar Ferrabrás
Porém tem que Lampeão
Arreponder-se notório
Ir até o "purgatório"
Alcançar a salvação. (CAVALCANTE, 1959, p.10)

Ao lado do sanguinário cangaceiro, nos aparece também um Lampião religioso, temente a Deus e devoto do Padim Ciço e da Virgem Maria. É o que vemos abaixo, em fragmentos de “A chegada de Lampião no Céu” (CAVALCANTI, 2006, p. 2):

...São Pedro disse está bem.
Acho melhor dar um fora
Lampião disse: - Meu Santo
Só saio daqui agora
Quando ver o meu padrinho

Padre Cícero Meu filhinho
Esteve aqui mais foi embora

Então eu quero falar
Com a Santa Mãe das Dores
Disse o santo ela não pode
Vir aqui ver seus clamores
Pois ela está resolvendo
Com o filho intercedendo
Em favor dos pecadores

Então eu quero falar
Com Jesus crucificado
Disse São Pedro um momento
Que eu vou dar o seu recado
Com pouco o santo chegou
E a Lampião se mostrou,
Com doze santos escoltado

E aparece até um Lampião transcendental, coroando o mito do guerreiro invencível que, desrespeitando não só a Lei dos homens como também as Leis da natureza, termina sendo uma figura onipresente nos dois planos de existência: o plano material e o plano espiritual. Vejamos como o poeta concluiu seu folheto “A chegada de Lampião no inferno” (PACHECO, 2006, p.8):

Leitores vou terminar
Tratando de Lampeão
Muito embora que eu não posso
Vos dar a resolução
No inferno não ficou
No céu também não chegou
Por certo está no sertão. (PACHECO, 2006, p.8)

A perspectiva adotada por Pacheco, que finaliza o seu cordel narrando que Lampião não ficou no inferno, livrando-se da punição do diabo nos leva a crer que o cangaceiro não é tão mau como geralmente é considerado.

Não importando o “palco de operações” em que o rei do Cangaço esteja atuando, seja na terra, no céu ou no inferno, a literatura de cordel também apresenta a figura de Lampião como protagonista de situações hilariantes em várias ocasiões. É o que vemos nas estrofes abaixo de “A chegada no inferno” (PACHECO, 2006, p. 1):

Morreram a mãe Canguinha
O pai do Forrobodó
Com netos de Parafuso
Um cão chamado Cotó
Escapuliu Boca Ensoça
E uma moleca moça
Quase queimava o Cotó...

... Lampião pôde apanhar
Uma caveira de boi
Sacudiu na testa Dum
Ele só fez dizer oi!...

Ainda correu dez braços
E caiu enchendo as calças
Mas eu não digo o que foi...

...Quem duvida dessa história
Pensar que não foi assim
Querer zombar do meu gênero
Não acreditando em mim
Vá comprar papel moderno
Escreva para o inferno
Mande saber de Caim

Nessa voz ouviu-se tiros
Que só pipoca no saco
Lampião pulava tanto
Que parecia um macaco
Tinha um nego nesse meio
Que durante o tiroteio
Brigou tomando tabaco

Esse mesmo tom humorístico pintando a figura de Lampião no cordel, também se vê em trechos abaixo, extraídos de “*A chegada de Lampião no céu*” (CAVALCANTI, 1959, págs. 3-9):

São Pedro se estremeceu
Quase que perdeu o tino
Sabendo que Lampião
Era um terrível assassino
Respondeu balbuciando
O senhor... está... falando...
Com... São Pedro... Virgulino!

Ferrabrás ouvindo isto
Não esperou por Miguel
Pedi licença e saiu
Nisto chegou Gabriel
Ferrabrás deu um estouro
Se virou num grande touro
Foi dar resposta a Lumbel

Surge também a figura de um Lampião que, temperado na vida hostil dos sertões nordestinos das primeiras décadas do século XX, não tem muita consciência do nível das atrocidades que cometeu quer por imposição das circunstâncias ou por puro banditismo. Veja as estrofes de “*A chegada de Lampião no céu*” (CAVALCANTI, 1959, p.4):

Se você amou o próximo
de todo o seu coração
O seu nome está escrito
no livro da salvação
Porém se foi um tirano
meu amigo não lhe engano
Por aqui não entra não

Lampião disse estar bem
procure que eu quero ver
Se acaso não tem aí
o meu nome pode crer

Quero saber o motivo
pois não sou filho adotivo
Pra que fizeram-me nascer?

São Pedro criou coragem
E falou pra Lampião
Tenha calma cavalheiro
Seu nome não está aqui não
Lampião disse é impossível
É uma coisa que eu acho incrível
Ter perdido a salvação.

Por fim, como já mencionado anteriormente, merece consideração a semelhança entre os títulos das obras de Cavalcante e de Pacheco que tratam da chegada de Lampião, após a sua morte, no céu ou no inferno. A primeira obra induz, num primeiro momento, à ideia de absolvição, e a segunda, deixa entrever uma condenação.

No entanto, a verdade é que ambos os cordelistas, alinhados com a maioria dos sertanejos, reforçam a imagem de Lampião como um indivíduo justo, forte e corajoso, seja porque é um vingador, seja porque luta contra o mal.

Em outra viagem pelo imaginário do cordelista ressaltando os feitos de Lampião, o poeta baiano Verneci Nascimento o faz ir até o céu para encontrar o Padim Ciço, no cordel *Visita de Lampião a Padre Cícero no Céu* (2010) e, no mesmo cordel o vate enaltece as qualidades de Padre Cícero, considerando santo e Lampião como um grande mito do sertão.

Tentarei ser esmerado
Nas coisas das quais preciso:
Conteúdo, rima e métrica
Ajustarei meu juízo
Para contar por inteiro
O encontro do cangaceiro
Com o Padre no Paraíso

O Padre tornou-se santo
Consagrado no sertão.
Em Juazeiro do Norte
Todos lhe têm devoção;
E o sertanejo deseja
Que a Santa Madre Igreja
Lhe dê canonização.

Por não ver perspectiva
Admito: estou perdido
Já que nem pelo senhor
Serei aqui defendido
Ao inferno vou voltar,
Pois se lá é o meu lugar
Nem devia ter saído!

Lado a lado os dois saíram
Contemplando aquela paz.
Todas as almas felizes
Com aspectos divinais.
Já Lampião ressentido

Mostrava-se arrependido
De morara com satanáas

O prestígio de Padre Cícero junto a Deus o capacita a ser o interlocutor de Lampião que, corre em seu socorro, pedindo para que naquela hora seja dele o advogado.

Ainda, em se tratando da figura do cordelista como um verdadeiro representante do pensamento do povo em relação ao cangaço, a visão do cordel é relativizada por Luitgarde Barros. Para Barros (2000, p. 23), essa literatura foi escrita principalmente por descendentes de antigos protetores e por muitos intelectuais que sempre estiveram distanciados dos depoimentos das vítimas, dos inimigos dos cangaceiros, estando mais próximos dos filhos e netos de poderosos beneficiados pela partilha dos saques do cangaço.

Conforme Maurice Halbwachs (2004, p.41) toda memória é coletiva, posto que todas as lembranças são constituídas no interior de um grupo. Assim, para Barros (2000, p. 33), pouco a pouco os que se identificavam ao lado do cangaço socializaram as lembranças do prazer sentido pela valentia de Lampião, pela vingança contra este ou aquele soldado perverso, morto pelos cangaceiros.

O mito de Lampião, ligado à imagem de um cangaceiro de índole boa, teve também a participação de lembranças rememoradas de outros cangaceiros, tais como Antonio Silvino, Jesuino Brilhante e Sinhô Pereira. Nessa perspectiva, o mito pode ser analisado como o resultado de uma síntese de vários cangaceiros que chegaram a ser realmente queridos pelos sertanejos.

Esses honrados vingadores foram muito admirados pelos seus feitos guerreiros, o que pode ser verificado no cordel que Francisco das Chagas Batista escreveu sobre o cangaceiro Antonio Silvino, em que retrata com fidelidade o prestígio desses homens rudes do sertão:

Ali se aprecia muito
Um cantador, um vaqueiro
Um amansador de poldro
Que seja bom catingueiro
Um homem que mata a onça
Ou então um cangaceiro. (CHAGAS BATISTA, 1977, p.85).

Conforme Mark Curran (1988, p.73), a síntese da formação do mito lampiônico pode ser aferida na obra de Chagas Batista. O cordelista chegou a pesquisar a imagem de Lampião em folhetos mais antigos que havia escrito sobre Antonio Silvino, a quem Batista chamava de —governador do sertão, como é o caso do excerto do folheto *Conselhos do Padre Cícero a Lampião*:

Nos sertões onde eu governo
 A justiça é positiva
 O Juiz é meu fuzil
 Donde toda lei diriva
 Todos me pagam imposto
 E quem não pagar com gosto
 Conte com a minha ofensiva. (BATISTA, 1977, p. 218)

Outro fator que levou à mitificação lampiônica, sob um viés positivo, segundo Frederico Pernambucano de Mello (2005, p. 201), pode ter sido o desenvolvimento de alguns poemas baseados no chefe cangaceiro a partir de um tipo específico de cordel conhecido como Adeus sertanejo. Essa modalidade de folheto de cordel lista elementos geográficos da vida do retratado, como pode ser verificado abaixo nos versos compostos em ladainha, os quais buscam relembrar toda a história, lugares e amores com um retrato sentimental perfeito do Capitão Virgulino:

Adeus Malhada dos Bois
 Quarterão que me criei!
 Quixaba fica de banda,
 Volta e S'tio, eu nunca andei,
 Adeus Santo Amaro Novo,
 São Brás e Riacho do Mei' [...]
 Recebam todos lembranças,
 Foi Lampião quem mandou,
 A João Paulo, nas Abrob'ra
 Na Manga, ao major Sinhô,
 Prá Josino dos Pereiros
 Ele mesmo é o portador. (MELLO, 2005, pp. 201-206)

Esse folheto de cordel tem um caráter propagandístico, na medida em que oferece uma imagem simpática para os seus adeptos e aos coiteiros que lhe dão guarida e logística, bem como um caráter roobinhoodiano, que se evidencia na farta distribuição de lembranças, provavelmente dinheiro e ouro, para os sertanejos.

Para Barros (2000, p. 156), no processo de heroificação do cangaceiro, ainda é importante ressaltar a contribuição trazida pelo cordel no que diz respeito à aproximação dos feitos do cangaço às façanhas medievais relatadas no livro *História de Carlos Magno e dos Doze Pares de França* (1863), de Jerônimo Moreira de Carvalho, que durante tanto tempo circulou pelo Nordeste, inspirando cantores e poetas populares.

Os cordelistas adaptaram alguns elementos advindos das gestas medievais à caatinga, transvestindo os cavaleiros sertanejos em verdadeiros príncipes trajados com gibão, cavalgando pelos sertões nas derrubadas de boi. Nessa luta, que na verdade é o seu próprio trabalho, o cavaleiro sertanejo mostra toda a sua força e valentia esperando alcançar com a vitória o prêmio cobiçado, uma donzela:

A travessia de setenta e sete léguas de caatinga, enfrentando onça e boi brabo, levaria um valente a um distante castelo onde vivia uma princesa. Amarrando o cavalo no copiá de uma taipa, o rapaz olha ao longe a transfiguração da princesa, filha do fazendeiro. As moças direitas, filhas de homens de bem, são princesas daqueles homens das armas, ainda presos a alguns antigos valores (BARROS, 2000, p. 157).

Todavia, a glamorização do cangaceiro pelos poetas não é uma norma geral. Apesar de a grande maioria dos poetas pintarem a imagem de Lampião com cores suaves, ficcionalizando uma realidade não tão atraente, alguns poucos cordelistas são detentores de uma visão diferente do cangaceiro, que pode ser encontrada em *A morte de Lampião* (s/d.), de João Martins de Athayde.

Nesse folheto, o cangaceiro, mesmo num ciclo heróico, que inclui as façanhas, as qualidades requintadamente perversas, às vezes contrastando com virtudes e atos de fidalguia e bondade. Athayde nos apresenta um Lampião assassino perverso que mata, comete todos os tipos de violência e crimes hediondos. E, por tudo isso, ele merece ser tratado como qualquer criminoso e ser mantido numa prisão especial:

Também não é direito
Ter pena dele demais
Dizer que eles são heróis
Como muita gente faz
Cadeia pra esta gente
Com tratamento decente
Em prisões especiais. (ATAYDE apud CURRAN, 1998, p. 74)

Em outra passagem, sobre o ataque a Mossoró, Lampião é descrito sempre como valente e arrogante:

O cangaceiro valente,
Nunca se rende a soldado
Melhor é morrer de bala,
Com o corpo cravejado,
Do que render-se à prisão
Para descer do sertão,
Preso e desmoralizado.
(ATAYDE 2005, págs. 40-41)

À maneira de gesta, Athayde exalta a invencibilidade do bandoleiro:

Parece que Lampião
É todo feito de aço
A bala bate no couro,
Ele não sente o cansaço
Quando atira num soldado
O pobre cai para o lado
Ali só fica o cangaço.
(ATAYDE 2005, págs. 40-41)

Independentemente do posicionamento dos poetas acerca do caráter de Lampião como uma figura do bem ou do mal, a verdade indiscutível é que a gesta popular ajudou no

seu processo de mitificação. Conforme pudemos verificar, a cultura sertaneja abonava o cangaço, malgrado o caráter criminal declarado pelo oficialismo, com as populações chegando ao extremo de torcer pela vitória dos grupos com que simpatizavam.

Por tudo isso, a mitificação dos capitães de cangaço, e principalmente do que ficou mais famoso – Lampião – foi efetuada a partir das condições sócio-culturais que lhes foi totalmente favorável, tendo o seu acabamento lapidado pelos cantadores de feira, emboladores, cegos rabequeiros, artesãos e poetas do cordel, esses últimos verdadeiros historiadores, que além de não perderem o objetivo estético, ainda acabaram por fornecer a matéria-prima para as ciências humanas, devido as suas habilidades nas áreas da crônica, biografia, toponímia, antropologia cultural e folclore.

Considerações Finais

A conclusão mais óbvia que se poderia esperar de um estudo sobre a mitificação do Padre Cícero e de Lampião nos folhetos de cordel é a de que os poemas tenderiam a um mimetismo dos elementos relacionados ao imaginário popular religioso como também ao social.

Entretanto, cabe ressaltar nos estudos realizados a importância social e histórica pujança das personagens estudadas como também seus feitos que foram observados pelo poeta popular, registrados pela oralidade e documentados pela escrita na literatura de cordel que, colocam em desalinhamento uma interpretação fechada sobre o assunto.

Para além de meros *souvenirs* de turista, as produções de cordel funcionam como lembranças, no sentido forte do termo, na medida em que se apresentam como suporte para a revelação de uma simbologia, no caso do Padre Cícero que, ao se reiterar, esconjura a morte, no caso de Lampião, desafia o tempo injusto da sociedade na qual existiu o cangaço e o esquecimento, conferindo sentido à própria existência, individual e coletiva. Isso ocorre porque, num ambiente como o nordestino, marcado por traços bastante fortes de oralidade, o ato de lembrar, recorrendo a técnicas orais ou semi-orais de comunicação conservada, significa a recuperação dos valores constitutivos da própria identidade grupal.

Quem leva para casa o registro em versos de uma profecia atribuída ao padrinho ou um duelo de Lampião, está diante de um poderoso meio, capaz não só de provocar o resgate e a fixação, na memória, dos símbolos religiosos e sociais coletivamente construídos, como também de reavivar a sensação de pertencimento dada pelo domínio desse código de devoção e admiração ao mais conhecido dos cangaceiros.

Os folhetos do Padre Cícero e do Lampião, na medida em que guardam um parentesco muito grande com o imaginário e com as técnicas de conservação orais de seus atos, também se constituem como poderosos elementos difusores da fé popular no Padrinho e da venerada admiração promovida nas veredas do sertão, através dos feitos de um homem

que teve uma existência determinada historicamente, que assim como Padre Cícero viveu entre nós e praticou ações das quais se fala tanto nos livros históricos como nas ficções.

Após diversas pesquisas *in locu* e ouvindo pessoas que vivenciaram parte da história ao lado das personagens aqui estudadas, torna-se necessário registrar que o cordelista, como coautor de uma realidade que, a primeiro plano é oral, escreve em suas produções sempre com um traço próprio que agiganta as ações praticadas por padre Cícero e Lampião e

as consequências das mesmas. Ambos saem do espaço da realidade histórica para um espaço mítico onde se tornam mito e herói.

Esse espaço mítico é encontrado nas páginas escrita da literatura de cordel, nas quais a presença do padre como santo e do cangaço como herói do povo sertanejo é fortemente marcada. Mais do que qualquer outro meio ou suporte, talvez até pela sua própria materialidade de impressos, seu caráter de matrizes impressas do oral, os folhetos são apontados amiúde, pelos pesquisadores, como uma espécie de repositório máximo de todo um corpo mítico formulado em torno das figuras do *Padim Ciço e do Rei do Cangaço*, das romarias, da cidade de Juazeiro e do sertão nordestino, uma colcha de retalhos ainda a ser decifrada.

No dizer de T. S. Guimarães, “o estudo da Literatura de Cordel nos faz mergulhar no mundo mítico do homem nordestino. Os poetas populares, num estilo que lhes é próprio, cantam as maravilhas da vida do Padre Cícero e da realidade social na qual viveu Lampião, escondidas sob aparências cotidianas e banais”.

A nosso ver, no processo de mitificação do Padre Cícero e Lampião, a literatura de cordel funciona como ponte justamente pelo seu caráter de produção ficcional híbrida, entre a escrita e a oralidade, essencial para analisar não só a articulação entre os folhetos, a fé popular, o cangaço enquanto instituição social, entre poesia, a religiosidade e a bravura sertaneja, mas também para buscar uma compreensão dos diversos elementos de que os poetas lançaram mão, ao longo do tempo, como por exemplo, na representação da canonização do Padre Cícero feita pelo povo e na heroificação de Virgulino ferreira da Silva, o mito do cangaço.

O resultado desse processo que busca entender como as figuras emblemáticas de Padre Cícero e Lampião são mitificadas na literatura de cordel é que, em um primeiro momento de análise, além de santo e patriarca, Cícero vê-se transformado na encarnação mesma de Cristo, num santo, no próprio messias salvador, através do ouvido, da memória e da mão do poeta que imprime os padrões canônicos dos milagres, exemplos e profecias, além das narrativas biográficas que atribuem uma origem e uma trajetória divinas ao Padrinho, transformam nessa imensa teia de memória que é o imaginário, Juazeiro do Norte numa Nova Jerusalém.

Todavia, cabe-nos também observar que não há somente uma visão forjada sob o escaldante sol de Juazeiro, sobre a personalidade do *Santo do Nordeste*, como também não há um registro único de sua missão, de seu trabalho pastoral criador de uma *cidade santa*, dotada apenas de um ponto de chegada, certo, real, percorrido pelo *Sententia fidelis*, tão comum aos

Angelis, desejados por pessoas comuns/romeiros, que desafiaram seus próprios limites e lançaram-se em busca do misterioso mundo da fé para obter a salvação, sempre com os questionamentos comuns aos homens sobre quem foi, realmente, o Padre Cícero do Juazeiro. Homem? Sacerdote? Santo ou mito?

Em um segundo momento, Lampião, nutrido da admiração, pela ousadia e bravura, condensa em sua história a de todos os marginalizados e esquecidos pelo poder, é metáfora da bravura, do desejo de vencer a injustiça. Nas páginas da literatura de cordel, Lampião converte-se em uma lenda já que suas ações transcendem o mundo da realidade histórica e são compiladas pela memória coletiva do povo sertanejo.

É impossível defini-lo. Enquadrá-lo de forma maniqueísta como bom ou mau, somente, será trabalho infecundo, pois o cordelista já o imortalizou ao mesmo tempo em que nos sugere a responsabilidade dessa autoria, despersonalizada, acessível à multidão que mantém viva sua memória. Fazendo isso, o cordelista, historiador da oralidade, mitifica as personalidades reais de Padre Cícero e Lampião, transpondo esses personagens para o plano da lenda e autoriza a tradição oral a se tornar literatura, como parte de um desejo.

Na realidade muitas histórias se contam sobre Lampião, sua vida e suas andanças. Sanfoneiro, repentista, cantador, poeta, místico, muitas vezes juiz outras advogado defensor dos injustiçados, algoz dos seus perseguidores, história para os poetas.

Por fim, os registros dos cordelistas nos asseguram que pela valentia, sede de justiça, insubordinação ou heroificação dos feitos, Lampião gozou do respeito e da admiração da maioria da população pobre e oprimida do Nordeste. Odiando a injustiça e o poder sufocante do coronelismo, imperante no Nordeste, Lampião era a referência do povo contra os poderosos. Bandeou-se para o cangaço, por ser essa a única opção daqueles que, vítimas da perseguição dos poderosos, queriam lutar ou vingar-se de alguma forma.

E, como consequência da construção de sua própria personalidade, portanto, existe uma grande polêmica em torno desse personagem fantástico e sobre quem foi imaginário coletivo Lampião. Um bandido sanguinário, assassino e perverso? Um homem revoltado? Um justiceiro? Herói? Mito?

Dessa feita, chegamos ao final da longa travessia pelo sertão nordestino e pela história de sua gente que de posse do relato oral, oferecido pela literatura de cordel, através de diversas narrativas, tornam-se capazes de fabricar e perpetuar o mito, uma vez que o próprio cordelista se vincula a língua do povo de tal modo que faz com que ele se identifique com o que está escrito, porque já ouviu falar, como fonte recorrente da experiência que é passada de

peças a peças no ato de narrar, entendendo que o mito não pode ser tratado como algo estável e paralisado pela ação do tempo.

Portanto, torna-se imprescindível ressaltar que, como figuras mitificadas Padre Cícero e Lampião se deslocam de maneira atemporal, modificando-se de acordo com a sociedade que o narra, se reinventando mesmo havendo suscetíveis modificações ocorridas pela oralidade, comportando-se então como a suma dessas variantes, pois suas origens se dão pelos relatos orais que unidos formam um corpo, ou seja, o próprio mito, que sobrevivem apenas se continuarem sendo contados, ouvidos.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. A biblioteca e a feira: considerações sobre a literatura de folhetos nordestina. Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa, 2004.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. A invenção do nordeste e outras artes. São Paulo: Cortez, 1996.
- ALMEIDA, Érico de. Lampeão: sua historia. 2.ed. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1998.
- ALVES, J. História das secas: séculos XVII a XIX. 2. ed. Mossoró: Esam, 1982. (Coleção Mossoroense, v. CCXXV).
- ANDRADE, M.J.P. A saga de Lampeão pelos caminhos discursivos do cinema brasileiro. João Pessoa: universidade Federal de João Pessoa, 2007. Monografia de pós-graduação em Letras.
- ANSELMO. Otacílio. Padre Cícero, Mito e Realidade. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968.
- ARAÚJO, Araújo, Patrícia Cristina de Aragão. A cultura dos cordéis: território(s) de tessitura de saberes. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba. 2007. Tese de Doutorado em Educação.
- ATHAYDE, João Martins. Cordel. São Paulo: Hedra, 2005.
- BARBOSA, J.L. A arte de representar como reconhecimento do mundo: o espaço geográfico, o cinema e o imaginário social. São Paulo: Contexto, 2000.
- BARROS, Luitgarde Oliveira C. A terra da Mãe de Deus. Rio de Janeiro: Francsico Alves. Brasília: INL, 1980.
- BARROS, Luitgarde O. C. Derradeira Gesta, Lampeão e Nazareno: Guerreando no Sertão. Rio de Janeiro: Mauad, 2000.
- BATISTA, ABRAÃO. LITERATURA DE CORDEL. ANTOLOGIA – VOLUME II. São Paulo: Global Editora e Distribuidora, 1976.
- BATISTA, Sebastião Nunes. Chagas Batista. Recife: Fundaj, Inpso, Coordenadoria de Folclore, 1982. (Folclore, n. 122).
- BELTRÃO, Luiz. Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.
- BERNARDET, L.R. Cangaço - o nordeste no cinema brasileiro. Brasília: Avathar, 2005.

BRAGA, Antônio Mendes da Costa. Padre Cícero: sociologia de um padre, antropologia de um santo. 2007. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Memória do Sagrado: estudos de Religião e ritual. São Paulo: Paulinas, 1985.

CAMPBELL, Joseph. O Poder do Mito. 23ª Ed. Rio de Janeiro: Palas Athena, 2005.

CARDOSO, Tânia Maria de Souza. Cordel, cangaço e contestação: uma análise dos cordéis "A chegada de Lampião no inferno" (José Pacheco da Rocha) e "A chegada de Lampião no céu" (Rodolfo Coelho Cavalcante). Rio Grande do Norte: Coleção Mossoroense, 2003.

CARVALHO, Rodrigues de. Lampião e a sociologia do cangaço. Rio de Janeiro: Gráfica Editora do Livro, 1977.

CASCUDO, Luis da Câmara. Literatura Oral no Brasil. São Paulo: Glibal Editora, 2006.

CERTEAU, M. A escrita da história. São Paulo: Forense, 1996.

CHANDLER, Billy Jaynes. Lampião, o Rei dos Cangaceiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

CHARTIER, R. Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico. Estudos Históricos, n.16, p. 179-192, 1995.

CONRADO, Juarez. A última semana de Lampião. Aracaju: SEEC, s/d.

CUNHA, Euclides. Os Sertões: Campanha de Canudos. 35. ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1991.

CURRAN, Mark. História do Brasil em Cordel. Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

DAUS, Ronald. O Ciclo Épico dos Cangaceiros na Poesia Popular do Nordeste. Rio de Janeiro: 1982.

DEBS, Sylvie. Introdução in Patativa do Assaré: Uma Voz do Nordeste. 2. ed. São Paulo: Hedra, 2000.

DEBS, Sylvie. Cinema e Literatura no Brasil. Os mitos do sertão. Emergência de uma identidade nacional. Belo Horizonte: Editora C. Arte, 2010.

DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. Regionalização e inter-regionalização da cultura. Brasília: DAC, 1977.

DURAND, Gilbert. As estruturas antropológicas do imaginário – introdução à arquetipologia geral. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

ELIADE, M. Mito e Realidade. São Paulo: Ed. Perspectiva S.A., 1972.

FACÓ, Rui. Cangaceiros e fanáticos: gênese e lutas. 7ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

- FEITOSA, Neri. As Virtudes do Padre Cícero. Juazeiro do Norte:edições IPESC,1991.
- FEITOSA, Neri. Padre Cícero e Juazeiro: Textos Reunidos. Editora IMEPH, 2011.
- FERREIRA, A. B. H. Novo dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FERREIRA NETO, Cicinato. A misteriosa vida de Lampião. Fortaleza: Premius, 2010
- FERREIRA, Vera. De Virgulino a Lampião. São Paulo: Ideia Visual,1999
- FILHO, Pellegrini Américo. Literatura de Cordel continua viva no Brasil . O Estado de S. Paulo, São Paulo, 18 jan. 1997.
- FLEUR, Melvin. Teoria da Comunicação de Massa. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1976.
- GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Leituras de cordel em meados do século XX: oralidade, memória e mediação do outro'. In: ABREU, Márcia e SCHAPOCHNIK, Nelson (orgs). Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas. São Paulo: Mercado das letras, 2005.
- GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.
- GOODY, Jacky. Da oralidade à escrita – Reflexões antropológicas sobre o ato de narrar. In: Romance, 1: A cultura do romance. MORETTI, Franco (org.). São Paulo: Cosac Naify, 2009. Tradução de Denise Bottmann.
- GUIMARÃES, Therezinha Stella. Padre Cícero e a Nação Romeira: Estudo Psicológico de um “Santo” no Catolicismo Popular. Fortaleza: Editora IMEPH, 2011.
- HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. Trad. Laurent Léon Schaffler. São Paulo: Ed. Centauro, 2004.
- HARK, H. Léxico dos conceitos junguianos fundamentais: a partir dos originais de C. G. Jung. São Paulo: Loyola, 2000.
- HOBBSAWM, Eric J. Bandidos. Rio de Janeiro: Forense Universitária,1975.
- HOLANDA, Sérgio Buarque, *Raízes do Brasil*, Rio de Janeiro, José Olímpio, 1978, p. 65.
- ISER, Wolfgang. O ato de leitura: Uma teoria do efeito estético. Vol. 1. São Paulo: Editora 34, 1996.
- KUNZ, Martine. Cordel: a voz do verso. 2ª Ed. Fortaleza: Museu do Ceará, 2011.
- LAPLANTINE, TRINDADE. O que é imaginário. São Paulo: Brasiliense, 1997.
- LINS, Daniel. Lampião: o homem que amava as mulheres. São Paulo: Annablume, 1997.
- LOPES, Régis. O meio do mundo: territórios do sagrado em Juazeiro do Padre Cícero. São Paulo-SP: PUC-SP, 2000.
- LOPES, Régis. Padre Cícero. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000.

- LOPES, Ribamar. Antologia da Literatura de Cordel. 2.ed. Fortaleza- Ceará,____
- LUYTEN, Joseph. A notícia na literatura de cordel. São Paulo: Estação Liberdade, 1992.
- MACEDO, Nertan. Lampião: Capitão Virgulino Ferreira. Rio de Janeiro: Renes, 1975.
- MACHADO, Maria Christina Matta. As táticas de guerra dos cangaceiros. São Paulo: Brasiliense, 1978.
- MACHADO, Paulo de Tarso Gondim. O Padre Cícero e a Literatura de Cordel: fenomenologia da devoção ao Padre Cícero. Gráfica Editorial Cearense LTDA. Fortaleza, 1982
- MARCIEL, Frederico Bezerra. Lampião, seu tempo e seu reinado (um capítulo na evolução social do Nordeste). Recife: UFPE/ Editora Universitária, 1979.
- MEDEIROS, Daniel H. de. Padre Cícero: O Santo do Povo? São Paulo: Editora do Brasil, 1989.
- MELLO, Frederico Pernambucano de. Guerreiros do sol: violência e banditismo no Nordeste do Brasil. São Paulo: A girafa, 2005.
- MELLO, Frederico Pernambucano de. Quem foi Lampião? Recife - PE: Editora Stahli,1993.
- MEYER, Marlyse. Autores de cordel: seleção de textos e estudo crítico por Marlyse Meyer. 1. ed. São Paulo: Abril, 1980.
- MONTENEGRO, Abelardo F. (In Memoriam) Fanáticos e Cangaceiros. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2011.
- MORETTI, Franco (Org.). O Romance. A Cultura do Romance. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Cosacnaify, 2009. p. 35-67.
- NETO, Lira Padre Cícero: poder, fé e guerra no sertão. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- NOBRE, Edianne. O Teatro de Deus - As beatas Padre Cícero e o Espaço Sagrado de Juazeiro: 1.ed.Fortaleza: Editora IMEPH,2011
- O POVO. Juazeiro do Norte em tempo de romaria. Fortaleza: 1999.
- OLIVEIRA, Aglae Lima de. Lampião, Cangaço e Nordeste. 2.ed. Rio de Janeiro: Edições Cruzeiro,1953.
- OLIVEIRA, C.D.M. de. Turismo Religioso. São Paulo: Aleph, 2004.
- PERICÁS, Luis Bernardo. Os cangaceiros: ensaio de interpretação histórica. São Paulo: Boitempo, 2010.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Os cangaceiros. São Paulo: Duas Cidade, 1977.

- RABELLO, Sylvio. Os Artesãos do Padre Cícero: Condições sociais e econômicas do artesanato de Juazeiro do Norte. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1967.
- RIBEIRO, Lêda Tâmega. Mito e Poesia Popular. Rio de Janeiro. FUNARTE/ Instituto Nacional do Folclore, 1985.
- ROCHA, Melquiades da. Bandoleiros das caatingas. Rio de Janeiro: Noite, 1941.
- ROSENFELD, Anatol. O fenômeno teatral. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- SANTOS, Idelette Muzart-Fonseca. Cantoria, romanceiro & cordel. Trad. De Márcia Pinheiro. Salvador: SCT, 2006.
- SOUZA, Candice Vidal. A pátria geográfica: sertão e litoral no pensamento social brasileiro. Goiânia: Ed. UFG, 1997.
- TAVARES, Júnior, Luiz. O Mito na literatura de cordel: Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, 1980.
- TERRA, Rute Brito Lemos. Memórias de Lutas: Literatura de folhetos no Nordeste (1893 a 1930). São Paulo: Global Editora, 1983.
- TINHORÃO, José Ramos. Cultura popular: temas e questões. 2.ed. São Paulo: Editora 34, 2006.
- THOMPSON, Edward Palmer. Costumes em Comum. Estudos Sobre a Cultura Popular Tradicional. Companhia das Letras, São Paulo, 2005.
- TONNIES, Ferdinand. Community and Society. Trad. De Charles Loomis. Nova Iorque, Haper, 1963.
- VELOSO, G. Candeias: a fé anônima de um povo. Petrópolis: Vozes, 2001.
- VIANA, Arievaldo. Cordel: apogeu, decadência e revitalização. Revista Marco Social. Rio de Janeiro, nº 10, p. 8-9, julho de 2008.
- ZUMTHOR, Paul. A letra e a voz: a “literatura” medieval. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- WILLIAMS, Raymond. Cultura. Rio de Janeiro: Paz e Terra. (1992)

Bibliografia dos Folhetos Consultados

ACOPIARA, BEZERRA, Moreira de, Jonas. De Virgulino a Lampião. São Paulo: Editora Luzeiro, 2012.

ATAHYDE, João Martins. O Retirante. 3ª reimpressão. São Paulo: Hedra, 2005

AMÉRICO, Antônio de. Lampião e sua história contada toda em cordel. São Paulo: Editora Luzeiro, 2005.

BATISTA, Abraão. As Profecias do Padre Cícero. 4ª edição. Juazeiro do Norte, 1979.

BATISTA, Abraão. Padre Cícero e a Cura de um Louco. 1ª edição. Juazeiro do Norte, 1990.

BATISTA, Abraão. Os 4 Sonhos Reveladores do Padre Cícero. 2ª edição. Juazeiro do Norte, 2010.

BATISTA, Abraão. O Nascimento do Padre Cícero, Juazeiro do Norte. Juazeiro do Norte, s/d.

BATISTA, Abraão. Quando Padre Cícero chegou ao Juazeiro do Norte. 1ª edição. Juazeiro do Norte, 1994.

BATISTA, Abraão. Respeitem o Padre Cícero e o povo do Juazeiro do Norte. Juazeiro do Norte, s/d.

BATISTA, Hamurábi. A história do Cangaco. Juazeiro do Norte, s/d.

BATISTA, Hamurábi. A oração de fechamento de corpo que Padre Cícero de a Lampião. Juazeiro do Norte, s/d.

CABOCLO, Manoel. A Visita dor Romeiros como era Antigamente. São Paulo: Hedra, 2010.

CAVALCANTE, Rodolfo, Coelho. A CHEGADA DE Lampião no Céu. São Paulo: Editora Luzeiro, 1959.

D'ALMEIDA, Manoel Filho. Os cabras de Lampião. São Paulo: Editora Luzeiro, 1965.

D'ALMEIDA, Manoel Filho. Padre Cícero: O Santo do Juazeiro. São Paulo: Editora Luzeiro, s/d.

FERREIRA, Gonçalo, da Silva. O Capitão do Cangaco. Editora RALP. _____, 1993.

IVO, José de Souza. Nascimento, vida e morte de Padre Cícero Romão de Juazeiro do Norte. Ceará: Tupyniquim Editora, 2011.

FIRMINO, João, Cabral. Lampião: Herói ou Bandido? Ceará: Tupyniquim Editora

- JOÃO, José dos Santos. O que é Literatura de Cordel? 2ª edição. Ceará: Tupyniquim Editora, 2010.
- JOSÉ, Severino da Silva. 150 Anos do Nascimento do Padre Cícero Romão. _____, s/d.
- JOSÉ, Severino da Silva. O Valor da Oração e o Mistério do Rosário. _____, s/d.
- MATILDE, Maria. A História de Padre Cícero. 2ª edição. Fortaleza, CECORDEL, 2006.
- PANELAS, Oliveira de. A volta do Padre Cícero. São Paulo: Hedra, 2010.
- NASCIMENTO, Verneci. Visita de Lampião a Padre Cícero no Céu. São Paulo: Editora Luzeiro, 2010.
- NETO, Edson. Lampião um Homem Fora da Lei. Fortaleza, CECORDEL, 2008.
- PACHECO, José da Rocha. A chegada de Lampião no inferno. _____, 2006.
- RODRIGUES, Manoel Tenório. A Morte de meu padrinho Cícero. _____, 1934.
- SEBASTIÃO, Expedito da Silva. A Opinião dos Romeiros sobre a Canonização do Pe. Cícero pela Igreja Católica. São Paulo: Hedra, 2000.
- SENNA, Costa. Lampião e seu Escudo Invisível. São Paulo: Editora Luzeiro, 2009.
- TEODORO, Antônio, dos Santos. Lampião o Rei do Cangaço. São Paulo: Editora Luzeiro, 2010.
- VIANA, Aldo. Padre Ibiapina: O Apóstolo do Nordeste. Ceará: Tupyniquim Editora, 2010.